

Carlos Augusto Pereira dos Santos

CAMOCIM

de porto e alma:

História e cotidiano



Editora
**SER
TÃO
CULT**
10 anos



Carlos Augusto Pereira dos Santos

Professor Adjunto do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Graduado em Estudos Sociais e História pela UVA (1990 e 2015). Mestre em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ (2000) e Doutor em História do Norte e Nordeste do Brasil pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE (2008), pós-doutor em Estudos Culturais do Programa Avançado de Cultura Contemporânea PACC/UFRJ (2016). Autor de vários livros sobre história local, especialmente nas temáticas do cotidiano, cultura, história do trabalho e trabalhadores. É membro do Coletivo de Historiadores de Camocim.



Carlos Augusto Pereira dos Santos

CAMOCIM

de porto e alma:

História e cotidiano

Sobral - CE
2024

Editora

**SER
TÃO
CULT**

10 anos

CAMOCIM DE PORTO E ALMA

© 2024 copyright by: Carlos Augusto Pereira dos Santos.
Série História Camocinense - Tomo 4 - Volume 2
Impresso no Brasil/Printed in Brazil



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222
contato@editorasertaocult.com.br
sertaocult@gmail.com
www.editorasertaocult.com.br

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico
Marco Antonio Machado

Coordenação do Conselho Editorial
Antonio Jerfson Lins de Freitas

Conselho História

Ana Paula Gomes Bezerra
Andreia Rodrigues de Andrade
Antonio Iramar Miranda Barros
Camila Teixeira Amaral
Cícero João da Costa Filho
Cid Moraes Silveira
Felipe Azevedo Cazetta
Francisco Dênis Melo
Geranilde Costa e Silva
Gilberto Gilvan Souza Oliveira
João Batista Teófilo Silva
Juliana Magalhães Linhares
Maria Aparecida de Sousa
Raimundo Alves de Araújo
Regina Celi Fonseca Raick
Telma Bessa Sales
Tito Barros Leal de Pontes Medeiros
Valéria Aparecida Alves
Viviane de Souza Lima

Revisão

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Diagramação e capa

João Batista Rodrigues Neto

Catálogo

Leolgh Lima da Silva - CRB3/967



S237c Santos, Carlos Augusto Pereira dos.
Camocim de porto e alma. / Carlos Augusto Pereira dos Santos. -
Sobral CE: Sertão Cult, 2024.

112p.
Série História Camocinense - Tomo IV- Volume II

ISBN: 978-65-5421-126-0 - papel
ISBN: 9978-65-5421-125-3 - e-book - pdf
Doi: 10.35260/54211253-2024

1. Cultura- Camocim-CE. 2. História Cearense. 3. Camocim-CE. I.
Título.

SUMÁRIO

Apresentação	5
Dos tremembés aos sesmeiros.....	7
Conhecendo a barra do Camocim	13
É expressamente proibido”: natureza e cultura na villa de Camocim-CE (1883-1921).....	17
A história passa por esse porto e corre por esses trilhos	27
Dos Tremembés aos Gabriéis.....	28
A atividade porto-ferroviária.....	29
Sua alteza Maria Fumaça.....	33
Trabalho e mutualismo:a experiência da sociedade beneficente ferroviáriaem Camocim-1930-1980.....	37
A Cidade Vermelha de R. Batista Aragão	45
CEPI - Colégio Estadual ProfessorIvan Pereira de Carvalho.....	49
Introdução	49
O Homem	50
Biografia.....	52
A Obra.....	55
Efemérides.....	60
Post Scriptum.....	67
O Tiro de Guerra de Camocim	69
Igrejinha de São Francisco – Bairro São Francisco	75
Efeméride.....	75
JK em Camocim.....	79
Filhos deste solo	83
Entre os 1001 “notáveis” do Ceará – os camocinenses na obra de F. Silva Nobre	83
Lions Clube de Camocim – Festa dos Destaques de 2002	88

A Cidade Vermelha e “Chico Theodoro” foram parar na Olimpíada Nacional de História do Brasil 2019 93

O chá de burro:nosso patrimônio imaterial 95

 Justificativa95

 Objetivos.....99

 Metodologia100

 Material e Métodos.....100

 Anexos103

Do livro para o teatro: as memórias “Entre o porto e a estação” 111

 Perfil dos Personagens:111

Memória Iconográfica de Época 113

Referências..... 121

APRESENTAÇÃO

Em 2009, Camocim comemorou 130 anos de emancipação política. Este trabalho foi feito para ser lançado naquela ocasião. Catorze anos depois, decidimos tirar o Camocim de Porto e Alma da gaveta, pretendendo dar mais um passo na construção de nossa memória e história. Naquele ano, escrevemos uma singela apresentação do livro que não foi publicado e que agora vem a lume. Voltemos um pouco no tempo:

Do nosso ofício e nas limitações de minhas posses, o único presente que posso dar ao povo camocinense é este – uma obra histórica -, com todos os problemas, vícios, opiniões, escolhas e limitações que caracterizam uma pesquisa histórica. Para isso acontecer, vínhamos amadurecendo e coletando informações ao longo do tempo, guardando-as e resguardando-as para este momento, posto que não cabiam ou não couberam em trabalhos anteriores. Para isto, tentamos nos disciplinar na feitura da obra, dedicando-lhe duas horas diárias do nosso já escasso tempo. Sacrificamos horas de bate-papo etílico com os colegas do Bar da Nazaré e do Grijalba. A família, mais uma vez, nos perdoou pelas horas furtadas. Mas, é assim mesmo, escrever é um ato solitário, porém, para o escritor a grande satisfação é dispor o fruto dessa solidão para a coletividade.

O texto resultante deste trabalho é uma parcela do esforço de pesquisa que vem se construindo há mais de uma década de estudos. A partir do ingresso na Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA em 1994, que o Prof. CARLOS AUGUSTO PEREIRA DOS SANTOS priorizou a pesquisa sobre nosso município. Desde o Curso de Especialização em Teoria e Metodologia da História, realizado em 1996 em Sobral, passando pelo Mestrado em História Social na Universidade Federal do Rio de Janeiro e Universidade Federal do Ceará e, agora culminando com o Doutorado em História do Norte e Nordeste na Universidade Federal de Pernambuco, que Camocim é o norte de nosso trabalho.

Nestes estudos, várias possibilidades de investigação foram se concretizando. Afora as exigências acadêmicas, no entanto, outros campos de investigação afluíram no transcurso de sua caminhada, fazendo com que surgissem outros projetos de socialização das informações que vem colbendo. Esta é apenas uma dessas pro-

*postas. Neste sentido, **Camocim de Porto e Alma – história e cotidiano** procura preencher uma lacuna sobre a história e a memória do nosso município.*

O que estamos apresentando é um pouco disso – reflexão sobre o nosso passado dentro da interpretação que faz o historiador dos fatos, além do aspecto informativo que o texto procura imprimir, tendo a pretensão de ser uma fonte de pesquisa sobre nossa cidade e sobre nós, buscando uma compreensão em que se alia a análise textual com a riqueza iconográfica. As imagens aqui inclusas já são de domínio público e nos levam a um mergulho no passado e que, contrapostas com algumas outras mais recentes, sugerem outras percepções.

Por isso, desde já a explicação do título da obra – a intrínseca relação com o porto, vindo daí sua origem e gênese -, nos legando uma cidade portuária, aliado àquilo que “animou” o período de intenso progresso proporcionado pelas atividades do porto e da ferrovia. Daí, não apenas a frieza dos documentos, mas a emoção da subjetividade dos depoimentos contidos nas páginas deste trabalho constitui a alma do camocinense retratado aqui.

Camocim, abril de 2009.

Camocim, julho de 2023

DOS TREMEMBÉS AOS SESMEIROS

Os primeiros registros da região do Camocim, seja na análise dos historiadores ou na documentação administrativa, quase sempre estão ligados à presença de indígenas e às tentativas de estabelecimentos de colonos e os respectivos confrontos. Por outro lado, a presença de estrangeiros na exploração dos recursos naturais e sua relação com os nativos é outro aspecto a ser ressaltado. É essa presença estrangeira, inclusive, que forçaria a atenção dos colonizadores para a região. Desta forma, como se sabe, a divisão do território em capitanias parecia ser uma solução para a colonização. No caso do Ceará, os donatários não se interessaram de pronto pela empreitada e as relações dos corsários estrangeiros com os indígenas ficaram facilitadas, mas a distribuição dos lotes ficou desta forma:

1º LOTE – Concedido a João de Barros e seu companheiro Aires da Cunha – constante de porção costeira de 50 léguas, a começar da Ilha da Traição (Rio Grande do Norte) e a terminar na Angra dos Negros (Paracuru), em território cearense.

2º LOTE – Doado a Antônio Cardoso de Barros – Media 40 léguas de extensão costeira, a partir da Angra dos Negros e a confinar com o Rio da Cruz (Camocim), envolvendo porção inteiramente cearense.

3º LOTE – Concedido a Fernão Álvares de Andrade - Começava no Rio da Cruz e projetava-se em busca do Maranhão, numa extensão de 75 léguas, indo confrontar com o delta parnaibano, nos extremos divisantes de Tutóia.¹

Somente a partir da segunda metade do século XVII que a região de Camocim passa a ter alguma visibilidade, seja como lugar de descanso e reabastecimento de tropas rumo à Ibiapaba, de expedições exploratórias holandesas, como veremos mais adiante, ou de realocamento de grupos indígenas fugidos de outras refregas na capitania.

Neste sentido, dentro do contexto da Guerra da Restauração, que tinha como objetivo expulsar os holandeses da Capitania de Pernambuco, a região aparece na crônica da guerra, como assinala o historiador Ronaldo Vainfas:

1 Aragão, 1990, p. 19-20.

Outro chefe notável do chamado “partido holandês”, entre os potiguaras, foi Antônio Paraopaba, guerreiro afamado, responsável por várias vitórias holandesas na fase do domínio holandês contra os restauradores de 1645. Foi um dos chefes dos massacres perpetrados pelos holandeses em Cunhaú e Uruaçu, no Rio Grande, em 1645, respectivamente em julho e outubro, e comandante da retirada dos índios para a Serra da Ibiapaba, no Ceará, depois da derrota holandesa de 1654.²

Antes da deflagração da Guerra da Restauração, os holandeses prosseguiram, na conquista de capitanias vizinhas. No Ceará, Gedeon Morris de Jonge veio em busca de riquezas, principalmente o valioso sal. Maurício de Nassau, príncipe tornado Governador do Brasil-holandês, já comunicara ao Conselho da Companhia das Índias ocidentais, a esperança de encontrar esse minério no Ceará, no ano de 1637. Depois de descobrir sal no Rio Grande do Norte e disputar índios com outros colegas exploradores holandeses, Gedeon Moris rumou para procurar sal e outros produtos em *Commeçi* (Camocim). A historiadora Rita Krommen relata:

A expedição para Camocim valeu a pena. Gedeon Morris encontrou outra salina rendosa, distante da costa apenas 1700 passos. O porto prestava-se também ao carregamento de navios. Por outro lado, viviam nos arredores 30 tribos tapuias, das quais apenas dez eram aliadas dos holandeses. Por isso queria o zelandês ir ao interior da região, a fim de atrair mais índios para os seus homens através de atitudes humanas e de bom tratamento. Também não esqueceu de preparar uma determinada quantidade de madeira corante para a exportação.³

A expedição de Gedeon Morris data de 1641 e, ao que tudo indica, a exploração foi promissora, ao ponto dos holandeses terem erguido “forte em Camocim; além disso Jericoacoara, e bem possivelmente depois de novembro de 1641, sendo administrado por Jorge Evers”.⁴ Em 1644, estes fortes, além do principal, fincado às margens do Rio Ceará, foram atacados pelos índios, que se rebelaram e trucidaram a “guarnição flamenga”.

O conhecimento da região pelos holandeses pode explicar certa descendência e ancestralidade de algumas famílias aqui reassentadas após os conflitos na Capitania de Pernambuco. Neste sentido, é provável que não somente índios foram realocados para a Ibiapaba, assim como, alguns holandeses e mesmo índios podem ter se desgarrado desta empresa e se fixado ao longo da costa.

2 Vainfas, 2008, p. 48.

3 Krommen, 1997, p. 56.

4 Idem, p. 281, nota 153.

A estratégia dos holandeses de se aliarem aos índios para lutarem contra os portugueses também foi usada por estes na luta contra os franceses, na conquista da Capitania do Ceará, como ressalta Ronaldo Vainfas:

Nem por isso deixaram de tentar as alianças possíveis, para o que se valeram, no contexto da resistência, do capitão Martim Soares Moreno, veterano no trato com os índios desde que, aos dezoito anos de idade, em 1602, fora enviado pelo tio, o sargento-mor Diogo de Campos Moreno, para viver entre os potiguaras, no Rio Grande. Tornou-se grande amigo do chefe Jacaúna e chegou a guerrear ao lado dos potiguaras contra os franceses, nu e pintado de jenipapo, na conquista do Ceará, em 1612.⁵

Na conquista e colonização do território da Capitania do Ceará, vários caciques mereceram destaque por essas alianças com franceses, holandeses e eventualmente portugueses. Abaixo, destacamos alguns que mereceram registro na historiografia e que, de alguma forma, agiram e habitaram a região de Camocim:

Amaniú (Algodão) – Cacique potiguara. Ofereceu e deu ajuda aos holandeses, auxiliando-os com duzentos índios na tomada do forte do Ceará. Em 1637, André Vidal de Negreiros recebeu ordens do Reino para afugentá-lo. O cacique deixou sua aldeia às margens do Rio Ceará e foi se estabelecer no Camocim. Deram-lhe o nome de Domingos Ticuna. Ainda em 1656, o Rei recomendava a Vidal de Negreiros nova ação contra este maioral.

[...]

Cobra Azul – Índio tabajara, do Ceará. Era filho de Amaniú. Rebelou-se contra o padre Luís Figueira e acabou migrando para o Maranhão (Século XVII).

[...]

Tatupeba (Tātu Chato) – Cacique de Camocim, Ceará.⁶

Como se percebe, na administração da Capitania, os conflitos com a população indígena é uma constante nos documentos. Voltando-se ao caso do maioral Amaniú ou Algodão, os registros de Domingos de Sá Barbosa se ocupam de sua rebeldia, como assinala R. Batista Aragão:

5 Vainfas, Op. Cit., p. 51.

6 Cordeiro, 1989, p. 203-208.

Nomeado por Patente Régia de 13 de setembro de 1655, assume o governo em data que a história não revela exatamente, porém a se realizar antes do final desse ano. Inexistem, também, registros biográficos desse governante, assim como escassos são os documentos relativos no seu período de administração. Sabe-se, entretanto, que o seu relacionamento com os índios foi marcado por sérias divergências, notadamente com relação ao chefe nativo João Algodão. Por haver caído no desagrado oficial do governo, João Algodão transferiu-se para Camocim, não só para livrar-se das perseguições que lhe eram movidas, como também para montar frente de hostilidades ao seu desafeto. Em virtude dessa conflitante situação, resolveu André Vidal de Negreiros, então chefe do Estado-Geral do Brasil, propor à Corte um forte para Camocim (09-02-1656), aparelhado com quatro peças de artilharia e guarnecido por 25 soldados. Esse forte, no entanto, ficou apenas no papel, se bem que aprovado pela Corte, porém esquecido em sua edificação.⁷

Os conflitos com indígenas permaneceriam por muito tempo, posto que envolviam quase sempre a questão da terra. O expediente de doação de terras em forma de sesmarias⁸ agravaria ainda mais o problema, visto que a colonização baseada na pecuária expulsaria ainda mais as populações indígenas para o interior da capitania. Segundo André Frota de Oliveira:

A posse da terra ocupada era legalizada através da obtenção de cartas de sesmarias, instituto do qual lançou mão a Coroa portuguesa para efetivar o povoamento de sua possessão na América, cabendo inicialmente aos donatários de capitanias ou seus representantes a atribuição para expedi-las; ao depois tal atribuição passou ao governador geral e, finalmente, aos capitães-mores governadores das capitanias.⁹

Requisitadas primordialmente para a criação de gado, os peticionários de glebas de terra faziam o pedido por escrito informando o lugar de morada e a localização da terra pretendida. Sem entrar no mérito das disputas territoriais e dos privilégios dessas doações, apresentamos abaixo uma relação de sesmeiros que colonizaram a

7 Aragão, *Op. Cit.*, p. 133-134.

8 "As primeiras sesmarias foram dadas ao longo da praia; mas logo seguiam pelos estuários, rio acima, pelos afluentes principais, com três léguas em geral de comprimento, com uma ou meia légua de largo para cada ilhargá. Em breve, os rios e os riachos mais acessíveis estavam ocupados, e recorria-se então às terras de sobra ou *sobrados*, isto é, às terras que excediam as concessões ribeirinhas, entre os cursos d'água datados paralelos ou aproximadamente paralelos" (Pompeu Sobrinho, 1937, p. 132).

9 Oliveira, 2006, p. 6.

região de Camocim, como forma de conhecermos estes agentes colonizadores, assim como podermos pensar como se configurou muito da nossa estrutura fundiária atual. Algumas sesmarias não se referem à região, mas figuram no documento original.

Figura 1 - Sesmarias referentes ao atual território de Camocim

- 46 -	entre as fazendas <i>Varzea</i> e <i>Camorupim de Lima</i>, concedida pelo Governador João Carlos Augusto d'Oeynhausent, em 20 de abril de 1808 (n. 683—vol. 8.º—pag. 206). (Rio) Data e sesmaria do capitão Domingos Machado Freire, de três leguas de terra no rio <i>Camuci</i>, concedida pelo capitão-mór Pedro de Moraes Magalhães, em 8 de setembro de 1750 (n. 547—vol. 7.º—pag. 105). (Rio) Registro da data e sesmaria de José Cerqueira Magalhães, de uma posse de terra de três leguas no rio <i>Camocoy</i>, concedida pelo capitão-mór Manoel da Fonseca Jayme, em 4 de fevereiro de 1717 (n. 44 — vol. 10.º—pag. 81). (Rio) Registro da data e sesmaria de Miguel Machado Freire e seus irmãos, de uma sorte de terra de três leguas, para cada um, no rio <i>Camocim</i>, concedida pelo capitão-mór Manoel Francez, em 3 de janeiro de 1724 (n. 104—vol. 11.º—pag. 164). (Rio) Registro da data e sesmaria do capitão Miguel Machado Freire e seu irmão José Machado, de uma sorte de terra no rio <i>Camocim</i>, concedida pelo capitão-mór Gabriel da Silva do Lago, em 23 de junho de 1710 (n. 106—vol. 11.º—pag. 206). (Rio) Registro da data e sesmaria do comissário geral Pedro da Rocha Franco e seus filhos, de uma sorte de terra de três leguas, para cada um deles, entre os rios <i>Camocim</i> e <i>Timona</i>, concedida pelo capitão-mór Manoel Francez, em 11 de março de 1723 (n. 68—vol. 11.º—pag. 108). (Rio) Data e sesmaria do capitão Domingos Machado Freire e seu companheiro, de cinco leguas de terra no rio <i>Camocim</i>, concedida pelo capitão-mór Pedro de Moraes Magalhães, em 4 de fevereiro de 1751 (n. 551—vol. 7.º—pag. 113). NOTA — O coronel Ignacio Machado Freire foi o companheiro referido.	47 CAMORIPY (Riacho) Registro da data e sesmaria do sargento-mór Thomaz Ferreira de Vêras, de uma sorte de terra de três leguas por uma de larg, em o <i>riacho Camoripy</i>, concedida pelo capitão-mór Leonel de Abreu de Lima, em 23 de fevereiro de 1733 (n. 56—vol. 12.º—pag. 81). Vide <i>Riacho Camorupim</i>. CAMORUPIM CAMPOS DA BURBU-RUTAMA Registro da data e sesmaria do capitão-mór Francisco Pereira Chaves, de uma sorte de terra de três leguas, no lugar chamado <i>Campos da Burburutamã</i>, concedida pelo capitão-mór Leonel de Abreu de Lima, em 24 de junho de 1731 (n. 20—vol. 12.º—pag. 27). CAMPOS DA URUBU-RETAMA Data e sesmaria de Manoel Gomes Ramos, de duas sortes de terra, uma no rio <i>Castilho</i> e a outra nos campos da <i>Uruburetama</i>, concedida pelo capitão-mór Pedro de Moraes Magalhães, em 7 de agosto de 1750 (n. 542—vol. 7.º—pag. 94). CAMPOS DO HIRASSA Registro da data e sesmaria de Leandro da Silva Vieira, de uma sorte de terra no <i>riacho situado nos Campos do Hirassã</i>, concedida pelo capitão-mór Manoel Francez, (n. 187—vol. 11.º—pag. 278). CAMUCI (Ribeira do) Data e sesmaria de D. Ignacio Machado, e mais companhias, de seis leguas de terra entre as ribeiras do <i>Camuci</i> e <i>Parnahiba</i>, no <i>riacho da Yana</i>, junto ao morro d'a Tiaya, concedida pelo capitão-mór Gabriel da Silva do Lago, em 9 de dezembro de 1706 (n. 182—vol. 3.º—pag. 106). CAMUCI (Rio) Data e sesmaria de Pe. Asenço Gago, de duas leguas de terra no rio <i>Camuci</i>, concedida pelo capitão-mór Gabriel da Silva do Lago, em 3 de setembro de 1706 (n. 147—vol. 3.º—pag. 32). Data e sesmaria de D. Jacob de Souza, de legua e meia de terra, no rio <i>Camuci</i>, concedida pelo capitão-mór Gabriel da Silva do Lago, em 4 de
- 48 -	CAMUCI (Rio) setembro de 1706 (n. 149—vol. 3.º—pag. 37). Data e sesmaria de D. Catharina Ribeiro de Moraes, de legua e meia de terra no rio <i>Camuci</i>, concedida pelo capitão-mór Gabriel da Silva do Lago, em 4 de setembro de 1706 (n. 150—vol. 3.º—pag. 40). Data e sesmaria de D. Simão de Vasconcelos, de duas leguas de terra no rio <i>Camuci</i>, concedida pelo capitão-mór Gabriel da Silva do Lago, em 4 de setembro de 1706 (n. 151—vol. 3.º—pag. 42). Data e sesmaria do capitão Miguel Machado Freire, e seus irmãos, de legua e meia de terra, entre o rio <i>Camuci</i> e o <i>riacho da Tiaya</i>, concedida pelo capitão-mór Gabriel da Silva do Lago, em 22 de novembro de 1706 (n. 176—vol. 3.º—pag. 93). CAMUNHEQUE (Riacho) Data do capitão Manoel Ignacio Bezerra e seu irmão, de três leguas de terra entre os rios <i>Mundo Novo</i> e <i>Camunheque</i>, na ribeira do <i>Riacho do Sangue</i>, concedida pelo capitão-mór João Baptista de Azevedo Coutinho de Montauray, em 8 de março de 1787 (n. 614—vol. 8.º—pag. 35). CAMURUPIN (Riacho) Data e sesmaria do coronel Domingos Ferreira de Vêras, de três leguas de terra entre os rios <i>Ubatuba</i> e <i>Camurupim</i>, concedida pelo capitão-mór Salvador Alves da Silva, em 4 de setembro de 1719 (n. 456—vol. 6.º—pag. 150). CANDÉA (Riacho do) Data e sesmaria de Manoel da Costa Ribeiro, de meia legua de terra, no comprimento, e uma na largura, no <i>riacho do Candéa</i>, concedida pelo governador Manoel Ignacio de Sámano, em 29 de outubro de 1812 (n. 699—vol. 8.º—pag. 243).	

Fonte: Pompeu Sobrinho, 1962

CONHECENDO A BARRA DO CAMOCIM

Recortemos aqui parte do trabalho feito pelo práctico da Costa Norte do Brasil, Felipe Francisco Pereira, publicado em 1877. O referido trabalho, que compreendeu “todos os portos, barras e enseadas, e indicando a maneira de demandal-os; a navegação dentro e fora do canal de S. Roque e as derrotas com as marcas para bordejar no mesmo”, traz em minúcias, relevantes informações sobre o Porto de Camocim além de gravuras dos acidentes geográficos, configurando-se assim, como um lídimo documento de como navegar em nossa costa. Abaixo, as anotações do práctico referentes à nossa região:

Do morro Jeriquaquara ao Rio Timonha

Ao O, na distancia de 48 milhas do Morro Jeriquaquara, está a Barra do Rio Timonha, havendo nesse espaço: Rio Guriú, Morro das Cabaceiras, Morro das Moreias, Enseada das Imburunas, Rio do Feijão, Barra do Camocim, Morro do Trapiá, Morro do Tipuyú, Barra do Remedio, Morros do Paraná-meirim, Enseada das Almas e Barra do Rio Tomonha.

O Rio Guriú, que fica um pouco ao N da enseada de Jeriquaquara, tem duas boccas, e ambas tão seccas que na baixa-mar passam-sea vão; por elle sobem pequenas canôas, até próximo à Fazenda denominada – Tatajuba – uma legoa distante da costa.

O Morro das Cabaceiras, é formado por grandes dunas, junto ao qual despeja um riacho que traz sua origem de uma grande lagôa que lhe fica ao S, na qual fazem-se grandes pescarias no inverno. Aqui á beira-mar há algumas casas de nenhuma importância, e um sitio de coqueiros.

A Enseada das Imburunas, cujo terreno é igual, coberto de matto, com pequenas praias, tem a E grandes medões de areia, e só um pouco aproximado da costa se póde distinguir algumas casinhas, que ao longe parecem moutas. Esta enseada, não dá abrigo, por ser cheia de cabeços de pedra que se estendem para o N acompanhando a costa á distancia de 3 milhas, e começam desde o Morro das Moreias até o pontal do O desta enseada, onde terminam. Pelo centro apparecem trez serrotes Taia, Aratanhym e Arapuá.

O rio do Feijão, que despeja na enseada de que acima fallámos, é um braço do Camocim, o qual fórma uma pequena Ilha que vem a ser o pontal de leste da barra. Esta Ilha é terreno de areia, mas, bem empastada, pelo que torna-se apta para a criação de gados.

Em frente á barra deste rio encontra-se 4 e 6 metros d'água e alli offerece-se ancoradouro para esperar maré.

A Barra do rio Camocim, é toda circundada de bancos e recifes, sendo a entrada desta por entre os mesmos; aqui há duas bóias desiguaes em tamanhos. Nesta entram navios até 12 pés de calado, apesar de ser ella mudável e o canal ser por cima dos referidos bancos, como dissemos; elles correm do NO ao SE por espaço de 3 milhas. Esta barra alguma vezes está mais ao N e outras mais ao S.

A povoação, que conserva o nome do rio, tem bastantes casas, e apresenta algum progresso; ella acha-se collocada á margem occidental do rio, ficando a leste da mesma o ancoradouro. Há dous armazéns pertencentes ás duas companhias de vapores costeiros que tocam nesse porto, nos quaes recolhem-se as cargas e carregamentos destinados á cidade do Granja, que está a 7 leguas acima.

Os navios costumam descarregar atracados aos trapiches, mas é necessário que tenham estes bons cabos para resistir ás fortes ventanias que alli se levantam nas epochas de verão, e a correnteza do rio no tempo das cheias. Por este podem subir navios de 15 pés de calado até o Porto Francez, 5 leguas distante da mesma; além desse lugar, porém, apenas admite canôas pela estreiteza do canal, em razão das muitas cachoeiras que se encontram, sendo a peor a do Papagaio e desta para cima, donde só com o preamar podem subir grandes canôas.

Demandar a Barra do Camocim

Navegando de E, tendo montado os cabeços do pontal das Imburunas, procure-se aproximar ao Morro do Trapiá, que está em frente á entrada, donde avistará a boia, e também as trez moutas que estão no alto desse morro, e bem assim attenda-se a outras que se a passar pelo N da boia grande; feito isto avistará a menor, e quando a primeira mouta do lado S se achar em linha recta com o pequeno grupo a passar pelo N da boia grande feito isto avistará a menor, e quando a primeira mouta do lado S se achar em linha recta com o pequeno grupo de mangues que se vê á beira-mar junto áquelle morro, orce para o SE, passando pelo O da mencionada boia pequena.

Nesta posição achar-se-ha por dentro do banco, e pelo mar do recife que borda esta costa; vá seguindo ao SE, governando de maneira que a prôa se ache pela ponta de E da ilha formada pelo pontal da barra; attenda-se além disso a outra ilha de mangues que está em frente á povoação do Camocim e logo que a ponta oriental desta ilha se encoste ao pontal de areia da primeira, siga para EB, qualquer cousa e avistando-se as balizas que ficam desse lado navegue a passar por E dellas, a pequena distancia, e depois que passar a segunda, ande de novo para EB, aroando á ponta do sul da barreira que se avista nesta barra até o serrote do Aratanhym, que acima mencionamos, appareça todo pelo O do pontal de mangue que se descobre dentro do rio; feito isto, vá costeando a margem de EB, dando resguardo aos cabeços de pedra que se estendem da ponta sul da barreira acompanhando a margem desse lado, e quando passar o pontal de leste para dentro (junto ao qual existe uma grande corôa), vá costeando a praia desse lado, o mais

proximo que puder, até em frente á povoação; achando-se aqui, siga um pouco para fóra e dê fundo em 7 metros d'água na baixa-mar.

[...]

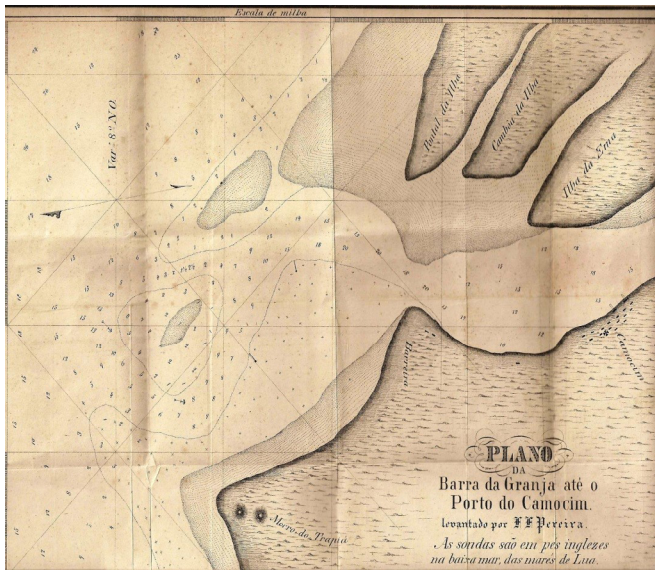
Este porto é o melhor de toda costa do Ceará. As marés nesta barra elevam-se do preamar ao baixa-mar, nas aguas de lua 12 pés, e nas de quarto 8. O preamar em todas as barras desta costa é regularmente quase á mesma hora, com diferença de minutos, sendo porém a deste porto ás 5 horas, mais cedo meia hora do que no da Fortaleza.

O Morro do Trapiá, de que temos fallado, é escavado e de areia avermelhada, no que distingue-se dos demais; elle fôrma o pontal de O da barra do Camocim e a esse mesmo rumo d'elle ha uma enseada toda pedrejada.¹⁰

[...]

Resultado do trabalho do práctico **Felippe Francisco Pereira** é a confecção de várias cartas náuticas inseridas no livro, compreendendo a costa norte do litoral brasileiro, além da descrição de vários lugares e acidentes geográficos. Abaixo, a Barra do Camocim.

Figura 2 - Barra da Granja até o Porto de Camocim



Fonte: Elaborado pelo práctico Felipe Francisco Pereira (1877).

¹⁰ Pereira, 1877, p. 100-103. Respeitou-se a grafia da época.

É EXPRESSAMENTE PROIBIDO”: NATUREZA E CULTURA NA VILLA DE CAMOCIM-CE (1883-1921)

Karl Marx e Friedrich Engels, na obra *Ideologia Alemã*, já apontavam para um aspecto que hoje é recorrente nos debates sobre a constituição desse novo campo - a história ambiental -, ao ressaltar a ação humana na complexidade das relações dentro do binômio homem/natureza. Com efeito, para além de uma constatação filosófica, os autores, efetivamente, chamavam a atenção para estas relações ao dizer que:

Não poderemos fazer aqui um estudo aprofundado da constituição física do homem ou das condições naturais, geológicas, orográficas, hidrográficas, climáticas e outras, que se lhe depararam já elaboradas. Toda a historiografia deve necessariamente partir dessas bases naturais e da sua modificação provocada pelos homens no decurso da história.¹¹

Pois bem, essas bases naturais e, conseqüentemente, a ação humana nelas são objetos da apreciação dos legisladores na construção, remodelação e usufruto desses espaços, assim como na definição das práticas cotidianas de controle social. Neste sentido, os Códigos de Posturas surgem como instrumentos de manutenção da ordem pública pelas administrações locais, disciplinando as atividades citadinas, revelando as tensões sociais, além de apontar para aspectos que se referem às questões ambientais tão em voga hoje.

Deste modo, este capítulo analisará as questões entre natureza e cultura no *Código de Posturas da Câmara Municipal da Villa de Camocim*. No final do século XIX, a cidade tinha um porto natural que fazia ligação comercial com vários estados do Brasil e países da Europa. No período de estiagem entre 1877 a 1879, efetivou-se a construção da ferrovia dentro do projeto de socorro aos flagelados do governo imperial, que ligou o porto ao município de Sobral. O caminho de ferro uniria litoral e sertão, potencializando a elevação do então distrito de Barra do Camocim a município desmembrado do de Granja-CE. Já em 1883, dois anos após a inauguração do primeiro trecho ferroviário entre Camocim e Granja, a velha aldeia de pescadores já tinha foros de vila.

11 Marx; Engels, 1986, p. 11-12.

Aqui se insere uma questão que discutiremos mais adiante, que é a perspectiva geográfica da localização marítima do lugar com as implicações ecológicas que isso decorre face à potencialidade e fragilidade de seus ecossistemas e a correspondente legislação, ou mesmo a falta dela, sobre seus usos. Para além da repercussão legal que um código de postura alcance, o que a proximidade do mar teria contribuído para a formação de uma peculiaridade dos “praianos” camocinenses, questão tão cara aos que defendem a predominância do clima nos moldes definidores do jeito de ser das populações litorâneas?

Não temos ainda elementos suficientes para que possamos mergulhar numa seara antropológica em busca dessa resposta, contudo, salta aos olhos a recorrência atual na dinâmica social da cidade ainda se imputarem estereótipos depreciadores aos moradores dos bairros da orla. Não raro, expressões como “selvagens”, “índios”, “cabôcos” são associadas ao modo de ser “rude”, “bruto”, “briguento” dos moradores da praia, seja nas rodas de conversas de fim de tarde, na imprensa ou mesmo no senso comum, onde permeiam estas relações que de alguma forma se revelam e se escondem nos vários artigos de disciplinamento moral que compõem o *Código de Posturas da Câmara Municipal da Villa de Camocim*. Portanto, nada muito diferente do que Alain Corbin analisa em “Território do Vazio”, quando se debruça a analisar o imaginário ocidental sobre esta população.¹²

Para este capítulo, no entanto, nossa intenção é fazer uma reflexão sobre o *Código de Posturas da Câmara Municipal da Villa de Camocim*. Como um documento que expressa um contexto de poder nas relações cotidianas entre administradores e moradores de um lugar, que objetiva disciplinar mentes, corpos e espaços, até que ponto interfere na vida destas pessoas? Nossa hipótese é de que para além de uma satisfação da burocracia na legitimação da emancipação da vila, como a condição de foro civil, o código de posturas funciona também como um instrumento para o entendimento daquilo que o simpósio se propõe, isto é, “alimentar o debate sobre a natureza/cultura não como uma polaridade, mas como uma condição histórica intrínseca com infinitas possibilidades de combinações”.¹³

Essas combinações, a nosso ver, estão contidas principalmente naqueles artigos onde constam as expressões reveladoras do que “É proibido”, “É expressamente proibido”, “Não é permitido” ou “São permitidos somente”. Logicamente que a “natureza” deste tipo de documento não traz nada de inovador pelo seu caráter coercitivo e disciplinador, mas cabe ao pesquisador penetrar nessa estrutura e descobrir os seus meandros. Que relações entre natureza, memória e trabalho podemos perceber na proibição de beijos

12 Corbin, 1989.

13 O texto deste capítulo foi originalmente apresentado no III SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA. “É expressamente proibido”: natureza e cultura na Villa de Camocim-CE. 1883-1921. Fortaleza-CE, 2012.

públicos, banhos dentro de casa, falar alto ou andar pelas ruas indecentemente vestidos? Ou mesmo não se poder reunir ou comprar nada de escravos, pagar 20\$000 réis sobre cada vapor ou barco a vela que entrasse no porto, não vender carne verde depois de meio dia e não poder criar porcos dentro da Villa?

A estas questões tomadas anteriormente, aprofundaremos a percepção dos sentidos deste documento em tentar punir os infratores que atentavam contra o patrimônio natural. O cuidado com as aguadas e as árvores próximas, as queimadas, a limpeza dos terreiros das casas, a conservação das estradas e caminhos, os maus tratos aos animais, dentre outros pormenores, são todos objetos de atenção do legislador que, a seu modo, tentava através das penalidades conservar o meio-ambiente da nascente vila.

Mas como seria este patrimônio natural entendido como paisagem predominante do nascente município, criado sobre o impacto das atividades potencializadas pela chegada da ferrovia conjugadas com a exploração do porto? Valemo-nos de uma carta do poeta simbolista granjense Lívio Barreto, que nos idos de 1894 exercia o cargo de guarda-livros numa empresa pernambucana, endereçada a seu amigo, Ulysses Bezerra, em Fortaleza. A reprodução da missiva na íntegra em forma de documento se faz necessária para termos uma ideia da paisagem camocinense no final do século XIX:

Camocim, domingo, 2 de dezembro de 94

am. Ulysses,

Abraço-te.

Li tua carta e respondo-a. Faço sinceros votos para que a saúde te tenha voltado ao corpo, e com ela a sentillante alegria que sempre iluminou o teu fino e nervoso rosto de bobemio.

Dou-te notícias de Camocim. Não te interessam? Pois tenha paciência.

Isto aqui não é sertão nem é serra e assemelha-se à praia. A hora em que te escrevo, 5 da tarde, sopra um vento triste e frio de começo de inverno. A maré escua-se lentamente como n'uma agonia sem lamentos, E por traz das casas baixas d'este burgo o sol se embebe no poente, Esmorecido, sem esplendor, sem a pompa áurea dos acasos de verão.

Para minba frente, o rio (aqui diz-se mar), para as minbas costas o ... matto, e por toda a parte a areia, o pó. Que tédio! No porto o perfil alvacente e incaracterístico de uma escuna norueguesa ou o costado sujo de um vapor pernambucano.

Nos trapiches abandonados, atulbados de fardos de algodão, os rapazinbos pescam à luz moribunda da tarde, saccando d'água peixes pequenos que protestam estorcendo-se à ponta da linha com a fúria de um peixe!

Vista ao largo. A maré de vazante a barra não tem atractivos. É bom de ver-se quando ella enche, as mandas de ondas com suas jubas brancas de espumas, albal-roando-se, desfazendo-se para se tornarem a formar, fazendo chegar até nós a surda melopéia longínqua do mar, o coro eterno das vagas.

Ainda á nossa frente, da outra banda, os mangues esbatidos, de um verde escuro á claridade mórbida e triste do fim do dia, trancam o horizonte com a longa sombra de sua folhagem escura, tão densa que atravez d'ella não se vê o sol quando se salteia, de manhã, em curtos vôos lentos uma garça põe com a brancura de sua plumagem uma nódoa de leite n'aquella tela cor de lodo, e rasando a ilba dos mangues, um braço do rio alonga-se matto a dentro, perdendo-se em meandros, esvahindo-se ao longe...

Da Granja, desce uma canoa de vazante, batendo os remos, como barbatanas, esguia e longa, com os seus dois remadores e o seu mestre apoiando o cotovelo sobre a cana do leme imóvel.

E sobre toda essa paisagem incolor, de uma monotonia de missa de dia de fazer, paira a aza pesada e sonnolenta do aborrecimento o mais medonho, do tédio o mais cruel!

Ab! se aquellas nuvens que ameaçam chuva se rasgassem agora, como eu iria me deitar satisfeito, ás 6 horas da tarde, fugindo a este enjôo que envenena como uma despepsia!

Adeus, abraço, etc.

*Lívio Barreto*¹⁴.

Tédio e monotonia marcam a escrita do poeta. Não se sabe se o nosso missivista estava influenciado pela mitologia e literatura clássicas que reforçavam “a visão negativa do litoral”.¹⁵ No entanto, apesar do tédio evidenciado na carta, que pode denunciar um momento de exílio infeliz do poeta diante do mar, interessa-nos a descrição da paisagem. Da narrativa epistolar saltam os ecossistemas que delineiam a cidade portuária – o rio, as marés, os mangues, as dunas, a vegetação como um todo. Mas também revelam a atividade comercial no porto com os fardos de algodão oriundos do sertão esperando vapores para se transformarem em tecidos em plagas estrangeiras. Traz também a labuta

14 Jornal *O Literário*, Ano IV, Edição 02, maio de 2002, Camocim-CE, p. 2. Na época, começo do século XIX, Lívio Barreto trabalhava numa firma de exportação em Camocim, como guarda-livros, e estava ligado ao movimento literário cearense chamado de Padaria Espiritual.

15 Corbin, *Op. Cit.*, p. 23.

de pescadores que retiram o alimento diário do rio. Some-se a tudo isso o voo dos pássaros, a proximidade de uma chuva, licenças poéticas, enfim...

É sobre este espaço e seus moradores que os administradores tentarão manter a ordem pública com o Código de Posturas da Villa de Camocim, publicado em 1883, quatro anos depois da criação do município. Efetivamente, desde 1834, com a criação das Assembleias Legislativas Provinciais que se desenhara a estrutura administrativa do Império fundamentada na Constituição de 1824. Apesar dos códigos de posturas serem fundamentados na Constituição do Império como instrumentos legais de adaptação à realidade local aos “parâmetros gerais para o convívio em sociedade”, havia a possibilidade das Assembleias Provinciais revogarem ou modificarem as posturas ditadas pelas Câmaras Municipais.¹⁶

Portanto, é esta “realidade local” que nos interessa, tanto como suporte para entendermos a administração pública, como os discursos contidos nesta fonte primária. Com efeito, Gebara¹⁷ nos diz que os códigos de posturas: “[...] referem-se a um grande número de questões pertinentes à administração pública municipal, sendo uma excelente fonte para o estudo da história local, por revelarem inúmeros aspectos da vida diária como os costumes e problemas enfrentados pela comunidade”.

Notadamente, que estes aspectos cotidianos e citadinos conduzem a uma ação civilizatória proposta nos códigos, dentro do contexto da emergência do século XIX, que no Brasil começa com a chegada e a instalação da Família Real em 1808, proporcionando transformações que consolidaram “novas alternativas de convivência social”, elegendo a “França como modelo para as elites brasileiras e proporcionando à colônia um banho de civilização”. Desta forma, o Rio de Janeiro, se tornou um “pólo centralizador e difusor de hábitos, costumes e até linguagens para todo o país, além de se transformar no cenário principal em que desenrolava a dramatização de vida social da boa sociedade”.¹⁸

Deste modo, os códigos de posturas, retirando os artigos que tratam sobre atividades específicas dos lugares e dos costumes peculiares dos moradores, assemelham-se bastante, notadamente na descrição da estrutura administrativa e nas competências relativas aos principais cargos. Apesar de estes códigos estarem voltados mais para o disciplinamento dos espaços urbanos, vale ressaltar, porém, que eles guardam significativa herança rural, revelando os resquícios do direito hispano-português que fundamentou a administração colonial do Brasil.

Eduardo Campos ressalta essa característica ao analisar o Código de Posturas de Fortaleza. Para ele:

16 Mattoso, 1992, p. 250.

17 Gebara, 1986, p. 101.

18 Carvalho, 2004, p. 3.

Quem se aprofundar ao esclarecimento dessa particularidade observará a existência de evidente dependência da cidade às suas tradições rurais, percepção da necessidade de o homem, da periferia urbana, em tendo de sobreviver, valer-se da incipiente habilitação para o trabalho que exercita como agricultor, criador, pescador, caçador, etc. e dos recursos que lhe estão à volta, em seu ecúmeno.¹⁹

Deste modo, os códigos de posturas não apresentam apenas um manual de convivência comum a ser seguida e respeitada pelos habitantes. Apesar do caráter coercitivo que o conjunto de normas resulta para quem infringi-las, é possível ver também delineadas as relações entre natureza, cultura e disciplinarização do trabalho. Esse aspecto aldeão, de forte vocação campesina ressaltado por Eduardo Campos, referindo-se à Vila de Fortaleza, escancara o acanhamento da nossa futura capital realçado em vários artigos posturais. Da mesma forma, a vila apresentava na época uma grande quantidade de terrenos cobertos por matas próximas ao centro urbano, sendo objeto de apreciação do código em mandar que seus proprietários desmatassem suas frentes, abrindo os caminhos e ruas. Por outro lado, a feira livre da cidade se realizava em meio a uma praça “coberta de areia com castanheiras, xixazeiros e mugumbeiras antigas.”²⁰ Eram árvores de reconhecida utilidade, proibidas de serem cortadas pelo tronco, como assevera Eduardo Campos incluindo aí outras espécies, como “canafistulas, marizeiras, joazeiros, carnaubeiras e mutambeiras”.²¹

Para além do conforto e refrigério no ambiente da feira, que as árvores proporcionavam, o aspecto ecológico pode ser observado em vários códigos dos municípios do Ceará colonial, principalmente, no que diz respeito à abertura de roçados e queimadas ilegais. Em Redenção, a preocupação com o desmatamento era no sentido de se preservar a “alta vegetação”. Em Camocim, além dos cuidados com as cercas, que deveriam ser resistentes o bastante para conter o avanço de animais sobre as plantações, os roçados não poderiam comprometer as “reservas florestais”²². A aplicação destas leis, contudo, poderia ter seu alcance diminuído se houvesse a anuência dos proprietários de terras em permitirem o uso mínimo delas. No entanto, ao proibir o usufruto sem a devida licença dos mesmos, as propriedades ficavam protegidas de possíveis infratores, sujeitos às duras multas e, pelo menos na letra da lei, o aspecto ecológico ficava preservado.

19 Campos, 1988a, p. 35.

20 Nogueira, 1980, p. 116.

21 Ainda hoje em Camocim, cerca de quatro centenárias mungubeiras podem ser vistas em locais estrategicamente dispostas: ao lado do Mercado Público, Igreja Matriz, antiga Prefeitura Municipal e uma outra na Rua Humaitá, próxima do antigo primeiro perímetro urbano.

22 Campos, 1988b, p. 103.

Art. 48

É proibido sem licença de seus donos:

[...]

§ 3º cortar arvores, cipois, velhos ou palhas de carnaúbas, tocar fogo nos pastos e matts; O infractor d'este art. Será multado em 4000 réis, o dos § 1º, 2º e 3º e 4º art. 45 em 2000 e dos 1, 2, 3 do art 46 em 5000 reis ao duplo nas reincidencias.²³

Embora se tenha uma prática secular no uso das queimadas para a preparação do solo para a agricultura, a proibição do uso do fogo é enfatizada em outros artigos do referido código acima, como no artigo 51, parágrafo terceiro, onde se lê que “lançar fogo ao campo, matta ou roçado próprio ou com permissão do dono sem que tenha feito: primeiro aviso prévio aos vizinhos confinantes” poderia render uma multa de 4\$000 réis e o duplo na reincidência ao infrator. Resta saber como a fiscalização dessa legislação era aplicada efetivamente, visto que, ainda hoje, a prática do uso do fogo para este fim se perpetua, apesar de todo o aparato legal sobre a questão.

Para o âmbito do espaço urbano das vilas, pode-se perceber também o cuidado com a higienização dos locais de convivência humana previstos nos códigos, reveladores também da preocupação com o controle da salubridade e higiene públicas. As semelhanças nos artigos que tratam dessa questão, nos casos de Fortaleza e Camocim, são evidentes. As proibições vão desde jogar lixo, águas servidas, animais mortos e entulhos nas ruas e próximo das fontes de abastecimento d'água. A assepsia dos espaços, no entanto, deveria ter correspondência com a dos corpos, isto é, primar por ruas limpas, garantir uma boa procedência dos alimentos (outra recorrência nos códigos posturais), deveria estar de acordo com a limpeza pessoal dos trabalhadores em seus locais de trabalho. Em Camocim, por exemplo, os magarefes eram levados a usarem, durante a venda de carnes no mercado público, “um avental branco e limpo e bonel encarnado”. (Art. 31. Cap. III. Da venda de carne e peixe).

Com relação ao disciplinamento das questões relativas aos costumes e comportamentos, os códigos analisados também guardam semelhanças, conferindo-lhes “aspecto jurídico” até mesmo em condições adversas, como observa Campos²⁴ na análise dos códigos interioranos. Neste sentido, vale a pena transcrever o capítulo referente do *Código de Posturas da Villa de Camocim*:

23 Código de Posturas da Villa de Camocim In: Santos, 2008, p. 27.

24 Campos, 1988b, p. 53.

Capítulo II

Vozerias, obscenidades e ofensas a moral.

Art. 50º. É proibido n'esta Villa.

§ 1º levantar alto gritos a noite sem necessidade ou utilidade.

§ 2º despertar ou controvérsias nas ruas em altas vozes;

§ 3º dar tiros a qualquer hora do dia ou da noite na Villa e seus arredores, excepto no desempenho de deveres ou serviço publico ou em festejos com licença do Presidente da Camara n'este ultimo caso;

§ 4º Praticar, publicamente actos reprovados e respostados obscenos;

§ 5º banhos se de dia nos lugares expostos a vista dos transitantes ou de quem estiver nas cazas.

§ 6º Estar na própria caza de modo desonesto ou offensivo, ao beijo, que possa ser visto e notado por quem passar pelas ruas;

§ 7º Andar pelas ruas indecentemente vestido.

O infractor d'este art. Será multado em 5000 reis e o duplo na reincidência.²⁵

Como se pode aferir da citação acima, o controle dos costumes e comportamentos se expande para além da esfera do cotidiano, penetrando nos lares, devassando os momentos de intimidade, dentre outros. Por outro lado, a proibição de “reuniões de escravos, filhos-famílias ou criados nas lojas e tavernas”²⁶ demonstra o aspecto discriminatório e preconceituoso que estes documentos tinham.

Finalmente, para o que se propõe este artigo, salta aos olhos a falta no *Código de Posturas da Villa de Camocim* de uma atenção para com o ambiente marítimo, notadamente a preservação dos ecossistemas específicos, como as praias, dunas, mangues e o rio, constantemente assoreado, além do próprio porto, um dos principais do Ceará no período de vigência do código aludido. As atividades comerciais realizadas na área portuária não foram diretamente objeto de atenção do legislador como em outros portos do Ceará e do Brasil. Talvez, pelo que se pode depreender do documento, no final século XIX ainda não existissem problemas de roubos de mercadorias ou a presença da vadiagem e prostituição não parecia constrangedora para a elite local. Ou mesmo, as condições de salubridade do porto não fossem tão precárias para que as autoridades locais reivindicassem a instalação de um Posto Sanitário no Porto de Camocim, fatores estes percebidos em outros documentos pesquisados em recortes temporais posteriores.²⁷ Não há, por exemplo, nada que trate sobre a destinação

25 Santos, *Op. Cit.*, p. 28 (manteve-se a grafia da época).

26 Ibidem, p. 29.

27 Documentos referentes às primeiras décadas do século XX analisados em nossa Tese de Doutorado, defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco em 2008, intitulada: *Entre o porto e a estação: cotidiano e cultura dos trabalhadores urbanos de Camocim-CE. 1920-1970*.

do pescado (consumo local e/ou exportação), a não ser o modo como vendê-lo no mercado. Uma única referência ao ambiente portuário tratava apenas da cobrança de impostos sobre embarcações e redes de pescaria, canoas e vapores empregados no embarque e desembarque de mercadorias e passageiros (Capítulo II. Dos Impostos).

No entanto, temos de compreender a elaboração do documento na conjuntura do seu tempo. Talvez o seu conteúdo bastasse para o ordenamento da vila recém instalada. Ou até mesmo o aspecto proibitório percebido em grande parte no *Código de Posturas da Villa de Camocim* refira-se apenas ao que de mais importante acontecesse na vila, que à luz dos legisladores poderiam ser classificados como atos fora da ordem e que por isso, precisavam de um ordenamento. Afinal de contas, como afirma Norbert Elias, o conceito de civilização “refere-se a uma grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às idéias religiosas e aos costumes”.²⁸

28 Elias, 1994, p. 23.

A HISTÓRIA PASSA POR ESSE PORTO E CORRE POR ESSES TRILHOS²⁹

Sempre que o mês de setembro chega, levas de estudantes se ressentem da falta de fontes para a escrita de uma história da cidade. Agora, pela passagem dos 122 anos de emancipação política de Camocim, penso ser um momento propício para uma reflexão de qual história queremos escrever sobre o mais bonito lugar deste recanto do Ceará. É uma história oficial repleta de realizações de seus filhos mais “ilustres” que se eternizam na condução dos destinos administrativos da cidade? É uma história da cidade do ponto de vista de seu desenvolvimento econômico? É uma história social desse povo pacato, através de seus personagens que ao longo do tempo fizeram a história deste município no Porto, na Ferrovia, no Rio Coreaú, noutros lugares de sociabilidade e confronto, enfim, nas ruas, esquinas e dunas? Parece-me que tudo isso faz parte de um tecido histórico em íntima relação que é impossível dissociá-los, como querem o conteúdo das gincanas escolares, dos concursos de redação. Portanto, evitemos traçar um projeto de história no qual apenas um enfoque seja privilegiado. Por exemplo: o aluno é levado a pesquisar sobre a história política do município enfatizando a figura de um ou dois políticos de destaque, ou então fazer uma biografia de Pinto Martins ou Raimundo Cela, listar todos os prefeitos, todo o corpo administrativo e legislativo atual, a listagem de empresas, veículos de comunicação etc.

Vista dessa forma, entendo que a história padece de uma contextualização, torna-se árida e parece faltar gente nela. Daí, proponho um grande projeto de escrita da história de Camocim no qual todos, professores, estudantes, cronistas, políticos, pescadores, aposentados, donas-de-casa, sejam unidos num programa editorial patrocinado pelas instituições locais, com a supervisão da Universidade Estadual Vale do Acaraú – Campus de Camocim, no sentido de reunir e sistematizar o que já tem produzido e incentivar novas produções. Digo isto porque percebo algumas iniciativas isoladas nesta direção. Por outro lado, o desencadear desse projeto propiciaria que as pessoas pudessem abrir seus arquivos particulares ou mesmo se dispusessem a falar sobre suas lembranças e sua participação na história da cidade. Feito este preâmbulo, buscarei fazer um passeio sobre a história e memória da cidade.

29 Texto escrito por ocasião do aniversário de 122 anos de emancipação política de Camocim. Publicado no jornal *Gazeta do Povo*. Camocim-CE. Ano I, Nº 06. Outubro de 2001, p. 5.

Dos Tremembés aos Gabriéis

Os primeiros relatos sobre esta região dão conta de que era habitada pelos índios de língua travada, chamados Tremembés, que se distribuíam desde o Rio Acaraú ao Rio Parnaíba. Com a colonização tardia da Capitania do Ceará, os europeus, principalmente franceses e holandeses tiveram contato com estes indígenas e chegaram a traficar espécimes da flora e fauna deste nosso litoral ao altiplano da Ibiapaba. Os holandeses realizaram estudos para a exploração de salinas e colheita do âmbar sem maiores resultados.

Como sabemos, a forma encontrada para a exploração e colonização das terras brasileiras foi a concessão de sesmarias a fidalgos portugueses. As datas de terras eram concedidas tendo em seus aspectos limítrofes os rios, serras, riachos, sítios e poços. Neste sentido, os registros quase sempre informam sobre estas sesmarias tendo estes aspectos naturais como orientação. No nosso caso, os rios Coreaú, Timonha e os riachos Ubatuba e Camurupim eram as “fronteiras” da maioria das terras concedidas. Quase sempre as áreas dessas sesmarias eram de três “*légoas de comprido por uma de largura*”.

Daí, temos os próprios índios (os chamados “principais” das aldeias) como os primeiros beneficiários destas terras doadas por El Rei para a exploração da pecuária. Thomaz Pompeu Sobrinho, em *Sesmarias Cearenses*, relaciona dois destes principais, já com nomes portugueses e o título de “Dom”. Tratam-se de D. José de Vasconcelos, “*mestre de campo, principal da nação tabajara*”, e D. Simão de Vasconcelos, “*mestre de campo dos índios da Ibiapaba, nação tabajara e um dos principais*”, além do índio Sebastião Saraiva, também tabajara, todos com sesmarias entre os Rios Coreaú, Timonha e Camurupim.

Contudo, outros beneficiários completam a vastidão das doações, sempre nessa mesma região. Alguns conseguem glebas de terras em outras regiões, sempre tendo como motivo do pedido a expansão do criatório de gado. Daí, destacamos alguns nomes, tanto pelo número de sesmarias, quanto pela tradição familiar que ainda hoje perdura no mapa do latifúndio local. Só para citar os mais importantes, temos: Domingos Ferreira de Veras (seis concessões), José Benedito Ferreira de Veras (uma), Tomás Ferreira de Veras (duas), Felix Coelho (duas), João Almeida da Costa (duas), Joaquim da Costa (uma), Domingos de Freitas Caldas (duas), Domingos Machado Freire (três), José dos Santos Braga (duas), entre outros.

Contudo, foi a facilidade de ancoradouro do porto natural que despertou a vinda de exploradores que se fixaram posteriormente na faixa litorânea, que corresponde à situação geográfica atual do município de Camocim. Diz a crônica histórica que membros da família Gabriel, procedente de Tutóia no Maranhão, foram os primeiros desbravadores do canal natural, aliando-se com os índios e desenvolvendo a pratica-

gem do porto. Aliás, é característica brasileira o surgimento das cidades em torno de um porto e Camocim foi privilegiado pelas condições naturais que oferecia.

A atividade porto-ferroviária

Mais especificamente como fruto de nossa pesquisa e, colaborando para a escrita de nossa história, conforme desejo anunciado acima, destacaremos essa conjugação dos equipamentos de desenvolvimento experimentado por nossa cidade nas décadas de 1920 a 1950, representados pelo Porto de Camocim e a Estrada de Ferro de Sobral. Esse “boom” *não se deu apenas na área econômica, mas influenciou o panorama político e a vida cotidiana do nosso povo. Neste sentido, reproduziremos abaixo a Introdução* do texto de nossa pesquisa sobre a militância comunista em nossa cidade, que teve neste espaço do trabalho (porto e ferrovia) sua maior efervescência.

Figura 3 - Trem voltando para a Estação



Fonte: Domínio Público.

A história das ferrovias no Ceará começa em 1870, com os trabalhos de construção da Estrada de Ferro de Baturité, fazendo a ligação com Fortaleza. Os efeitos da seca de 1877 fizeram com que o Governo Imperial decidisse diminuir um pouco a calamidade, decretando a construção de uma rede ferroviária ligando o Porto de Camocim à cidade de Sobral (1878). Já em janeiro de 1881, é inaugurado o primeiro trecho da ferrovia entre Camocim e Granja e, finalmente, em dezembro de 1882, os trilhos chegam a Sobral, iniciando-se as atividades de tráfego de passageiros e mercadorias. A ferrovia se estenderia ainda até Crateús, rumo ao estado do Piauí, numa extensão de mais de 370 quilômetros.

Entre os anos 20 e 50 do século passado, deu-se o “boom” econômico da Zona Norte do Ceará, ancorado nas atividades desenvolvidas no Porto de Camocim e Estra-

da de Ferro de Sobral. Com a desativação paulatina da ferrovia, transformada nesse processo em ramal ferroviário, foi sofrendo desgastes em sua malha ferroviária com descasos administrativos que acabaram por fechá-la definitivamente em 1977.

Quanto à atividade portuária, não tendo Fortaleza maiores facilidades de ancoramento de navios, cabia a Camocim a maior parte do movimento portuário durante o período acima recortado, sendo a principal porta de entrada do Ceará. Contudo, o canal natural do rio Coreau, que dava acesso ao Porto de Camocim, tinha problemas de assoreamento, exigindo assim que se realizassem dragagens periódicas, nunca atendidas.

Dessa forma, foram-se inviabilizando as atividades porto-ferroviárias desse complexo de escoamento da produção da zona norte do estado, representado pelo pó e cera de carnaúba de Granja, o sal de Camocim e Chaval, o pescado de toda a zona litorânea, a castanha de caju desses municípios, os cereais da zona do sertão de Sobral e Crateús, enfim, de uma gama de produtos de menos importância comercial, mas essenciais nas pequenas transações dos pequenos proprietários, sem falar no próprio tráfego de passageiros entre Camocim, Sobral e Fortaleza.

Nesse contexto, as relações de trabalho que gravitavam em torno do porto e da ferrovia iriam se desenvolver sobremaneira, envolvendo diversas categorias profissionais. Além dos ferroviários e portuários, salineiros, pescadores, trabalhadores da construção civil, agricultores, empregados do comércio e pequenas fábricas, dentre outras, formavam um conjunto de categorias que atuavam nesse espaço. Nunca é demais realçar que, tradicionalmente no Brasil, ferroviários e portuários foram categorias de relevância nas lutas por conquistas de melhores condições de vida e trabalho. O “operariado” nesse momento se constitui, portanto, no setor de serviços que esses portos e ferrovias ofereciam, diferentes de uma característica fabril. Nesse ambiente, a militância comunista encontrou um chão fértil na difusão de ideias socialistas e comunistas, encravando, aí, grande parte de seus quadros, principalmente quando o obreirismo se constituía na tendência mais forte no Partido Comunista do Brasil. Em Camocim, isso não seria diferente. Com efeito, é nessas categorias que iremos perceber aqueles comunistas que irei chamar de *primeira bora*, responsáveis por uma atuação eficaz, do ponto de vista da persistência de seus ideais, durante o recorte temporal que a presente pesquisa abarca.

A presença desses homens desassombrados deve ser ressaltada e entendida nesses espaços de trabalho, pois, entre os salineiros, operários da construção civil, agricultores, funcionários públicos e outras categorias, seriam eles, fossem comunistas, simpatizantes ou apenas sindicalistas, que iriam se confrontar com um quadro político típico da época, estribado no conservadorismo e no jeito coronelístico de se fazer política. A atuação desses homens, que pretendemos evidenciar pela sua militância política, pode ser percebida em várias frentes.

Nas páginas de “O Operário”, dirigido por Francisco Theodoro Rodrigues, e nas manifestações populares, como veremos, em que se contava com a presença de Pedro Teixeira de Oliveira (Pedro Rufino) na Câmara Municipal. Na sua ação, defenderia “os mais legítimos anseios da população”, ficando à frente das causas dos “menos favorecidos”, pois ele entendia muito de legislação trabalhista, pelas suas denúncias no Jornal “O Democrata”, de Fortaleza, e sua efetiva militância em momentos de reivindicação dos trabalhadores. Outro desses homens desassombrados, Sotero Lopes, por suas atitudes de defesa do pescador, do portuário e de operários da construção civil, e também por expressar suas preferências políticas, foi espancado pela polícia em momentos de repressão. Acabou sendo usado como símbolo pela polícia para mostrar o que ela era capaz de fazer com comunista, arrastando-o pelas ruas, surrado, com uma placa no peito e o indicativo de comunista, um “Cristo”, anunciado como Rei dos Judeus. Raimundo Ferreira de Sousa (Raimundo Vermelho), agricultor, salineiro, estivador, vítima do Massacre do Salgadinho, viria a morrer três meses depois do ocorrido por conta das torturas que sofrera na Cadeia Pública de Fortaleza.

Atuando no seio dessas categorias, Raimundo Vermelho levava a esperança de melhores dias a seus companheiros, podendo ser considerado símbolo das lutas sociais. Efetivamente, a presença de comunistas e simpatizantes já começa a ser percebida em várias organizações que aparecerão em Camocim entre as décadas de 1930 a 1950. Em Camocim, dando início a uma tradição de lutas é que, por exemplo, se instala a primeira e única Liga Camponesa no Ceará, sob a presidência de Francisco das Chagas Teixeira, que posteriormente se transformará em Associação dos Pequenos Produtores de Camocim. Na Associação Beneficente Ferroviária, o Sindicato dos Carregadores do Porto, o Sindicato dos Salineiros e da Construção Civil e Ofícios Vários irão também figurar militantes do “credo vermelho”.

O primeiro congresso do Bloco Operário e Camponês, realizado em 1930 no Ceará, contará com significativa presença dessas entidades, que se destacarão não só pelo número, mas também pelo grau de politização demonstrado nas discussões, principalmente do Bloco Operário e Camponês e do Sindicato dos Pequenos Agricultores.

A presença de comunistas ou simpatizantes irá também se observar em outras associações de caráter filantrópico, serviços e de lazer, conforme o Livro de Registro de Pessoas Jurídicas de 1950, do Cartório André, e o jornal “O Democrata”, onde podemos constatar suas participações, principalmente na composição de suas respectivas diretorias. Joaquim Rocha Veras, no Camocim Club, era membro do Conselho Fiscal; Sotero Lopes e Pedro Teixeira de Oliveira, da Sociedade dos Amigos de Camocim; Dona Guiomar Cordeiro da Silva era uma das mais atuantes na União Feminina.

Atualmente o porto e o prédio da Estação Ferroviária têm usos diversos. O Porto serve como terminal de apoio à atividade pesqueira, que enfrenta séria crise, e a imponente Estação, tombada pelo patrimônio histórico, abriga a sede do Campus Avançado da UVA em Camocim.³⁰

Figura 4 - Cemitério de Barcos – Camocim-CE (2007)



Fonte: Antonio Carlos Pereira dos Santos.

30 À época da escrita deste capítulo, o prédio da antiga Estação Ferroviária servia de Campus Avançado da UVA. Hoje, atualizando o uso, serve para abrigar unidades da Secretaria de Educação e do polo da Universidade Aberta do Brasil – UAB.

SUA ALTEZA MARIA FUMAÇA³¹

Homenagem ao Padre Luís Ximenes Freire, camocinense e amante dos trens.

Figura 5 - Carregamento de madeira (Ipu-CE)



Fonte: Domínio Público.

Para quem conheceu o Padre Luís Ximenes Freire, compartilhou com ele sua paixão pelos trens. Como ele mesmo disse na introdução de “Paixão Ferroviária” (1984), “menino da Rua do Egito em Camocim, filho de maquinista, morando à beira da linha, eu terminei com o trem no sangue, como diz Rachel de Queiroz”. Essa afinidade com os trens povoou tanto a infância do menino Luís, como o restante da vida de Monseñor Ximenes no paróquio do povo católico de Santa Quitéria.

No final dos anos 1980, quando ingressei nos bancos acadêmicos da UVA, acabei tomando conhecimento desse camocinense de fibra, poeta dos bons, através de meus colegas quiterienses. Mesmo lá, naquele sertão crestado pelo sol, Pe. Luís não esquecia de seu trem da meninice, traduzido em versos de exaltação e lamento, tanto que organizou na casa paroquial uma espécie de minimuseu, autobiográfico e essencialmente ferroviário. No final dos anos 90, tive oportunidade de visitar esse pequeno cantinho da recordação do padre-ferroviário.

³¹ Publicado com o título “Luís Trem”, no jornal “O Literário”. Ano IV – Edição 05, setembro de 2002, p. 3. (Camocim-CE).

Voltando um pouco no tempo, meus colegas de faculdade me puseram em contato com Pe. Ximenes. Não cheguei a conhecê-lo pessoalmente, mas lhe enviei algumas poesias cujo tema era também minha relação de menino com os trens, produzidas já nos apitos finais, e ele me retribuiu com dois exemplares de sua lavra: **“Paixão Ferroviária”** e **“Sua Alteza, Maria Fumaça”**.

Figura 6 - Carregamento de Algodão



Fonte: Domínio público.

Em sua homenagem, transcrevo neste espaço uma peça de sua veia literária colhida por outro monstro da poesia, Pe. Osvaldo Chaves, em sua coluna “Nossos Poetas”, do *Jornal Correio da Semana* – Sobral, de 28 de setembro de 2002. Ano 84. Caderno B.

Eu e o trem

Dentro de nós se esconde uma incontida
ânsia de andar a exemplo de Abraão.
O trem em plena estrada leva a vida,
e a vida eu levo caminhando em vão.

Vivemos numa intérmina corrida,
numa aventura sem competição:
- eu corro atrás da Terra Prometida,
o trem, correndo em busca da estação.
Gostamos de partida e de chegada,
mas o melhor de tudo é andar na estrada,
onde a luz da esperança é cintilante...

Por isso, parte o trem ao Ter chegado,
e eu me livro também de estar parado,
- parecemos demais judeu errante!

TRABALHO E MUTUALISMO: A EXPERIÊNCIA DA SOCIEDADE BENEFICENTE FERROVIÁRIA EM CAMOCIM-1930-1980³²

Este capítulo aborda a experiência associativa da Sociedade Beneficente Ferroviária em Camocim-CE, principalmente no período em que a cidade contou com os serviços da Estrada de Ferro de Sobral. Fundada em 1932, a sociedade de ferroviários se insere num contexto de intenso aparecimento de entidades classistas, sindicais e mutualistas em Camocim, incentivadas ou não por uma militância comunista na cidade, entre 1930 e 1950. Com objetivo inicial de ser uma caixa mutualista onde congregava desde engenheiros até aprendizes, a sociedade acabou atuando como uma espécie de sindicato e sua sede servindo para a discussão dos problemas locais e nacionais.

Efetivamente, a cidade de Camocim, dentro da conjuntura econômica do Estado do Ceará, em boa parte do período recortado pela pesquisa, tinha as condições propícias para o surgimento de uma massa de trabalhadores nos serviços da ferrovia e do porto. Somente a Estrada de Ferro de Sobral era responsável por quase 800 empregos. No porto, portuários e estivadores realizavam os serviços referentes às suas atividades, além dos salineiros, que atuavam na extração do sal, produto que respondia por boa parte das cargas dos navios que frequentavam regularmente o Porto de Camocim.

A presença da militância comunista, com mais vigor entre 1930 e 1950, ensejou um considerável número de associações no mundo do trabalho. Ferroviários, portuários, salineiros, estivadores, trabalhadores da construção civil, dentre outros, fundaram as entidades representativas de suas respectivas categorias.

Apesar do caráter assistencialista dos sindicatos, representado pelas diversas caixas de pecúlio que se criavam nessas organizações, assim como do mutualismo bastante presente em associações congêneres,³³ havia iniciativas que apontavam para uma ou-

32 Com algumas alterações e atualizações, o presente texto é um item do terceiro capítulo da tese defendida em março de 2008 na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, intitulada: *Entre o porto e Estação*: Cotidiano e cultura dos trabalhadores urbanos de Camocim-CE. 1920-1970. A pesquisa teve o apoio de bolsa da FUNCAP.

33 Até mesmo setores do comércio local organizaram-se em associações mutualistas. No ano de 1932, os sócios da *Mutualidade Camocinense* são convocados para a eleição da diretoria para o biênio 1933-1934, em anúncio na

tra direção. A ação da militância comunista na cidade que efetivamente organizou e fundou associações de classe é uma delas. Outra vertente era a discussão coletiva de problemas que afetavam diretamente o mundo do trabalho dessas categorias, onde todos discutiam o melhor encaminhamento para a resolução dos impasses. Neste sentido, até uma central destas entidades apareceu, a USACC – União dos Sindicatos e Associações de Classes de Camocim.

Na sessão extraordinária do dia 8 de dezembro de 1957, o secretário do Sindicato dos Estivadores do Porto de Camocim leu ofício “comunicando sua fundação e sua finalidade, ficando os associados presentes cômicos de tão notável acontecimento”.³⁴ Na mesma ata, contudo, já se percebe o caráter assistencialista da nova entidade. O presidente do SEPC foi chamado a esclarecer sobre a compra de alguns medicamentos para serem usados pelos sócios quando estivessem doentes a bordo, pois se falava à “boca pequena”, que os mesmos tinham sido uma doação. Revela então o presidente:

[...] que, por intermédio da USACC a agremiação criada de recente com o fim de zelar pelo bem de todos os operários camocinenses, veio uma remessa de medicamentos para os Estivadores, mas, por ser pequena quantidade e não dar para fazer uma distribuição geral, o Sr. Presidente ficará com o medicamento em seu poder, para atender aos sócios que precisem do tal medicamento, enquanto não for esgotado.³⁵

Aqui, faz-se necessária uma pausa para se apresentar outras categorias importantes na cidade naquele momento, a partir de suas associações de classe: os portuários e ferroviários. Mesmo não sendo um sindicato formalmente, a Sociedade Beneficente Ferroviária (doravante SBF) possuía características parecidas, que iam desde a caixa de pecúlios à defesa dos direitos de seus associados. Com feição nitidamente mutualista, a SBF era mais uma das associações que se fundaram com esse propósito, como por exemplo, a Mutualidade Camocinense, a Cooperativa de Consumo das Classes Trabalhistas de Camocim, a Associação dos Retalhistas de Camocim (até hoje em atividade).

Salta aos olhos a longevidade deste tipo de associação. Embora mutualistas, elas ainda atraem as pessoas que veem neste tipo de sociedade uma segurança para momentos de aflição, como a morte e apertos financeiros outros. Nesta perspectiva, Francisco Foot Hardman aponta para o caráter deste tipo de associação, que foge dos esquematismos acadêmicos e contraria os estereótipos que adornam a periodização da história do movimento operário brasileiro, dando como exemplo a União Operária Beneficente de Diamantina, Minas Gerais:

imprensa local. *Jornal A Razão*, Ano VII, nº 314. Camocim-CE, 1 de dezembro de 1932.

34 SEPC/ASE. 8 de dezembro de 1957, Livro 1, p. 7 (Camocim-CE).

35 Ibidem.

[...] de caráter tipicamente mutualista, está viva ainda hoje, tendo acompanhado todas as aventuras da república brasileira, muito além dos marcos históricos em que esse tipo de associação foi considerado ‘característico’ da organização operária (segunda metade do século XIX, até 1890). Sob o solo que afirma o reconhecimento oficial de uma história do Brasil única e dominante, outras histórias permanecem ocultas e esquecidas.³⁶

Com efeito, até uma década atrás, a SBF mantinha uma regularidade de cobrança das mensalidades de seus sócios e, a partir daí, começou a desfazer-se de seu patrimônio. Isso só corrobora o que Foot Hardman assinala quanto à significação da existência de organizações deste tipo – como “sociedade civil”, em lugares tão ermos e distantes dos grandes centros, quando o dominante em “matéria de associações operárias são os sindicatos segmentados por categorias profissionais e atrelados ao Ministério do Trabalho por meio de estrutura corporativista implantada desde o Estado Novo”.³⁷

Contudo, as ideias do mutualismo podiam servir a outros interesses que não os dos operários. Antes mesmo da fundação da SBF, aparece no jornal comunista “O Operário”, editado em Camocim, a notícia da criação da Caixa Auxiliadora do Pessoal da Estrada de Ferro de Sobral, com os objetivos de “concessão de empréstimos, pecúlio e instrução literária e profissional”, assim como a composição de sua primeira diretoria. A veia crítica do editor do jornal, no entanto, não deixa passar uma observação que desnuda os objetivos da sociedade mutualista já no seu nascedouro: “N.R. Nessa directoria não figura a nome de nenhum operário. Pobre gente esquecida. Esquecida para as direcções e lembrada para entrar com o **cobre**”.³⁸ Pela questão levantada pelo editor do jornal, observa-se que este tipo de sociedade muitas vezes podia nascer da tutela de patrões, ou no caso em tela, por uma elite de funcionários dentro da hierarquia funcional da Estrada de Ferro de Sobral. Configurava-se em Camocim, de alguma forma, o que ocorrera na década de 1920, no percurso da organização da classe trabalhadora cearense, como veremos a seguir.

A diversidade de associações das mais variadas tendências se organiza em 1921 em torno da Federação dos Trabalhadores do Ceará, que toma a posição de combater o mutualismo, visto sua filiação a “princípios e estratégias anarquistas, como a recusa à participação eleitoral, a ação direta e a defesa de alternativas autônomas de luta dos trabalhadores contra o Estado e o patronato”³⁹, embora a quantidade de associações

36 Foot Hardman, 2002, p. 362.

37 Ibidem.

38 *O Operário*, Anno IV, nº 68, p. 3. Camocim-CE, domingo, 5 de outubro de 1930. Grifo nosso.

39 Silva, 2007, p. 78.

beneficentes filiadas à Federação, como parece ser a tendência da Caixa Auxiliadora do Pessoal da Estrada de Ferro de Sobral e a SBF, tenha dificultado sua orientação.

Antes, em 1919, tinha sido fundado o Partido Socialista Cearense, defendendo a jornada de oito horas de trabalho, repouso semanal, direito de associação e proibição do trabalho de menores. Com projeção nos meios operários, a “Voz do Gráfico”, periódico da Associação Gráfica do Ceará, atuou de 1920 a 1922, conclamando os operários à organização sob o lema marxista: “Trabalhadores do todo o mundo uni-vos”. Em 1927, surgem as primeiras células comunistas e o Bloco Operário Camponês, com seus correspondentes em Camocim em 1928, que a tornou conhecida como “Cidade Vermelha”, sendo observada uma série de associações e sindicatos daí por diante.

Percebe-se então, nesses organismos, a influência de lideranças consolidadas no seio do operariado camocinense, seja tanto por uma memória recorrente nos depoimentos colhidos, quanto pela presença na rala documentação. Essa questão da existência de verdadeiros “paladinos da causa dos trabalhadores” é bastante profícua na historiografia sobre o movimento operário no Rio de Janeiro. O historiador Fernando Teixeira da Silva chama a atenção para o que ocorre na cidade de Santos sobre estes personagens que atuavam na base operária “buscando defendê-los no terreno político e legal”⁴⁰. Neste sentido, a presença desses homens na defesa de outros, mesmo sendo dentro dos códigos legais permitidos por uma ordem dominante ligada ao patronato, no pequeno universo do mundo do trabalho em Camocim, lança luzes para a compreensão dessa prática.

Na documentação utilizada, vamos encontrar exemplos dessa prática, seja na atuação do jornalista Francisco Theodoro Rodrigues, incentivando a representação trabalhista na Câmara Municipal, ainda nos anos 1920. A semente plantada desse incentivo somente renderá frutos, em Camocim, nas eleições de 1947, sendo eleito para vereador Pedro Teixeira de Oliveira. Em tempos distintos de sua trajetória como militante comunista, vamos encontrar Pedro Teixeira de Oliveira atuando como rábula na elaboração de habeas-corpus em defesa dos trabalhadores envolvidos em pequenos delitos, seja na justiça ou na polícia.

Nesse rastro de atividade organizacional que atingia os trabalhadores, surge a já citada SBF, fundada em 23 de julho de 1932, que congregava os mais diversos tipos de funcionários da ferrovia, do engenheiro ao aprendiz, que pagavam cotas diferentes e abrangia toda a extensão da Estrada de Ferro de Sobral, de Camocim a Crateús, num raio de mais de 300 quilômetros. Com sede própria, funcionava à Rua Santos Dumont e dividia o espaço de reuniões com outra agremiação, a Liga de Defesa dos Ferroviários, e uma sala de aula para filhos de ferroviários, prioritariamente.

40 Silva, 2003, p. 36.

Sobreviveu ao tempo um livro de atas que vai de 1947 a 1950 e um Livro de Registro de Associados datado de 1936-39. Neste livro consta o tamanho da entidade quanto ao número de sócios. No ano de 1936, eram 295 associados, incluindo as esposas destes. Já em 1939, esse número era quase o dobro: 486 associados, dentre estes, 60 eram esposas de sócios. Tomando como base o ano de 1936, a tabela abaixo apresenta a diversidade societária da SBF, distribuída pelas várias profissões necessárias para o funcionamento da ferrovia, indo desde o engenheiro-chefe ao aprendiz. Por outro lado, a inclusão das esposas dos sócios (em torno de 10% do total de associados) revela não somente o caráter mutualista e assistencialista da associação, geradora de direitos e benefícios advindos dessa filiação, passando pela compra de gêneros alimentícios, auxílio funeral, escola para os filhos de associados etc., mas de alguma forma mostra a presença das mulheres contribuindo na construção dos espaços associativos de seus maridos. Não à toa, elas estarão atuando na defesa dos postos de trabalho de seus companheiros nos acontecimentos de 1949-50, mobilizando e organizando a população contra a transferência dos funcionários e a tentativa de desativação da ferrovia.

Tabela 1 - Demonstrativo dos associados da SBF

Profissão	Nº de Associados	Total
Trabalhadores	66	66
Operários	59	59
Guarda-freios	16	16
Feitor	14	14
Servente	13	13
Agente conferente	09	09
Maquinista e Conferente telegráfico	07 (cada)	14
Mestre de linha, Escrevente, Agente, Guarda Estação e Pedreiros	05 (cada)	25
Escriturário, Ajudante de Trem, Servente Escriturário, Vigia e Guarda Fio	03 (cada)	15
Chefe de Trem, Bagageiro, Aposentado e Servente de Oficinas	02 (cada)	08
Engenheiro, Pagador, Servente de 1ª Classe, Ajudante de Distribuição de Material, Chefe de Depósito, Construtor, Auxiliar Técnico, Estafeta, Praticante, Guarda Chaves, Auxiliar de Armazém e Aprendiz	01 (cada)	12
Esposas de trabalhadores	-	24
TOTAL DE ASSOCIADOS	-	295

Fonte: Livro de Registro de Associados da SBF (1936, Camocim-CE).

Vários documentos avulsos e pastas com documentação burocrática recente até os anos 1990 (recibos, contratos de locação, formulários escolares etc.) completam o acervo da SBF, hoje sob a guarda de um memorialista local. A sede foi vendida para um descendente de um dos sócios.

As atas da SBF são bastante reduzidas, não entrando muito em detalhes dos acontecimentos registrados. O conteúdo se atrela mais aos encaminhamentos relacionados com o patrimônio da SBF, à caixa de pecúlio e às casas alugadas para sócios e terceiros. Esta última, aliás, é uma preocupação bastante recorrente nas reuniões. Nelas, os sócios apresentam propostas de compras de imóveis para incorporação ao patrimônio da associação, são sugeridas pequenas reformas nas casas de sua propriedade e discussão sobre o preço a ser cobrado pelos aluguéis. Não se encontrou nenhuma discussão sobre o preço de aluguéis na cidade, contudo, o fato de administrar um patrimônio imobiliário e favorecer os sócios com aluguéis menores aponta para uma conjuntura provável de carestia neste quesito, o que justificava a ação prioritária da SBF.⁴¹

Numa análise mais acurada das atas da SBF, observa-se uma sintonia com os temas locais e nacionais. Como já se disse antes, estes registros não informavam com detalhes as discussões, mas, pela menção dos assuntos, se pode depreender que houve um intenso debate. Neste sentido, como não poderia deixar de ser, a questão da transferência dos funcionários e oficinas da ferrovia, em 1949-50, figurou na ordem do dia. Com a possibilidade de se concretizar essa transferência de funcionários, aqueles que ocupavam cargos na diretoria foram substituídos.⁴² Numa outra sessão, chega a ser escolhido um procurador para zelar os bens da SBF face à iminência da transferência em massa em vias de se concluir.⁴³ Quanto à resistência dos ferroviários aos acontecimentos de 1949-50, já aludidos, a SBF envia para a Associação Commercial de Camocim um memorial “se solidarizando com o movimento que ora se desenvolve nesta cidade”, além de telegrafar diretamente ao Ministro da Viação.⁴⁴

As questões nacionais também tiveram eco entre os sócios da SBF. O presidente da Comissão de Estudo e Defesa do Petróleo local, Artur Carneiro de Queirós (que era funcionário da Estrada de Ferro de Sobral), fez conferência sobre o tema aproveitando a data cívica do Sete de Setembro de 1948.⁴⁵ Nos festejos alusivos ao 18º aniversário da SBF, o Sr. Francisco de Assis Coutinho, presidente do Sindicato dos Salineiros, discursou

41 O patrimônio imobiliário da SBF, além da sua sede social, compreendia várias casas.

42 SBF/ASO, de 02 de setembro de 1949 (Camocim-CE).

43 SBF/ASO, de 07 de outubro de 1949 (Camocim-CE). O interessante neste aspecto é que mesmo com a possibilidade de esvaziamento da SBF pela transferência de funcionários, nesse mesmo mês de outubro, novos sócios são admitidos. SBF/ASO, de 02 de outubro de 1949 (Camocim-CE).

44 SBF/ASO, de 11 de novembro de 1949 (Camocim-CE).

45 SBF/ASO, de 07 de setembro de 1948 (Camocim-CE).

sa na solenidade apelando “pela interdição da arma atômica como meio de destruição das massas e pela intensificação da luta pela paz”, secundado pelo vereador e líder comunista Pedro Teixeira de Oliveira.⁴⁶

Quanto à questão do comunismo, já foi referido que na “cidade vermelha” os ferroviários, por seu número e atuação política, era um grupo de destaque na divulgação dessas ideias. Entre os sócios da SBF, encontravam-se vários filiados do Partido Comunista e simpatizantes. Nomes como o de João Farias de Sousa – o Caboclinho Farias –, Emiliano Pereira de Matos, Luís Gonzaga Viana e João Bezerra são encontrados em outras fontes que confirmam suas preferências ideológicas.⁴⁷ Em 1947, é saudada com entusiasmo a fundação da Sociedade dos Filhos e Amigos de Camocim, que era uma entidade com fortes ligações com o PCB local.⁴⁸

Voltando-se para os atos aprovados na sessão da SBF (moção de apoio à interdição do uso de arma atômica e a fundação da Sociedade dos Filhos e Amigos de Camocim), nota-se que, do ponto de vista simbólico, a aprovação dos atos confirma, senão a vinculação, a simpatia dos sócios da SBF pela causa defendida pelos comunistas. Luiz Gonzaga Viana apresentou “projeto de ser amanhã, dia 03 de janeiro, data do aniversário do grande Senador e batalhador pela causa do operariado Luiz Carlos Prestes, passado um telegrama pela Sociedade”. Tal moção teve aprovação geral.⁴⁹ Em julho de 1948, o consócio Osvaldo Jorge de Aragão propõe a compra do quadro “Os Oito Mártires de Chicago”,⁵⁰ cuja compra foi efetuada pela SBF somente em março de 1949.⁵¹ A compra talvez se explique, para além do significado que tal obra, fato e data representam para os trabalhadores do mundo inteiro, a vanguarda da SBF em promover e articular as festividades do Primeiro de Maio em Camocim.⁵²

⁴⁶ SBF/ASE, de 23 de julho de 1950 (Camocim-CE).

⁴⁷ Principalmente João Farias de Sousa, encontrado nos processos criminais contra os comunistas cearenses por mim pesquisados no Arquivo Nacional, além de referências nos jornais da época, especialmente *O Democrata*, editado em Fortaleza-CE. O nome de João Farias de Souza é ainda citado no livro *Brasil nunca mais*, como o de pessoas que sofreram tortura ou constrangimento diante de familiares.

⁴⁸ SBF/ASO, de 02 de agosto de 1947 (Camocim-CE).

⁴⁹ SBF/ASO, de 02 de janeiro de 1948 (Camocim-CE).

⁵⁰ SBF/ASO, de 16 de julho de 1948 (Camocim-CE).

⁵¹ SBF/ASO, de 16 de julho de 1948 (Camocim-CE).

⁵² SBF/ASO, de 16 de abril de 1948 (Camocim-CE). Para saber mais sobre o Primeiro de Maio em Camocim, ver Santos, *Op. Cit.*

A CIDADE VERMELHA DE R. BATISTA ARAGÃO⁵³

Há quem diga que a literatura não pode ser apenas diletantismo. Embora ela já tenha servido como objeto contemplativo, é consenso dizer-se que, objetivamente, tenha como objetivo “ajudar” o homem a “viver melhor”, na medida em que o fizesse compreender melhor a sociedade, o seu semelhante e a si mesmo, ou seja, “a literatura tinha uma missão bem mais nobre do que divertir endinheirados e ornamentar salões de festas elegantes”.⁵⁴

Talvez nesse sentido, se situe a escrita da obra *Pedra Verde*, do historiador, escritor e jornalista cearense, R. Batista Aragão, que, na década de 1940, foi vereador em Sobral. Sua atuação como escritor e jornalista adquire uma trajetória de militância ao fundar associações como a Barraca do Escritor Cearense, a Cooperativa dos Escritores Cearenses, o Sindicato dos Correspondentes de Jornais e Revistas do Interior e presidir a Associação Cearense de Jornalistas do Interior (Aceji), sem falar de sua mais volumosa obra (cerca de 33 títulos), uma tentativa de escrever uma história total do estado em cinco volumes, intitulada de *História do Ceará*.

Mas, voltando a destacar o romance *Pedra Verde*, percebe-se que as fronteiras entre a ficção e a escrita histórica ainda carecem de um debate mais profícuo no sentido de sabermos suas demarcações e possibilidades. Qual o valor de uma literatura militante? Independentemente dos vieses ideológicos de cada escritor, a presença de um contexto histórico numa obra de ficção tem a seu favor, a nosso ver, tal qual uma reportagem jornalística, o registro dos fatos.

R. Batista Aragão, tal qual um repórter, parece querer deixar para a posteridade na obra referida, a experiência dos trabalhadores de Camocim com o ideário comunista. Através do personagem Carlos (talvez uma alusão à Karl Marx), ele insere na trama romanesca, uma viagem deste a Camocim. Não queremos realizar uma análise discursiva da obra. No entanto, apenas para dar uma ideia ao leitor de um tipo de texto, que acreditamos ser militante, compilamos alguns trechos que revelam um passado de militância comunista da

53 Agradeço ao radialista, poeta escritor camocinense, Inácio Santos, por me apresentar a esta obra.

54 Freire, *Op. Cit.*, p. 2.

cidade, cognominada nos jornais da época de Cidade Vermelha, a Cidade Vermelha produzida, escrita e construída, com todos os interesses e motivações de R. Batista Aragão:

- E o Camocim – inquiriu Juca Pindá – vale a pena pelos comentários que existem?

- Camocim guarda todas as nossas esperanças – comentou ele como que previamente advertido da indagação.

- Aquilo, sim – coadjuvou Madrinha Chiqueza – vale o nome de terra abençoada!

- Um fanico de cidade – enredou ele em cima da bucha – e só perde em progresso para a Capital. Porto movimentado, estação ferroviária, navios como que verdadeiras cidades flutuantes e ainda por cima o hidro-avião a voar que nem gaivota.

Fez uma ligeira pausa. A imaginar certamente que alguém tocasse fogo ao pavio e continuou: o mais espetacular, no entanto, não está no hidro-avião, nem nos trens ou na riqueza flutuante do mar, porém no grito de liberdade proletária. Lá o comunismo floresce e se agita, com a fundação de células e outros organismos sociais que são verdadeiros esteios libertários, liquidando em definitivo com a burguesia.

[...] Como disse antes, Camocim é um fanico de cidade, mas politicamente regido por uma organização operária extraordinariamente fantástica. Estivadores, arrumadores, salineiros e portuários, amparados por leis especiais, mandam e desmandam nos principais setores obreiros da terra.

A demonstrar certo ar de impaciência, D. Julieta ajeitou o cocó, retirando o pente e colocando-o no mesmo lugar e falou como se fora dona da inocência:

- Mas não é esse o tal comunismo de que fala a igreja?...

- Fala – revidou Carlos em cima da bucha – fala. A igreja fala! Porém o que ela tem dito contra o comunismo é simplesmente injusto. Comunismo é a esperança final do proletariado. Luís Carlos Prestes é simplesmente um gênio. Está contra o getulismo dos latifundiários, o radicalismo das oligarquias e a exploração do homem pelo homem. E na liderança da terra, onde a maioria da população se constitui de gente pobre, desponta como esperança jovem o sindicalista Chico Teodoro, verdadeiro baluarte contra o capitalismo desumano.

A avaliar pela fluência com que Carlos pregava o comunismo dir-se-ia estivera ele pelo menos um ano em Camocim. Mas não. Conforme ele próprio dissera, meio dia fora suficiente, o que era sobejamente prodigioso, tendo-se em vista sua procedência matuta.⁵⁵

55 Aragão, *Op. Cit.*, p. 93-5.

Não temos como saber da repercussão da obra e sua apropriação pelos militantes comunistas, mas talvez para R. Batista Aragão ela tenha cumprido e, por extensão, ele próprio como simpatizante ou militante da causa comunista, a

[...] missão de esclarecer a humanidade sobre a sua condição e assim despertar nos homens o sentimento de solidariedade, aproximando-os uns dos outros, diferentemente da literatura “sorriso da sociedade”, feita para o deleite dos poderosos e diletante, que de certo modo aprofundava, no plano da cultura, a relação de desigualdade e separação entre as classes, já existente na esfera econômico-social.⁵⁶

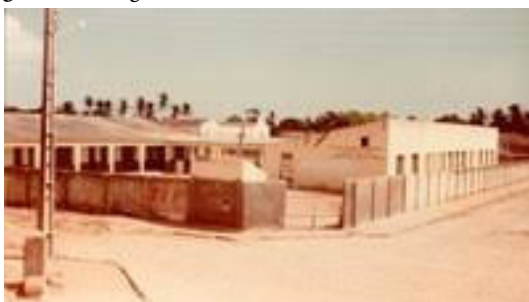
De qualquer modo, o romance *Pedra Verde*, embora contenha outras histórias e enredos, nele parece sobressair a cor vermelha que embalou sonhos ideológicos próprios da época em intenso confronto com defensores de outras cores e bandeiras.

56 Freire, *Op. Cit.*, p. 2.

CEPI - COLÉGIO ESTADUAL PROFESSOR IVAN PEREIRA DE CARVALHO

Pequena Memória Histórica do Professor Ivan Pereira de Carvalho e do Colégio Estadual Padre Anchieta (2006)⁵⁷

Figura 7 - Colégio Estadual Padre Anchieta (Camocim-CE)



Fonte: <https://biblioteca.ibge.gov.br>.

DEDICATÓRIA

A todos os ex-diretores, professores, funcionários e alunos da escola de todos os tempos, em especial à memória do Prof. Ivan Pereira de Carvalho.

O Autor.

Camocim-CE, 28 de julho de 2006.

Introdução

A história da educação, assim como a dos educadores, no Brasil, ainda está para ser feita. Nos mais variados campos do saber que trata a história, o do conhecimento é uma seara ainda pouco investigada pelos historiadores. O que é um erro imperdoável, pois é esta instituição, os espaços do saber e as pessoas que se dedicam a nos intro-

⁵⁷ Trabalho apresentado na solenidade comemorativa da renomeação do Colégio Estadual Padre Anchieta para Colégio Estadual Professor Ivan (Camocim-CE, segunda-feira, 31 de julho de 2006).

duzir no mundo incomensurável das letras que deveriam ser lembradas mais amiúde, que deveriam se constituir e serem lembrados no panteão de nossos heróis.

Não poderia ser diferente em Camocim. Há muito venho travando uma luta surda, mas constante sobre o porquê da não inclusão de nossos antigos professores nos atos nomenclaturais de nossos governantes. Não acredito que seja por pura ignorância. A existência desses homens e mulheres iluminados, que em maior ou menor grau tiraram por séculos nossas mentes da escuridão do analfabetismo, merecem mais respeito e comemoração. Creio mesmo que nossos mestres não deram sorte por nascerem em berços mais modestos do que os nossos insignes políticos ávidos da imortalidade estampada nas paredes e nas placas indicativas de suas supostas realizações por gerações a fio. Esta homenagem se reveste de um brilho maior, posto que surgiu como fruto da iniciativa e do reconhecimento da comunidade.

Não estou fazendo uma biografia do Prof. Ivan Pereira de Carvalho, mesmo porque isso demandaria mais tempo, método e pesquisa. Esta pequena memória leva muito em conta a íntima relação que este homem guardou com sua trajetória profissional ao ponto de confundir-se a sua história com a história do Colégio Estadual Padre Anchieta. Eles caminham juntos desde os tempos iniciais. A sua saída encerra e começa outra fase no nosso nobre educandário.

Começo pelo Homem. Os dados aqui coligidos por falta de um tempo maior de mergulhar nas fontes espalhadas entre os arquivos familiares e de ex-alunos, baseiam-se em alguns documentos do agora CEPI, dos livros de Tombo da Paróquia Bom Jesus dos Navegantes e de algumas memórias escritas no jornal “O Literário”. Coincidentemente, esse jornal teve sua origem no seio do Grêmio Literário **Prof. Ivan Pereira de Carvalho**, fundado em 1998, por um grupo de escritores da cidade, a maioria deles, ex-alunos do Mestre.

O Homem

O jornal “O Literário”, em seus primeiros números traz uma série de dados do Professor Ivan, informando os leitores sobre o homem que emprestava o seu nome ao grêmio literário que se formava entre nossa incipiente intelectualidade. Logo se percebeu que era preciso ter essa referência maior de sabedoria, para quem sabe, inspirar seus agremiados, em sua maioria, simples aspirantes cultivadores das letras.

Logo no primeiro número do nosso jornalzinho, ainda acanhado e de circulação local, apenas, R. B. Sotero já informava:

IVAN PEREIRA DE CARVALHO

Para você estudante do primeiro grau, nascido nos anos oitenta, o nome de Ivan Pereira de Carvalho talvez seja desconhecido ou conhecido parcialmente; não por sua culpa particular, mas pela falta de memória do nosso povo para com seus ídolos, heróis e afins. Por isso, a maioria, senão a totalidade dos camocinenses, seus coetanos, desconhece esse homem e seu feito no campo do ensino em nossa cidade. Por esta razão, tomamos seu nome emprestado para designar o nosso clube literário.

Nós outros, com idade para seu pai, e que tivemos a felicidade de estudar no seu “culégio”, onde ele próprio era docente, além de diretor; não podemos olvidá-lo, pois fomos testemunha “in loco” do seu feito nesta área humana e isto seria para nós, um perjúrio.

Quando falo do seu “culégio” não quero dizer que o colégio era dele propriamente. É uma força de expressão para mostrar a paixão pelo ensino, pois ele, movido do mais nobre sentimento por esta causa, quando dizia meu “culégio”, queria dizer que estava tornando uma coisa pública (improdutiva) numa coisa sua, particular, e, por isso, produtiva. Não usava meu “culégio” para se engrandecer; mas para engrandecer os outros. E tantos foram os engrandecidos pelo CEPA – Colégio Estadual Pe. Anchieta.

Você agora já sabe algo sobre o insigne lente. Peça, porém, ao seu pai – talvez seu aluno, talvez meu colega de classe -, que lhe fale mais desse amigo das letras de Camocim.⁵⁸

Vamos agora falar mais deste conterrâneo, agora sim colocado num lugar de destaque que sempre mereceu, honrando sua história e sua memória pela causa que dirigiu por tantos anos, a sua casa, o seu “culégio”, como costumava chamar sem pedantismo, como já assinalara R. B. Sotero no escrito acima. Transcrevemos os dados biográficos publicados por ocasião do primeiro aniversário do Literário em junho de 1999.

58 Jornal O Literário, Ano I, volume 2, edição 1, julho de 1998, Camocim-CE, p. 2.

Biografia

Ivan Pereira de Carvalho

IVAN PEREIRA DE CARVALHO, filho de Luciano Pereira da Luz e Amélia de Carvalho Pereira, nasceu em Camocim-Ceará (Rua 24 de maio – Praça da Matriz), aos oito (08) dias do mês de novembro de mil novecentos e nove (1909). Filho primogênito do casal, terminou seus estudos primários em Camocim (1919- Grupo Escolar, 1921 – Escola da Franczy Fialho, 1921 - Escola Dr. Hermes Paraíba, 1922 e 1923 – Escola Pedro Morel). Em 1924 ingressou no Seminário da Prainha, em Fortaleza, onde cursou o segundo e o terceiro anos ginasiais. Em 1925, foi transferido para o Seminário de Sobral onde cursou o quarto e quinto ano ginasiais. Terminado o primeiro grau, voltou a estudar em Fortaleza em 1927, onde cursou o primeiro e o segundo anos de Filosofia no Seminário da Prainha. Nos anos de 1929, 30, 31, 32 e 33, cursou Teologia Moral e Dogmática. Em 03 de dezembro de 1933, recebeu as Ordens de Presbítero das mãos de D. José Tupinambá da Frota, na Igreja Catedral da cidade de Sobral.-CE. Em 1934, aos 26 anos, foi nomeado vigário e assumiu a Paróquia de Palmas, boje Coreau, onde permaneceu como Ministro da Igreja até janeiro de 1942, quando mudou-se para Sobral para exercer as funções de vice-diretor e vice-prefeito de disciplina do Colégio Sobralense a convite do Bispo de Sobral, D. José Tupinambá e do diretor do Colégio Sobralense, Monsenhor Aloizio Pinto. Neste período, Padre Ivan fez uma viagem à Europa, por ocasião da peregrinação do Ano Santo em 1950, no Navio de Guerra Pedro II, cedido pelo então Presidente Getúlio Vargas. Em sua peregrinação, conheceu as cidades de Nápoles, Roma, onde visitou a Basílica de São Pedro, percorreu Assis, Turim, Veneza, Paris, Lisboa, dentre outras e retornou para Fortaleza em junho de 1950.

De volta a Sobral ainda permaneceu até julho de 1955, quando recebeu do então Prefeito de Camocim, Murilo Rocha Aguiar, o convite para criar o **Ginásio Padre Anchieta**, em Camocim, onde ficou exercendo a função de Padre Coadjutor da Paróquia de Camocim, e em 9 de junho de 1955, Padre Ivan fundou o referido ginásio, até passar a ser encampado pelo Governo do Estado do Ceará com a denominação de **Ginásio Estadual Padre Anchieta** em 1963. No dia 1º de março de 1966, Monsenhor André Camurça, então Secretário de Educação, criou junto ao Ginásio, o Curso Normal Pedagógico e recebeu a denominação de **Colégio Estadual Padre Anchieta**, que

foi premiado com a dedicação do Professor Ivan, mestre, diretor e orientador, onde exerceu o cargo de Diretor até 1982, humanizando e formando professores, que hoje é um marco para a história das gerações presentes e futuras de Camocim.

No decorrer da formação histórica da Educação de Camocim, mais precisamente em julho de 1968, Padre Ivan decidiu renunciar aos votos religiosos fazendo o pedido de dispensa dos votos à Santa Sé e ainda movido pelo amor, resolveu desposar Terezinha Lira, moça prendada, de família tradicional de Camocim, que lhe deu cinco (05) filhos: Ivânia, Jeovane, Francisco, Luciano e Juliana.

Atualmente, residindo em Fortaleza, está aposentado por tempo de serviço, depois de ter exercido o Magistério durante 35 anos, continua educador, pois é assim que tem orientado a educação de seus filhos e ajudado a quantos têm precisado de seus ensinamentos.⁵⁹

Baseado no texto acima, se pode perceber que temos uma dívida muito grande com nossos primeiros mestres, os professores do nosso homenageado. Nisso, a lacuna é grande e precisamos urgentemente completá-la. Incluiria nesta lista outros mestres-escolas do período, como Professor Chico Rodrigues, Francisco Theodoro Rodrigues, Dona Mimi, entre outros.

Por outro lado, sua rigidez no trato da disciplina com certeza é advinda de sua experiência no Seminário Sobralense. Lustosa da Costa registra o contexto em que se dera o perdão do Bispo Conde, para uma falha que se perdeu no tempo, cometida quando pároco de Coreaú:

PADRE IVAN

"[...] Ferido de remorsos e arrasado, voltou a Sobral. Representava a própria imagem do pecador malsucedido. Ao sabê-lo em baixo, à porta da sua casa, Dom José desceu as escadas e recebeu o padre com um beijo em cada face. A partir daí colocou-o diretamente a seu serviço. Conbeci-o soturno e triste, atuando como fiscal do Colégio Sobralense".⁶⁰

Como ex-aluno desta escola, ainda pude testemunhar sua firmeza, apesar dos seus quase setenta anos de idade, na condução do colégio pelos idos de 1978, quando cursei apenas a 8ª série. Não mais lecionava e seu corpo já dava sinais de cansaço.

⁵⁹ Jornal *O Literário*, Ano I, volume 2, edição 10, junho de 1999. Camocim-CE, p. 1.

⁶⁰ Costa, 1982, p. 91.

Com relação ao seu casamento e sua consequente renúncia dos votos religiosos, o pároco da época anotou no Livro de Tombo da Paróquia Bom Jesus dos Navegantes.

JULHO - 1968

Padre Antonio Ivan Pereira de Carvalho deixa as fileiras do clero e foi para Fortaleza, onde no mesmo mês contraiu matrimônio civil com Tereza Lira, nascida e moradora nesta cidade.⁶¹

Interessante quando se faz uma retrospectiva de vida de uma pessoa é saber o que pensam dele os seus contemporâneos. Neste sentido, se for se fazer uma pesquisa entre seus ex-alunos e ex-professores, que conviveram diretamente com ele, com certeza todos dirão que era um homem que primava pela retidão de caráter, rígido na disciplina, mas também de um grande coração, de um correto conselheiro.

Por pura falta de tempo e espaço deixa-se de registrar estes depoimentos, ficando com o que foi escrito sobre ele. O professor Francisco Valmir Rocha relembra de um Padre Ivan empreendedor, eletricista amador, administrador correto, professor de gabarito:

OS HOMENS DE MINHA TERRA

Eu ainda me lembro dele nos idos de 1950. De batina desbotada, suado até o pé do cabelo, apressado dentro da batina, rumo à sede da Rede Telefônica de Camocim. [...] Camocim, naquele tempo, era um areal só. Penava-se para atravessar a Praça da Matriz. [...] Mas Camocim já tinha telefone, sim senhor! Graças ao esforço de homens como o Prof. Ivan Pereira de Carvalho.

.....
Depois, conheci mais de perto o meu padrinho (ele era meu padrinho de crisma) nas lides do Ginásio Padre Anchieta: eu era professor. Ah! Uma nova etapa para Camocim, um degrau a mais, a inauguração do Ginásio Padre Anchieta, naquele tempo só havia a Escola José de Barcelos. [...] Ele conseguia com pouquíssimos empregados e muito trabalho, manter o colégio em atividade. [...].

Numa palavra eu resumiria o trabalho e a pessoa prendada de Ivan Pereira de Carvalho: a PERFEIÇÃO. [...]

E esnobava como professor de Português. Era professor arretado – que digam seus alunos em peso! [...] Foi um dos melhores professores do Ceará e, com certeza, o mais dedicado. A marca registrada do seu magistério, pastoreio incansável, era o uso frequente do exercício.

61 Livro de Tombo da Paróquia Bom Jesus dos Navegantes. 1968.

*Ainda me lembro do exercício sobre o emprego dos pronomes relativos, passando pela regência dos verbos. Aprendi com ele essa prática e a aplico no meu ensino hoje.*⁶²

Como se pode ver, a semente do mestre jogada em solo fértil ainda dá frutos, face o respeito e prestígio com que conta na cidade nos meios pedagógicos e literários, o professor Francisco Valmir Rocha. Um depoimento insuspeitíssimo.

A Obra

A história da educação no Brasil tem como marca inicial o ensino religioso. Neste sentido, o processo de colonização andou de mãos dadas, até a expulsão dos jesuítas no período pombalino, com a Igreja Católica. Mesmo assim, a igreja se consolidou nesta área e várias cidades brasileiras se desenvolveram no entorno de colégios fundados por jesuítas, e só para ficar no exemplo mais edificante, a cidade de São Paulo teve essa origem.

Em Camocim não poderia ser diferente e até hoje essas marcas são visíveis. Com a fundação de um educandário para as moças, no caso, o Ginásio Imaculada Conceição, futuro Instituto São José, e posteriormente o Ginásio Padre Anchieta, para os rapazes, já que naquele tempo a divisão das escolas por sexo era uma prática pedagógica. O nome de Anchieta, nosso primeiro educador, não poderia ter sido melhor escolhido.

Portanto, recebendo o nome do ilustre religioso, é necessário que se recupere a motivação para a criação desse educandário. Afora a real necessidade de se dotar a cidade de uma escola com essa característica, que visava diminuir os obstáculos de se educar os camocinenses, é flagrante o componente de uma disputa religiosa na educação dos filhos de nossa terra.

Pesquisando nos arquivos, os documentos da paróquia e os apelos do então prefeito ao Bispo de Sobral, pode-se constatar um certo temor de os protestantes, que já tinham uma escola de nível básico, se aventurarem na iniciativa de se fundar um ginásio na cidade. Segundo depoimentos de pessoas mais idosas, essa escola pertencia à Igreja Batista e funcionava onde hoje se localiza o Hospital do FUNRURAL, à Rua 24 de Maio, no centro da cidade. Essa escola tinha bons professores, como atestam estes testemunhos, e já se preparava com a documentação para a fundação de um ginásio. Levando em conta essa possibilidade, os católicos se arregimentaram para impedir o pleito protestante.

62 *Jornal O Literário*, Ano III, edição 19, setembro de 2001. Camocim-CE, p. 2.

Na verdade, esse é um conflito que remonta às primeiras décadas do período republicano no Brasil. Preocupados com o avanço e concorrência das escolas protestantes, os católicos recorreram a vários artifícios, dentre eles, a criação de escolas católicas para “*manter a preponderância de seu modelo de ensino*”. A historiadora Ana Lúcia Cordeiro mostra esse temor católico estampado na Carta Pastoral de 27 de dezembro de 1920, escrita pelo arcebispo de Minas Gerais, D. Silvério Gomes Pimenta, intitulada *O perigo dos colégios acatólicos*:

*Já outras vezes temos despertado a atenção dos fiéis para o perigo em que precipitam seus filhos confiando-os a escolas acatólicas [...] Por isso brademos aos pais, com todas as forças d'alma, que por nenhuma razão, por nenhuma conveniência, por nenhuma solicitação de amigos, confiem seus filhos ou pupilos a colégios de protestantes, nem a mestres ímpios ou de maus costumes”.*⁶³

Essa temeridade parece fundamentar o pedido do prefeito da época e correspondido pelo bispo diocesano, conforme a troca de correspondência entre ambos. Veja-se o teor da carta do então Prefeito Municipal, Murilo Rocha Aguiar, ao Bispo de Sobral, D. José Tupinambá da Frota:

Carta dirigida pelo Prefeito Murilo Rocha Aguiar ao Exmo. Bispo Conde, D. José Tupinambá da Frota, pela qual solicita a Sua Excelência permissão para o Padre Ivan Pereira de Carvalho exercer a direção do Ginásio Padre Anchieta.

Camocim, 18 de Maio de 1955.

Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Conde Dom José.

Salve Maria!

Peço a devida vênica para expor a V. Excia. o que vai a seguir:

Como é do conhecimento de V. Excia., Camocim já possui um ginásio para a juventude feminina, faltando-nos, entretanto um que venha beneficiar os jovens desta terra.

Para este fim, dirigi-me a Fortaleza e, contei com franco apoio por parte do Senhor Governador do Estado que me cedeu o prédio do Grupo Escolar para nele funcionar provisoriamente o referido estabelecimento de ensino secundário.

Depois de prontos todos os papéis, só uma coisa está a faltar-nos, que é o caso de um diretor. Lembrei-me então, e comigo muitos desta terra, e rogar a V. Excia. permissão para que o Pe. Ivan Pereira de

63 Cordeiro, 2006, p. 80.

Carvalho exerça a função de diretor do Ginásio masculino que pretendemos fundar aqui em Camocim.

Procuramos minuciosamente em elemento da terra que pudesse exercer a função de diretor, mas infelizmente aqui não há ninguém que possa exercer esse cargo, que deve ser professor registrado no Ministério de Educação e Cultura e o Pe. Ivan está credenciado para exercer o referido cargo e para isto contamos desde já com o apoio por parte de V. Excia. Creio que V. Excia, estará ao nosso lado e estenderá a sua mão benéfica até nós.

Senhor Bispo, é crítica a situação em Camocim, ou nós os católicos fundaremos este ginásio ou os protestantes fundarão, pois, conforme fui informado pelo Inspetor Seccional do ensino secundário, eles já estão se arregimentando no sentido de se estabelecerem aqui no ano vindouro, com um estabelecimento de grau secundário, já tendo enviado para isto ao Ministério de Educação todos os papéis, nada mais faltando a eles. Camocim não poderá manter dois ginásios, e depende de V. Excia., permitindo a vinda do Pe. Ivan para abriremos o nosso estabelecimento de ensino, no próximo ano, antes de eles o fazerem.

Certo de que V. Excia. não só nos facilitará a vinda do Pe. Ivan para exercer o cargo de diretor, como mesmo derramará as melhores bênçãos sobre esta nossa iniciativa, que receberá um cunbo todo especial neste ano em que se celebrará seu jubileu sacerdotal, apresento a V. Excia. o nosso mais sincero reconhecimento e imorredoura gratidão.

Atenciosamente,

Murilo Rocha Aguiar – Prefeito Municipal.⁶⁴

As anotações do pároco no Livro de Tombo confirmam esses temores de um ginásio dirigido por protestantes. Bastante sucinto, eis os objetivos do futuro educandário que nascia sob a batuta da Sociedade Educadora Camocinense, criada exclusivamente para manter referida instituição de ensino:

EDUCANDÁRIO PADRE ANCHIETA

OBJETIVO: *Elevar o nível cultural da cidade e de toda a paróquia e neutralizar os efeitos funestos do ensino da escola dirigida pela seita batista na cidade.⁶⁵*

⁶⁴ Colégio Estadual Padre Anchieta. Livro de Atas. 1955 a 1978. p. 1v.

⁶⁵ Livro de Tombo da Paróquia de Bom Jesus dos Navegantes. Camocim-CE, Livro 02, p. 164.

A reação dos católicos foi rápida, mostrando que os homens quando querem fazer algo, realmente fazem. Em menos de três meses de aceso o sinal amarelo de perigo da criação da escola protestante, a elite católica da época somou esforços e prestígios e fundaram o seu ginásio. Contudo, há um hiato de tempo quanto à data de fundação da Sociedade Educadora Camocinense. O Livro de Tombo registra como sendo 15 de junho de 1955. Já o Livro de Atas do CEPA tem registrado a data de 1º de junho do mesmo ano. Enganos à parte, assim ficou constituída a primeira diretoria desta entidade, que segundo o orador da ocasião, Prof. José Maria Loiola, tal iniciativa era de *“utilidade incontestável de um colégio, cuja falta há muito, se ressentia Camocim, cidade próspera e de população avultada”*.

1ª DIRETORIA

Presidente: Monsenhor José Carneiro da Cunha.

Vice – Fernando Cella

1º Secretário – José Maria Loiola Melo

2º Secretário – Artur Carneiro de Queirós.

1º Tesoureiro – José Moacir Rocha Aguiar.

2º Tesoureiro – Antonio Enéas Vasconcelos

*DIRETORES: Padre Inácio Nogueira Magalhães, Francisco Monteiro de Paula, José Gomes Parente, Eduardo Normandia Albuquerque, Francisco das Chagas Sobrinho, José Trévia, Aldemir Fontenele, José Ribamar Alves, Murilo Aguiar.*⁶⁶

Segundo os documentos a referida reunião ocorreu no salão da Associação Comercial de Camocim e foi bastante concorrida. Estiveram presentes e assinaram a ata de inauguração da Sociedade Educadora Camocinense, afora os componentes da diretoria, as seguintes pessoas: *José Pessoa Barreto, Eudoro Dantas da Silveira, Pedro Aguiar, José Maria Parente Viana, Setembrino Veras, José Ximenes Soares, Luiz Lopes Viana, Antonio Alcindo Rocha, José Clodoveu Arruda, Francisco das Chagas Teixeira, Francisco Araújo de Castro, Alfredo Fernandes, Manuel Artur Alves, José de Arima-téia Filho.*⁶⁷

Somente três dias após o pedido do Prefeito Municipal Murilo Rocha Aguiar para a liberação de Padre Ivan para vir dirigir o Ginásio Padre Anchieta, veio a resposta do D. José Tupinambá. Tudo leva a crer que as correspondências foram levadas e trazidas por emissário especial, devido o pouco tempo entre a solicitação administrativa e a resposta episcopal. Transcrevo na íntegra:

66 Livro de Tombo da Paróquia de Bom Jesus dos Navegantes. Camocim-CE, Livro 02, p. 168 e Santos, 2000, p. 9.

67 Colégio Estadual Padre Anchieta. Livro de Atas. 1955 a 1978. p. 2v.

**Cópia da carta do Exmo Sr. Bispo de Sobral, Dom José Tupi-
nambá da Frota, dirigida ao Sr. Murilo Rocha Aguiar, Prefeito de
Camocim.**

Sobral, 21 de Maio de 1955.

Prezado amigo Sr. Murilo Aguiar.

Louvado seja N. S. Jesus Cristo.

*Em resposta à sua última carta, venho comunicar-lhe que pode
convidar o Pe. Ivan Carvalho para ser o diretor do nosso futuro gi-
násio de Camocim. Sobre o assunto fale com Mons. Aloísio Pinto, que
está de pleno acordo. Quanto ao mais o amigo se entenderá com o
Pe. Ivan.*

*Congratulo-me com o povo de Camocim e com o seu operoso prefeito
por este melhoramento para o ótimo povo de Camocim, e faço votos
a Deus por que tudo prospere sob as bênçãos do céu.*

Com estima subscrevo-se

Seu amigo e servo em Cristo.

+ José, Bispo de Sobral.

Voltando aos acontecimentos de junho de 1955, ainda por ocasião da fundação da Sociedade Educadora Camocinense, ficou definido, além da direção do ginásio para Padre Ivan, o primeiro corpo docente:

CORPO DOCENTE

Pe. Ivan Pereira de Carvalho – Diretor.

Pe. Inácio Nogueira Magalhães.

Benito Tavares

Artur Queiroz

Arnaldo Vasconcelos.⁶⁸

Foram estes, portanto, nossos primeiros desbravadores da seara educacional para o ensino secundário em Camocim. O corpo administrativo era muito reduzido e se constituía dos seguintes funcionários:

ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA

Diretor: *Revmo. Padre Ivan Pereira de Carvalho, registrado em La-
tim e Francês na Diretoria de Ensino Secundário pelo certificado de
registro definitivo de professor de número 13.270.*

68 Livro de Tombo da Paróquia de Bom Jesus dos Navegantes. Camocim-CE, Livro 02, p. 168 e Santos, *Op. Cit.*, p. 9.

Secretário: *Sr. Raimundo Wilson Carneiro, professor de Matemática portador do certificado de registro definitivo sob o número 24.002.*

Auxiliares de Administração: *Sr. José Poro e D. Maria Ilda Bemvindo Cisne, o primeiro terá a seu cargo a inspeção de alunos e a segunda encarregar-se-á dos Serviços de Auxiliar da Secretaria.⁶⁹*

Aos documentos já foram feitas várias referências, e a tradição oral esta aí, para quem quiser consultar ou recolher depoimentos sobre este homem e esta obra que engrandecem a nossa terra e nossa educação. Para efeito puramente didático e baseado nestes registros e relatos, traço uma pequena cronologia dos fatos.

Efemérides

16 de abril de 1955 – Chegada do Prof. José Maria Loiola em Camocim para ministrar um curso preparatório para o Exame de Admissão da primeira turma de alunos para o 1ª série do Curso Ginásial do futuro ginásio.

21 de abril de 1955 – Primeira aula do referido curso, Dia de Tiradentes, com mais de 30 alunos. Este curso funcionou na Associação Commercial de Camocim, berço do **Ginásio Padre Anchieta**.

18 de maio 1955 – O Prefeito Murilo Aguiar envia carta ao Bispo D. José Tupinambá da Frota, solicitando o Pe. Ivan Pereira de Carvalho para vir dirigir o Ginásio Padre Anchieta a ser fundado.

21 de maio de 1955 – O Bispo D. José responde positivamente ao pedido do prefeito e abençoa o empreendimento.

09 de junho de 1955 - Fundação da **Sociedade Educadora Camocinense**, entidade mantenedora do Ginásio Padre Anchieta e fundação do **Educandário Padre Anchieta**, de ensino primário.

09 de junho a 08 de dezembro 1955 – Período em que o Prof. José Maria Loiola Melo dirigiu o Educandário Padre Anchieta, contratado pelo Prefeito Murilo Aguiar.

14 de outubro de 1955 – Chegada a Camocim do Inspetor Federal José Mavinier para fazer a inspeção prévia do Grupo Escolar José de Barcelos onde funcionaria o Ginásio Padre Anchieta.

10 de dezembro de 1955 – Chegada do Prof. Ivan Pereira de Carvalho a Camocim para dirigir o futuro ginásio. Continuou as aulas para o Exame de Admissão na Associação Commercial.

69 Requerimento de Inspeção do Ginásio Padre Anchieta. Colégio Estadual Padre Anchieta. Livro de Atas. 1955 a 1978. p. 9.

04 de fevereiro de 1956 – O Diretor de Ensino Secundário do Ministério de Educação e Cultura, Sr. Armando Hildebrand, assina a Portaria Ministerial nº 297, concedendo autorização para funcionamento condicional do Ginásio Padre Anchieta.

24 de fevereiro de 1956 – Chegada do Inspetor Geral Padre José Gerardo Ferreira Gomes a Camocim com a Portaria Ministerial e a autorização do Inspetor Seccional para a realização dos exames de admissão dos candidatos à 1ª Série Ginasial. Foram aprovados 37 alunos.

24 de fevereiro de 1956 a 31 de dezembro de 1961 – Período em que o **Ginásio Padre Anchieta** funcionou no prédio do Grupo Escolar José de Barcelos (andar térreo do antigo prédio da Prefeitura), no turno noturno.

01 de março de 1956 – Início das aulas da 1ª Série Ginasial do Ginásio Padre Anchieta com 41 alunos. 04 alunos vieram de cidades vizinhas.

05 de março de 1956 – Segundo o Livro de Tombo da Paróquia, é a data da fundação do Ginásio Padre Anchieta.

12 de janeiro de 1957 – A Portaria Ministerial nº 297 do Ministério da Educação e Cultura, publicada do Diário Oficial da União de 12 de janeiro de 1957, autoriza o funcionamento do Ginásio Padre Anchieta,

23 de outubro de 1960 – Chega a Camocim, acompanhado do Secretário de Educação, o Dr. Parsifal Barroso, Governador do Estado, que fez o lançamento a pedra fundamental do prédio próprio do Ginásio Padre Anchieta.

Dezembro de 1960 – Iniciada a construção do prédio, concluída em dezembro de 1961, em terreno doado pelo Patrimônio da Paróquia de Camocim, no local onde hoje funciona o CEJA João da Silva Ramos.

Figura 8 - Ginásio Padre Anchieta (Camocim-CE, 1962)

Fonte: <https://biblioteca.ibge.gov.br>.

Março de 1962 – A partir dessa data o Ginásio Padre Anchieta passa a funcionar no novo prédio construído pelo INEP em convênio com a Secretaria de Educação, nos turnos diurno e noturno, até o mês de **junho de 1969**.

13 de dezembro de 1963 – Data da encampação do Ginásio Padre Anchieta pelo Governo do Estado, passando a chamar-se **Ginásio Estadual Padre Anchieta** (Lei Nº 6.888 de 13/12/1963, publicada no Diário Oficial de 23/12/1963). Governador: Virgílio Távora. Até esta data foi mantido pela Sociedade Educadora Camocinense.

1º de março de 1966 - Autorização do Secretário de Educação, Monsenhor André Camurça, para o funcionamento do Curso Normal Pedagógico, passando a denominar-se **Colégio Estadual Padre Anchieta** (Parecer 99/66, publicado no Diário Oficial de 08 de junho de 1966). O Curso funcionou no período da tarde na Rua 24 de Maio até o mês de julho de 1969.

Julho de 1969 - Transferência para o Bairro do Cruzeiro por ordem do Major Francisco de Assis Fernandes Bastos— Diretor de Ensino do 2º Grau. O prédio foi construído pelo Governo do Estado para ser um ginásio industrial em terreno doado pelo prefeito João Batista Rocha Aguiar.

13 de março de 1974 – Reconhecimento do 1º Grau do Colégio Estadual Padre Anchieta, pelo Parecer nº 203/74, do Conselho Estadual de Educação, publicado no Diário Oficial de 13/03/74. Ressalte-se o empenho nesta luta do Deputado Libório Gomes da Silva.

18 de junho de 1974 – O Secretário de Educação, Murilo Serpa, concede reconhecimento temporário ao Colégio Estadual Padre Anchieta relativo ao Curso de Habilitação ao Magistério de 1º Grau e autorização para o Curso menor Profissionalizante de Auxiliar de Escritório (Diário Oficial de 04/07/74).

28 de dezembro de 1979 – Sessão solene de entrega de certificados aos alunos concludentes da 8ª série. Nome da Turma; Prof. Manoel Carlos de Sousa. Patrono: Murilo Rocha Aguiar. Paraninfo: Deputado Francisco Rocha Aguiar. Oradora da turma:

Aila Dália de Oliveira. Local: Auditório do Instituto São José.

29 de dezembro de 1979 – Sessão solene de entrega de diplomas aos alunos concludentes do 2º Grau, do Curso Normal Pedagógico. Nome da Turma; Prof. Ivan Pereira de Carvalho. Patrono: Francisco Rocha Aguiar. Paraninfo: Murilo Rocha Aguiar. Oradora: Diva Marinho de Oliveira. Local: Igreja Matriz de Camocim.

09 de junho de 1980 - Sessão extraordinária da Congregação de Professores de inauguração da Galeria de Retratos de Cidadãos Ilustres no Salão da Secretaria. Retratos apostos: Presidente da República, General João Batista Figueredo; Governador do Estado, Virgílio Távora; Secretário de Educação, Dr. Antonio de Albuquerque Sousa Filho; Benfeitor e fundador do Ginásio Padre Anchieta, Murilo Aguiar.

19 de novembro de 1980 – Sessão solene de entrega de diplomas aos professorandos da Turma Jubileu de Prata que concluíram o 2º Grau do Curso Normal Pedagógico no ano de 1980. Patrono: Coronel Libório Gomes da Silva. Paraninfo: Murilo Rocha Aguiar. Oradora da turma: Lucilene Rodrigues Araújo. Local: Auditório do Instituto São José.

24 de dezembro de 1980 – Sessão solene de entrega de certificados aos 75 alunos do ensino de 1º Grau ano de 1980. Nome da Turma: Prof. Manoel Carlos de Sousa. Patrono: Deputado Federal Humberto Bezerra. Paraninfo: Prefeito Edílson Veras Coelho. Oradora da turma: Maria Clemilda Veras. Local: Auditório do Instituto São José.

22 de dezembro de 1981 – Sessão solene de entrega de diplomas aos professorandos da Turma do 2º Grau do Curso Normal Pedagógico no ano de 1981. Patrono: Padre Edivaldo Gomes da Silva. Paraninfo: Prefeito Edílson Veras Coelho. Orador da turma: Wilson Oliveira de Carvalho. Local: Igreja de São Pedro.

22 de abril de 1982 – Sessão solene de posse da Profa. Maria Marques Cedro no cargo de Diretora do Colégio Estadual Padre Anchieta de Camocim. Local: Pavilhão do CEPA.

13 de novembro de 1982 – Sessão solene realizada no pavilhão do Colégio Estadual Padre Anchieta em comemoração do aniversário natalício do Prof. Ivan Pereira de Carvalho, ocorrido no dia 08 do corrente mês.

24 de dezembro de 1982 – Sessão solene de entrega de diplomas aos professorandos da turma de concludentes do ano de 1982. Patrono: Prefeito Edílson Veras Coelho. Paraninfo: Pedro Barbosa Mendes - Aluno Orador da turma: Francisco das Chagas Carvalho. Local: Igreja da Matriz.

30 de dezembro de 1982 – Sessão solene de entrega de certificados aos 55 concludentes do ensino de 1º Grau de 1982. Nome da turma: Diretora Maria Marques Cedro. Patrono: Deputado Murilo Rocha Aguiar. Paraninfa: Sra. Ana Maria Veras.

16 de dezembro de 1983 – Sessão solene de entrega de certificados aos alunos concludentes do ensino de 1º Grau no ano de 1983. Nome da turma: Profa. Francisca Daria de Araújo Carvalho. Patrono: Prof. Antonio Alberto da Paz. Parainfã: Diretora Maria Marques Cedro. Oradora da turma: Lucia Almeida.

21 de junho de 1983 – Fez visita de cortesia ao CEPA o Secretário de Educação do Ceará, Sr. Ubiratan Diniz Aguiar.

28 de dezembro de 1984 - Sessão solene de entrega de certificados aos 55 concludentes do ensino de 1º Grau de 1984. Nome da turma: Profa. Francisca Daria de Araújo Carvalho. Patrono: Sra. Ana Maria Veras. Parainfã: Diretora Maria Marques Cedro. Local: Igreja de São Pedro.

29 de dezembro de 1984 - Sessão solene de entrega de diplomas aos concludentes do ensino de 2º Grau de 1984. Patrono: Deputado Murilo Rocha Aguiar, representado pelo Prof. Ivan Pereira de Carvalho. Local: Auditório do Instituto São José.

08 de junho de 1985 – Solenidades comemorativas do 30º aniversário do CEPA. Local: dependências do colégio.

22 de dezembro de 1985 - Sessão solene de entrega de diplomas e certificados aos 07 alunos concludentes do ensino de 1º e 2º Graus do ano de 1985. Orador: Antônio Caetano de Oliveira. Local: Assembleia de Deus em Camocim.

27 de dezembro de 1985 - Sessão solene de entrega de diplomas aos concludentes do ensino de 2º Grau do Curso Normal Pedagógico no ano de 1985. Nome da turma: Diretora Maria Marques Cedro. Patrono: Francisco de Paula Rocha Aguiar. Parainfã: Prefeita Ana Maria Bevilaqua Moreira Veras. Local: Igreja da Matriz.

25 de dezembro de 1986 - Sessão solene de entrega de diplomas aos concludentes do ensino de 1º Grau no ano de 1986. Local: Igreja da Matriz.

23 de dezembro de 1987 – Solenidade de colação de grau aos concludentes do ensino de 2º Grau do Curso Normal Pedagógico no ano de 1987. Local: Igreja da Matriz.

17 de maio de 1988 – Parada Estadual da Educação mobilizada pela APEOC. Manifestação pública na Praça da Rodoviária (17h30).

09 de junho de 1988 – Solenidade de aniversário do CEPA alusivas aos 33 anos da instituição.

23 de dezembro de 1988 - Sessão solene de entrega de diplomas aos concludentes do ensino de 1º Grau no ano de 1988. Local: Igreja da Matriz.

30 de dezembro de 1988 - Sessão solene de entrega de diplomas aos concludentes do ensino de 2º Grau do Curso Normal Pedagógico no ano de 1988. Oradora da turma: Emília Alves da Paz. Local: Igreja da Matriz.

31 de dezembro de 1988 - Sessão solene de entrega de colação de grau dos concludentes do Curso Normal Pedagógico no ano de 1988 que pertencem à Igreja Bíblica de Camocim. Local: Igreja Bíblica de Camocim.

[...]

30 de dezembro de 1991 - Sessão solene de entrega de diplomas aos concludentes do ensino de 2º Grau do Curso Normal Pedagógico no ano de 1991. Local: Igreja de São Pedro. Pela primeira vez aparece o nome da Diretora **Maria de Jesus Rocha**.

03 de dezembro de 1995 – Eleição para o cargo de Diretor do CEPA. Concorreram duas chapas. Chapa 01 – Maria de Jesus Rocha. Chapa 02 – Prof. Antonio Avelar dos Santos. Vencedora foi a Chapa 1, encabeçada pela Profa. Maria de Jesus Rocha, com 56,096% dos votos totais.

19 de maio de 1998 – pela primeira vez aparece nas atas como Diretora Geral do CEPA, Francisca das Chagas Silveira Queiroz.

21 de janeiro de 1999 – pela primeira vez aparece nas atas como Diretora Geral do CEPA, Ednilsa Barros Pessoa Angelim.

Daí para frente, os registros se escasseiam e não têm relevância para este trabalho. Tampouco há qualquer menção sobre o novo Núcleo Gestor.

08 de Junho de 2005 – Comemoração do Jubileu de Ouro do CEPA, por ocasião da VII SEFEPA – Semana Festiva do Colégio Estadual Padre Anchieta. Incorporação do projeto da gestão anterior para a mudança de nome do CEPA para CEPI – Colégio Estadual Professor Ivan Pereira de Carvalho. Foi lançado concurso para o corpo discente para escolha da nova farda.

Núcleo Gestor:

Diretor: João Jacinto Pereira Filho.

Coordenadora Escolar de Gestão: Elvira Maria Fernandes Veras.

Coordenador Administrativo-Financeiro: Leno Hugo Ferreira da Silva.

Coordenadora Pedagógica: Regina Neusa de Oliveira dos Santos.

Coordenadora Pedagógica: Maria do Livramento Pereira.

Secretária Escolar: Maria Márcia Ferreira Frota.

07 de junho de 2006 – Publicação no Diário Oficial do Estado (Série 2, Ano IX, Nº 107) do Decreto Nº 28.264, de 02 de junho de 2006, que: **ALTERA A DENOMINAÇÃO DO GINÁSIO PADRE ANCHIETA, NO MUNICÍPIO DE CAMOCIM-CEARÁ, E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.**

ART. 1º. O Ginásio Padre Anchieta, localizado no Município de Camocim-Ceará, encampado pelo Governo do Estado do Ceará, através da Lei Nº 6.888, de 13 de dezembro de 1963, passa a denominar-se: **COLÉGIO ESTADUAL PROFESSOR IVAN PEREIRA DE CARVALHO.**

ART. 2º. Este Decreto entra em vigor na data da sua publicação.

ART. 3º. Revogam-se as disposições em contrário.

PALACIO IRACEMA, DO GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, em Fortaleza aos 2 de junho de 2006.

Lúcio Gonzalo de Alcântara
GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ
Luís Eduardo de Menezes Lima
SECRETÁRIO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

De forma geral, este é um passeio sobre a história do Colégio Estadual Padre Anchieta e do Professor Ivan Pereira de Carvalho, como já disse, histórias bastante parecidas, porque guardam uma íntima relação entre homem e obra. A associação da memória do tempo em que Professor Ivan dirigiu esta casa com sua pessoa é de grande sucesso e valor. Agora, que recebe seu nome em merecida homenagem, desejo que os gestores, alunos e comunidade escolar honrem e mirem-se no seu exemplo.

Post Scriptum

No ano de 1990, foi realizada uma festa em homenagem ao Prof. Ivan Pereira de Carvalho por seus 81 anos de idade, nos salões do Hotel Municipal de Camocim, organizada, lembro-me ainda pelo escritor camocinense Carlos Cardeal, que me incumbiu de homenageá-lo com um escrito. Era o mais novo dentre aquelas pessoas que reverenciavam o mestre que dedicou sua vida ao sacerdócio e depois ao magistério. Senti a responsabilidade de dirigir-me àquele homem cuja tradição se contava por suas histórias de cobrança da rigidez gramatical.

Eu, sorrateiramente escorreguei para o reino da poesia. Ele decerto me perdoaria caso cometesse uma licença poética meio garatujada, mesmo ofensiva às boas normas. Pensei mais um pouco e, dentro da liberdade do verso livre tive a feliz ou infeliz ideia de, já que o foco seria o professor Ivan, organizar um número de palavras cujas iniciais principiassem pela letra “I”.

Bastante imprevidente, pois ainda não aquilatava a importância de se preservar e registrar nossos cometimentos literários, não fiz cópia da referida poesia, escrita em letra caprichada, diria desenhada por uma pessoa que não mais lembro, num pedaço de cartolina à moda de um cartão.

Felizmente, a família guardou a singela homenagem que agora recupero para a posteridade.

IVAN ILUMINADO

Ivan,
Iniciamos instante inesquecível invocando
Ivan – infante.
Inteligência incrível,
Ivan, incorporaste ideias, instrução,
Influenciaste intermitentemente indivíduos
Importantes, ignorados, indistintamente.
Ivan,
Imprimiste imagem idealista,
Indelével, iluminista.
Ivan,
Incomparável irmão,
Içaste iletrados,
Incentivaste instrução.
Ivan,
Invejamos infinita impetuosidade,

Imorredoura, inovadora.
Ivan,
Inconteste irmão,
Imensa irmandade
Imortaliza
Irradiante idade.

Camocim-CE, 10-11-1990.

Figura 9 - “Santinho” do Prof. Ivan Pereira de Carvalho



O TIRO DE GUERRA DE CAMOCIM

As primeiras referências à nossa tradição “verde-oliva” datam do início do século passado, com a iniciativa de **Júlio Cícero Monteiro**, jornalista, intelectual e vereador local, em fundar o **Tiro de Guerra Infantil**. Deste modo, as relações entre o poder legislativo e a instituição militar são longínquas. Dentro da tradição espartana, portanto, desde jovens, as crianças camocinenses teriam a oportunidade de “servir a pátria”. Diz-se na matéria jornalística sobre o surgimento de tal agremiação, inaugurada em 1º de janeiro de 1912, que ela,

[...] vem constituir-se mais uma nota de destaque a esta cidade, incontestavelmente uma das mais florescentes do Estado. Assim sendo é justo que todos os srs.paes de família acolham-na de braços abertos, mandando seus filhinhos-rebentos de esperança da Pátria se aliarem as suas fileiras.

Isto, sobre ser de grande importância para os pequenos, porque já se habilitam ao manejo das armas vão se encaminhando no verdadeiro civismo, é de alta significação para a Pátria, porquanto no dia em que todo brasileiro souber desparar(sic) conscientemente uma arma de fogo qualquer, teremos integralizada a paz e, portanto, assegurada a estabilidade e o progresso das ubertosas plagas descobertas por Cabral.⁷⁰

O mesmo jornal, na página seguinte noticiaria a inauguração do Tiro Infantil:

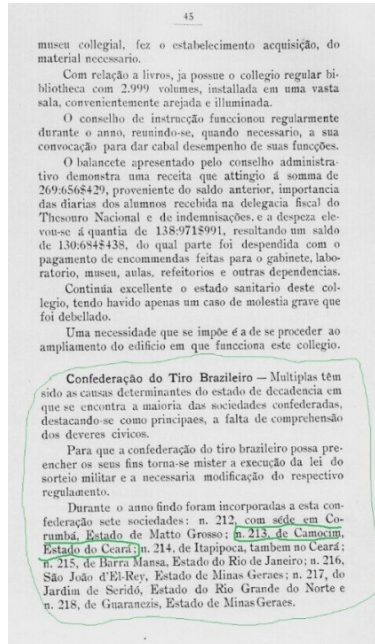
Ao acto de inauguração que se efectuou no Paço da Municipalidade ao meio dia, compareceram, além de muitos cavalheiros, os srs. coronel Severiano José de Carvalho, Intendente Municipal e Julio Cícero Monteiro, presidente da Câmara havendo por essa ocasião um demorado exercício de marcha ao mando do distinto moço Aldezirio Neves, reservista de primeira classe do exercito, que de bom grado acceitou o convite para instructor da novel agremiação.⁷¹

70 A Palavra. “Actualidade”. Camocim, 6 de janeiro de 1912, Anno VIII, nº 15, p. 1. Camocim-CE.

71 A Palavra. “O Tiro”. Camocim, 6 de janeiro de 1912, Anno VIII, nº 15, p. 2. Camocim-CE.

Do Tiro Infantil partimos para a criação de uma sociedade de tiro em 1913, vinculada à **Confederação do Tiro Brasileiro**, que recebeu a numeração 213, conforme nos mostra a Revista da Marinha de Guerra:

Figura 10 - Confederação do Tiro Brasileiro e Camocim



Fonte: Revista da Marinha de Guerra, p. 45.

No mesmo ano, 1913, a Revista *O Malho*, publicação de circulação nacional, traz uma foto do Tiro Camociense (nesta época ainda não era o usado o gentílico camocinense):

Figura 11 - Tiro de Guerra 213, 1913 (Camocim-CE)



Fonte: O Malho, n. 579, p. 48.

No ano de 1928, a Revista O Malho traz mais fotografias do nosso Tiro de Guerra em solenidades nas ruas da cidade, nas Seção denominada “AS RESERVAS DO NOSSO EXÉRCITO”.

Figura 12 - Tiro de Guerra de Camocim



Fonte: Revista O Malho, 1928, edição 1372, p. 02.

Figura 13 - Tiro 213



Fonte: Revista O Malho, 1928, edição 1372, p. 02.

Figura 14 - Tiro 213 de Camocim



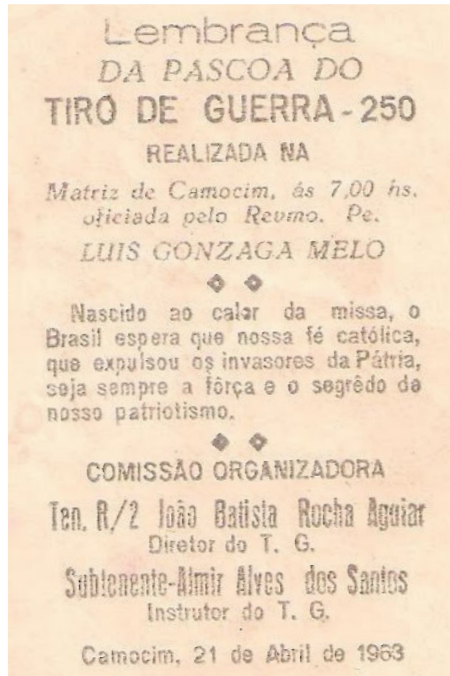
Fonte: Revista O Malho, 1928, edição 1372, p. 02.

Figura 15 - Tiro de Guerra de Camocim em 1928



Fonte: Revista O Malho, 1928, edição 1372, p. 02.

Figura 16 - Lembrança da Páscoa do Tiro de Guerra



Fonte: Arquivo da Família Morel. Documento cedido gentilmente através do Prof. Paulo José.

Do número 213, o Tiro de Guerra passou a 250. Conforme mostra o documento acima, datado de 1963. O **TG 250**, nos primórdios funcionou no prédio onde fora a **Farmácia do Ananias**, hoje **Farmácia Santa Branca**. Por outro lado, para além de uma simples lembrança da realização de uma páscoa para os jovens recrutas camocinenses do ano de 1963, o documento escancara o clima de beligerância daqueles

tempos entre a Igreja e o Estado contra os “inimigos da pátria”, entendendo-se por isso, principalmente os que se denominavam ou se denunciavam como “subversivos”, “comunistas”, “socialistas”, “anarquistas”, dentre outras denominações. Transcrevemos a frase do referido documento:

Nascido ao calor da missa, o Brasil espera que a nossa fé católica, que expulsou os invasores da Pátria, seja sempre a força e o segredo de nosso patriotismo.

O detalhe é que a comemoração pascal se deu quase um ano antes do fatídico ***Golpe Civil-Militar de 1º de abril de 1964***. Por outro lado, o documento revela que o ex-prefeito de Camocim, **João Batista Rocha Aguiar**, foi o Diretor do TG, assim como Tenente da Reserva (R/2).

A tradição **verde-oliva**, expressa, portanto, uma vocação militar da cidade, visto que em Camocim temos a representação das **Forças Armadas do Brasil** através da **Capitania dos Portos** (Marinha) e **Tiro de Guerra 10 001** (Exército), além de sediarmos a 3ª Cia, do 3º Batalhão da Polícia Militar.

Outra curiosidade é que nosso TG, já com a numeração atual, tinha sua sede onde hoje se situa o Colégio Georgina Leitão Macêdo, de onde saiu para sua sede própria.

Essa tradição, portanto, corrobora a presença em nossa cidade do Tiro de Guerra, de também já ter sido estudada para a instalação de um Batalhão do Exército Brasileiro (posteriormente sediado em Crateús), além de ter vários de seus filhos chegado aos mais altos postos desta força armada, conforme a lista abaixo:

Cleto Potiguara Veras. General
Haroldo Sanford Barros. Coronel reformado.
Heraldo Sanford Barros. Segundo Tenente
Júlio Veras. General
Murilo Veras Fontenele. General
Oliver Carneiro Ramos. General.
Onofre Muniz Gomes de Lima. General
Tércio Veras. Segundo Tenente
Bibiano Pessoa Chaves, Segundo Tenente.⁷²

72 Monteiro, 1984, p. 99-102.

IGREJINHA DE SÃO FRANCISCO – BAIRRO SÃO FRANCISCO⁷³

Figura 17 - Igrejinha de São Francisco. Demolida para o soerguimento de outra igreja no mesmo local com o nome do mesmo santo, em outro estilo arquitetônico



Fonte: Aroldo Viana.

Efeméride

04 DE OUTUBRO DE 1965.

* Benção e inauguração da Igrejinha de São Francisco pelo Monsenhor Inácio Nogueira Magalhães, por delegação de Dom Walfrido Teixeira Vieira, no Bairro Brasília.⁷⁴

IGREJINHA DE SÃO FRANCISCO.

A propósito do teor de uma matéria veiculada neste hebdomadário tratando sobre a construção da nova Igreja de São Francisco, é sintomático como a questão do patrimônio histórico é tratada e entendida pelas pessoas. Sem dúvida, deve-se louvar a iniciativa daqueles que estão à frente desta empreitada de erguer um templo ao nosso santo mais reverenciado, contudo, não podemos deixar de chamar a atenção para al-

⁷³ Publicado no “O Correio do Litoral”. Ano I, nº 06. Quarta-feira, 29 de Março de 2000, p. 2. Camocim-CE.

⁷⁴ Livro de Tombo da Paróquia de Bom Jesus dos Navegantes (Camocim-CE).

gumas considerações que julgamos importante para um entendimento básico do que seja patrimônio histórico e cultural.

Ora, para que uma edificação seja considerada histórica não é preciso ser tombada pelo patrimônio histórico. No momento em que um templo ou outro edifício se insere numa comunidade e deles se faz um ou vários usos, ali estão se construindo uma malha de relações entre as pessoas, de significações e ressignificações e, aqui estamos falando apenas do patrimônio edificado. As procissões, os rituais litúrgicos, as festas, as quermesses, são também objeto de qualificação patrimonial cultural e devem ser preservados e tombados. A pesquisa feita pelo conselho paroquial e enfatizada na matéria aludida se ateve apenas a uma questão legal, isto é, se a igreja era “patrimônio histórico”, ou não e o fato de ter sido construída em 1967 parece não ter sido relevante para a decisão de derrubá-la.

Se a comunidade reivindicava uma nova igreja e várias tentativas de construí-la não tinham tido sucesso, não justifica que tenhamos de deitar por terra toda uma memória de 33 anos daquele templo quando as condições de erguer uma nova eram reais. Quer dizer que se em determinado momento houvesse condições materiais de se erguer uma igreja maior do que a nossa Matriz, a derrubaríamos porque a mesma está velha, precisando de melhoramentos depois de atingida por raios ou porque está pequena para a quantidade de fiéis?

Esse é o problema – a memória ou a falta dela de que padece o nosso povo, que não deixa de ser também uma questão cultural. Em outros lugares e, principalmente no que se diz respeito às igrejas, é comum ver-se a antiga capela ao lado da catedral, simbolizando a evolução dos tempos e até uma consciência de memória da Igreja enquanto instituição. Por que então em Camocim não se pode ter uma convivência do velho com o novo, do feio com o bonito, do incômodo com o cômodo?

Parece contraditório o Sr. Antônio Carlos Feitosa Sobrinho ficar revoltado com a derrubada da casa de João Ramos, chamar a atenção do prefeito sobre o prédio onde funcionou a Farmácia Ananias (aliás, ali já funcionara antes a sede do nosso Tiro de Guerra) e não ter tido, ao que parece, nenhum sentimento pela demolição da Igrejinha de São Francisco, porque não era “histórica”. Ele mesmo afirma que “jamais derrubaria uma igreja histórica”. Ora, Sr. Antônio, por esse mesmo critério, o prédio que abrigou por muito tempo uma farmácia, onde nasceu uma pessoa importante como João Ramos, também não são “históricos”, pois não são tombados. Um templo que serviu a comunidade católica camocinense por mais de trinta anos não é histórico? De que história você está falando? As pessoas do bairro são sujeitos de sua história. A mediação que eles faziam com aquele símbolo religioso *“construída de tijolo simples, com teto de carnaúba e ripas”*, erguido por gente simples sem formação acadêmica

de engenharia como o Senhor Tiago é a própria história brotando do cotidiano em pleno processo. Por que então um casarão não pode ser derrubado e uma igreja pode?

Por outro lado o Sr. Antônio Carlos Feitosa Sobrinho já procura dar uma feição “histórica” à nova igreja, insinuando que a mesma pode vir a se tornar histórica. E nós perguntamos: a nova igreja de São Francisco será histórica por que é mais bonita que a anterior ou porque terá um estilo “rústico”, como assinalou o Sr. Antônio ou porque teve seu projeto arquitetônico assinado por um profissional da área? Isso não parece explícito na matéria veiculada, mas expressa bem a noção do que as pessoas têm sobre o patrimônio histórico. E nós respondemos, Sr. Antônio, a nova Igreja de São Francisco começou a fazer parte da história da cidade no momento em que um grupo de pessoas decidiu derrubar a outra, que a instituição Igreja aquiesceu, pensando apenas na comodidade de seus fiéis e a população aceitou sem maiores problemas, tanto que, colaborou financeiramente para tal.

O grande problema é que no futuro outros poderão ter a mesma ideia e então teremos a Igreja de São Francisco derrubada outra vez porque não atenderá mais as exigências, padrões e valores da época e então Sr. Antônio, o vosso trabalho e de toda sua equipe que trabalhou nessa construção, assim como a do seu Tiago em 1967, virá ao chão. A história se faz também pela destruição de outras histórias!

P. S. Perdôo a Margareth por ter contratado sem me consultar o Tadeu da Brisa Vídeo para filmar o batizado de minba filha Ana Ruth na antiga, incômoda e feia Igrejinha de São Francisco (talvez a última filmagem do local). Só assim, poderei um dia mostrá-la o local onde recebeu o sacramento do batismo oficiado pelo Frei Batista, num domingo em que seu bom humor era tanto que não parecia se incomodar com o choro das crianças e a simplicidade do templo franciscano.

JK EM CAMOCIM

Juscelino Kubitschek, o famoso JK, conhecido também como “Presidente Bossa Nova” e que construiu **Brasília**, quando das suas andanças pelo Brasil à época da campanha presidencial esteve em Camocim com o candidato a vice-presidente, João Goulart. Antes de adentrarmos neste assunto, um pouco da biografia de JK:

Nascido em 12 de setembro de 1902, Juscelino Kubitschek era filho de um caixeiro-viajante, João César de Oliveira e de uma professora, Júlia Kubitschek. Foi seminarista e telegrafista. Formou-se médico pela Universidade Federal de Belo Horizonte. De volta à Minas Gerais, casou-se com Sara Lemos em 1931. Foi nomeado capitão-médico da polícia mineira, chefiando o hospital de sangue de Passa Quatro, onde se destaca como cirurgião durante a revolução 1932. Iniciou sua vida política em 1934, como chefe de gabinete de Benedito Valadares que, na época, era interventor federal em Minas Gerais. Elegeu-se deputado federal no mesmo ano, mas perdeu o mandato com o Estado Novo de Getúlio Vargas. Entre 1940 e 1945 foi prefeito de Belo Horizonte. Em 1946 foi eleito deputado federal e governador de Minas Gerais em 1950. Cinco anos depois se tornou presidente da República pelo voto direto. Com um Plano de Metas que continha 31 objetivos, promoveu uma época de desenvolvimento. Construiu as usinas de Três Marias e Furnas. Construiu diversas rodovias para a integração do interior ao litoral como a ligação entre o Rio de Janeiro e Belo Horizonte; além da Belém-Brasília, Belo Horizonte-Brasília e a Brasília-Acre. Sua prioridade, entretanto, era a construção de Brasília e a transferência da capital do país para o interior, inaugurando-a em 21 de abril de 1960. Foi cassado pelo governo militar e teve seus direitos políticos suspensos por dez anos. Viveu seu exílio nos Estados Unidos e na França. Ao voltar ao Brasil com a anistia, dedicou-se a escrever e em 1975 tornou-se membro da Academia Mineira de Letras.

*Em 22 de agosto de 1976, Juscelino Kubitschek morreu em acidente automobilístico perto da cidade de Resende, no Rio de Janeiro, quando viajava para São Paulo.*⁷⁵

Da breve estada de JK em Camocim, ficou o registro do Monsenhor Inácio Nogueira Magalhães, escrito no 2º Livro de Tombo da Paróquia de Bom Jesus dos Navegantes, em agosto de 1954. Será que na atualidade, os líderes políticos possuem cacife para trazer um candidato a Presidente da República para falar diretamente com os camocinenses? Enquanto aguardamos os acontecimentos, fiquemos com a descrição do padre:

“3 de Agosto

Às 9 horas da manhã do dia 3 de Agosto chegou a esta cidade em avião de sua propriedade o Sr. Juscelino Kubitschek a título de propaganda de sua candidatura a Presidente da República. Era seguido de uma luzida comitiva, constituída de homens de maior projeção no paiz, o Sr. João Goulart, candidato a Vice-Presidente da República, o Sr. Parsifal Barroso, senador pelo Ceará e os deputados federaes: Sr. Francisco Menezes Pimentel, o Sr. José Martins Rodrigues e Sr. Carlos Jereissati. Após um concorrido comício na Praça da Estação, onde os ouvintes ficaram empolgados pela palavra fluente e fácil do Sr. Juscelino e Sr. João Goulart e de demais oradores, efetuou-se em casa do Prefeito local, Murilo Aguiar um animado lanche, assediado por um avultado número de pessoas. Em seguida, depois das saudações de estilo, o Sr. Juscelino e caravana partiram para Viçosa, onde o aguardavam grandes festejos”.

Apesar da visão glamourizada da figura de Juscelino mostrada em recente minissérie na Rede Globo, talvez uma reabilitação tardia deste veículo de comunicação, que o perseguiu quando de sua ascendência no cenário político nacional, os políticos atuais poderiam muito bem aprender com este personagem, especialmente o carinho pelos mestres educadores e a decisão firme de desenvolver o país.

No mesmo ano, em setembro, o concorrente de Juscelino, Adhemar de Barros, também faria uma rápida visita a Camocim.⁷⁶

⁷⁵ Disponível em: <https://www.bsbcapital.com.br/12-de-setembro-aniversario-de-jk/>.

⁷⁶ 2º Livro de Tombo da Paróquia de Bom Jesus dos Navegantes – 1931-1961, p. 165.

Figura 18 - Juscelino Kubitschek em campanha política em Camocim (1955)



Fonte: Arquivo Particular de Elda Maria Tavares Aguiar.

Figura 19 - Juscelino Kubitschek e João Goulart em campanha (Camocim, 1955)



Fonte: Arquivo Particular de Elda Maria Tavares Aguiar.

Sempre que se organiza um trabalho deste tipo, no qual a memória e a história parecem mergulhar num *revival* nostálgico do passado, a lembrança daqueles que fizeram essa história e essa memória se impõe como uma determinação, geralmente sob a aura da glorificação. Contudo, pretendemos com este pequeno trabalho mostrar a diversidade dessa lembrança, que também pode ser construída por outros vieses, que não aqueles que elegem apenas as figuras que se destacaram no mundo da política.

Neste sentido, transcrevemos abaixo dois trabalhos: um, garimpado da obra de F. Silva Nobre, um dos maiores estudiosos sobre academias literárias no Brasil, falecido em 2007, intitulado “1001 Cearenses Notáveis”. O outro é um apanhado biográfico sobre alguns camocinenses homenageados num evento do LIONS CLUBE DE CAMOCIM, denominado de FESTA DOS DESTAQUES DE 2002, em várias categorias, inclusive com homenagens póstumas.

Entre os 1001 “notáveis” do Ceará – os camocinenses na obra de F. Silva Nobre

Recorro ao “Aurélio” sobre o sinônimo de “notável” e lá encontro: “*Adj.* 2g. 1. Digno de nota, atenção, reparo. 2. Digno de apreço e louvor. 3. Essencial; importante. 4. Eminente, ilustre, insigne. 5. Extraordinário, considerável. 6. Que ocupa elevada posição social”. Na verdade, a obra de F. Silva Nobre, “1001 Cearenses Notáveis”, contempla o universo sinonímico que nosso dicionarista mais conhecido deu à palavra notável. Sem querer entrar nos méritos dos critérios de notabilidade que o autor reputou aos seus 1001 verbetes, devorei o livro de A a Z no trajeto Rio-Fortaleza, com dupla finalidade: a busca frenética de encontrar algum camocinense catalogado e disfarçar aquele medo latente de “andar de avião”.

Antes, porém, gostaria de falar como esse livro chegou em minhas mãos. Por uma dessas obras do destino, certo dia quando cheguei ao apartamento onde morava, encravado na terra de Araribóia, deparei com alguém estranho até aquele momento ao nosso convívio diário, pois dividia o apartamento com outros dois colegas: o Raimundo, do

77 Publicado no *O Literário*. Ano III. Edição 12 e 13, outubro e novembro de 2000, p. 4 e 2 respectivamente (Camocim-CE).

Curso de História da UVA de Sobral (no Rio também existe uma IES com o nome de UVA), e o Helonis, professor da rede pública do Estado do Ceará, natural de Crateús, morando atualmente em Fortaleza. Pois bem, lá estava me esperando o conterrâneo Francisco Olivar, formado em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF), filho do saudoso vereador José Guilherme, irmão do Ozernard, da Socorrinha da Mil Dicas e da Rita da Baby Usa, cunhado do Maurício do Banco do Brasil. Como ele chegou lá? O meu amigo Helonis, que realiza pesquisa de mestrado sobre cordel, o encontrou numa das inúmeras academias do Rio de Janeiro. Lá tem academia para tudo. Existe até a Academia Cearense de Ciências, Letras e Artes do Rio de Janeiro. Papo vai, papo vem e o escritor Olivar, Vavá para os íntimos e para os amigos de infância que deixou em Camocim, ofertou-me autografado seu livro “O Risadinha”, editado nas escolas públicas do Rio de Janeiro, na área de literatura infantil. Ele também é livreiro e confidenciou-me possuir talvez a segunda maior biblioteca sobre o Ceará no Rio de Janeiro.

Ficamos de nos encontrar posteriormente, mas a azáfama que traga os pobres mortais numa metrópole como o Rio acabou impedindo. No entanto, na véspera de retornar ao Ceará, Vavá esteve no nosso condomínio, porém não nos achou. É que eu estava defendendo meu projeto de mestrado diante da banca examinadora da UFRJ, composta pelos doutores em História, *Anita Leocádia Prestes*, filha do líder comunista Luís Carlos Prestes e Olga Benário Prestes, *Lincoln de Abreu Penna*, especialista em biografia política, e *Francisco Carlos Teixeira*, meu orientador, diretor do Laboratório de História do Tempo Presente da UFRJ e que por sua atividade na área da pesquisa histórica, ficaria até o final do ano ministrando palestras pela Europa, mais precisamente em Berlim, Roma, Paris e Viena; e meus amigos estavam prestigiando a minha defesa. O porteiro, nosso amigo cearense, passou-nos então uma encomenda deixada por Vavá. Dentre outros livros, constava o “1001 Cearenses Notáveis, Série Enciclopédia Cearense”, editado pela Casa do Ceará Editora, Rio de Janeiro, 1996.

Não somente de porteiros e garçons trabalham os cearenses no Rio de Janeiro. Eles fazem e vivem também de cultura. Mas e os camocinenses notáveis? Como disse acima, não entrarei no mérito do autor em considerar alguém “notável”. Transcrevo-os mais para conhecimento nosso, pois, sem dúvida, são “dignos de nota, atenção ou reparo”, como assinala nosso dicionarista. São eles:

FROTA AGUIAR, Anésio.

Figura 20 - Anésio Frota Aguiar



Fonte: http://www2.camara.gov.br/deputados/pesquisa/layouts_deputados_biografia?pk=121915.

Nasceu em Camocim, 7 de agosto de 1901. Estudou em escolas primárias de Maspapé, Sobral e Pacoti. Fez os preparatórios no Colégio Pedro II (RJ) e bacharelou-se pela Faculdade Nacional de Direito, da Universidade do Brasil (turma de 1929). Foi empregado no comércio, funcionário da Central do Brasil e Delegado de Polícia. Ingressou na política, elegendo-se seguidamente Vereador e Deputado Estadual e Federal. Foi Presidente do Instituto de Previdência do Estado do Rio de Janeiro, bem como da Casa do Ceará. Entre as entidades a que pertence estão o Instituto dos Centenários, Federação das Academias de Letras do Brasil, Associação Brasileira de Imprensa, Ordem dos Jornalistas do Brasil, Ordem dos Advogados do Brasil, Titular da cadeira Nº 29 (patrono: Júlio Ibiapina) da Academia Cearense de Ciências, Letras e Artes do Rio de Janeiro. Casado em terceiras núpcias com a Sra. Maria de Jesus Rocha Pinto Aguiar. Publicou, entre outros: *Assuntos Jurídicos-Policiais*; *Lenocínio como Problema Social*; *Criminalidade e Segurança sob o Aspecto Sócio-Econômico*; *Flagrantes de Emoções*; *O Samba e sua História*; *Os Bravos Anônimos (Perfis e Assuntos Policiais)* e *O Último Canto do Cisne*.

LEITÃO, Idefonso de Carvalho.

Nasceu em Camocim, 12 de fevereiro de 1890, filho de Temístocles e Sinhá Navarro Leitão. Ingressando no Ministério das Relações Exteriores, fez brilhante carreira. Serviu em Rosário de Santa Fé (Argentina), Amsterdam, Cherburgo, Paris, Alicante e Valencia, de onde voltou à Argentina (Bahia Blanca). Poliglota, falava muito bem espanhol, francês, italiano, inglês e holandês (p. 201).

LIMA, Onofre Muniz Gomes de.

Figura 21 - General Onofre Muniz Gomes de Lima



Fonte: www.7bib.eb.mil.br.

Nasceu em Camocim, 17 de abril de 1891, filho de Luís Gomes de Lima e Elisa Muniz Gomes de Lima. Fez os preparatórios no Colégio Militar do Rio de Janeiro e Escola de Artilharia e Engenharia de Realengo. Fez brilhante carreira militar, culminando com o posto de General. Foi Delegado Substituto da Comissão de Limite e Caracterização da Fronteira Brasil-Uruguaí e adido militar do nosso governo no México. Ingressou na política, candidatou-se ao Governo do Ceará e foi eleito senador (1951/1959), tendo desempenhado importantes funções, inclusive a presidência da Comissão de Segurança Nacional, em nossa principal casa legislativa. Morreu em 23 de abril de 1969.

NOTA: A candidatura do General Onofre Muniz ao Governo do Estado do Ceará foi em 1947 e tinha como opositor o Dr. Faustino de Albuquerque, que morou algum tempo em Camocim exercendo a magistratura. Os números eleitorais em Camocim foram francamente favoráveis a este último, com exatos 3.080 votos, ou seja 84,33%, a maior maioria obtida por Faustino Albuquerque em todo o Ceará. Vale ressaltar que o General Onofre Muniz era o candidato das forças conservadoras e explicitamente apoiado pela Igreja Católica. Já o Dr. Faustino tinha um amplo espectro de adesões, inclusive dos comunistas, isso talvez explique a esmagadora vitória dele em Camocim.

MACÊDO, Antonio Dias.

Nasceu em Camocim, 5 de agosto de 1908, filho de Manuel Dias de Macêdo e Georgina Navarro Leitão Macêdo. Estudou em Sobral e Camocim, após o que veio para a capital trabalhar como contador da firma J. Tomé de Sabóia & Cia. Estudou à noite em

curtos e colégios particulares e fez os preparatórios no Liceu do Ceará. Coursou a Escola de Comércio da Fênix Caixeiral e Faculdade de Direito, doutorando-se em 1935. Ingressou no serviço público federal e foi Delegado fiscal no Rio Grande do Norte, Bahia e São Paulo. Ocupou, depois, seguidamente a Diretoria da Despesa, da Receita e Geral da Fazenda. Delegado do Tesouro Nacional em New York (EEUU) e, retornando ao Brasil, assumiu novamente a direção da Receita Federal. Morreu em Fortaleza, 1958. Seu irmão, José Dias Macêdo, deu o nome de Fundação Antônio Dias de Macêdo à entidade de assistência social dos empregados do grupo de empresas de que é titular. É também nome de bairro (Dias Macêdo) situado próximo ao Castelão.

MACÊDO, José Dias de.

Figura 22 - José Dias Macêdo



Fonte: coisadecearense.blogspot.com.

Nasceu em Camocim, 8 de agosto de 1919, filho de Manuel Dias de Macêdo e Georgina Navarro de Leitão Macêdo. Formado na Escola de Contabilidade da Fênix Caixeiral e na Universidade do Ceará. Comerciante e industrial de projeção nacional. Diretor-Presidente de J. Macêdo S. A.- Comércio, Indústria e Agricultura, Cia. Importadora de Automóveis e Peças, Distribuidora Sobralense S. A., Crateús Comércio e Agricultura S. A., Tauá Comércio e Agricultura S. A., Quixadá Comércio e Agricultura S. A., Cariri Comercial e Agrícola S. A., Vale do Jaguaribe Comércio e Agricultura S. A., Aracati e outras empresas de diversos ramos.

NOTA: A Fundação Antônio Dias de Macêdo construiu em Camocim uma escola particular de 1º e 2º graus e deu o nome da matriarca da família: "Colégio Georgina Leitão Macêdo", dirigida pela Sra. Elzene Vasconcelos.

PINTO MARTINS, Euclides.

Figura 23 - Pinto Martins



Fonte: Revista da Semana, RJ, n. 30, p. 25. 1927.

Nasceu em Camocim, 15 de abril de 1892. Iniciou-se em Natal (RN) como embarcadiço e, com apenas 17 anos, era piloto de navio e foi para os Estados Unidos fazer um curso de Engenharia Mecânica. Voltando ao Brasil, trabalhou no Departamento Nacional de Obras contra as Secas. Pioneiro na aviação, empreendeu o primeiro voo New York/Rio de Janeiro, onde pousou no dia 08/02/1923, depois de 175 dias de travessia. São desconhecidas as circunstâncias de sua morte, ocorrida em 12 de abril de 1924: crise de depressão, desengano amoroso, suicídio, crime? Não foi possível esclarecer. O seu nome foi dado ao Aeroporto Internacional de Fortaleza.

Esta é, portanto, a lista de notáveis camocinenses que F. Silva Nobre incluiu em seu “1001 Cearenses Notáveis”. Cada um pode perfeitamente, segundo seus critérios e conveniências, elaborar a sua lista também.⁷⁸

Lions Clube de Camocim – Festa dos Destaques de 2002

CATEGORIA-IMPrensa

TROFÉU JORNALISTA FRANCISCO THEODORO RODRIGUES

Biografia

Nasceu no município de Granja-Ceará, em 7 de janeiro de 1896. Filho de camponeses, estudou no Rio de Janeiro e lá se iniciou na carreira de jornalista. De volta ao Ceará, fixou-se em Camocim, onde fundou o Jornal “O OPERÁRIO”, sendo seu editor responsável. Esse jornal atuava na defesa do operariado e estimulava a participação política da classe

⁷⁸ Publicado no jornal *O Literário*. Ano III. Edição 12 e 13, outubro e novembro de 2000, p. 4 e 2 respectivamente (Camocim-CE).

trabalhadora, além disso, foi o primeiro jornal do interior do Ceará a se posicionar como de filosofia marxista.

Em Camocim, Francisco Theodoro, conhecido por todos como “Chico Teodoro”, fundou uma célula do Partido Comunista do Brasil – PCB, juntamente com outros valorosos camaradas da época, como Pedro Rufino, Raimundo Vermelho, Sotero Lopes, dentre outros, se tornando uma das ativas do estado.

Por sua militância política, foi preso diversas vezes entre os anos de 1931 a 1942, quando fixou residência com sua família em Parnaíba, Piauí, passando por vários órgãos policiais e presídios, dentre eles a Casa de Detenção e o Presídio da Ilha Grande, no Rio de Janeiro.

Ainda em Camocim, exerceu o magistério, fundando o **Colégio 05 de Julho**, preparando jovens camocinenses em Leitura, Aritmética, Português, Geografia, História do Brasil, História Natural, Escrita e Francês, em sua grande maioria filhos de operários e pequenos comerciantes.

Retomou suas atividades jornalísticas no periódico fortalezense “O Democrata”. Morreu aos 56 anos, no dia 2 de abril de 1952.

Sua grande obra, um diário escrito nos porões da ditadura Vargas, que foi encontrado em seu prontuário no DOPS, foi publicado pelo Arquivo Público do Rio de Janeiro no ano de 2000, intitulado “Os 16 Deportados”, uma alusão aos militantes cearenses presos em 1931.

Esse troféu é uma homenagem singela diante da história e memória deste homem, construída em nosso meio, de todos que fazem o LIONS CLUBE DE CAMOCIM.

Prof. Carlos Augusto.
Diretor Vogal.

CATEGORIA- COMÉRCIO

TROFÉU JOSÉ XIMENES SOARES

Biografia

José Ximenes Soares, o nosso conhecido “Zequinha Ximenes”, nasceu em Camocim a 31 de dezembro de 1924. Filho de Miguel Ximenes Soares e de Tereza Ximenes Soares, foi um dos mais destacados comerciantes e filantropos de nossa cidade. Contribuindo para o desenvolvimento e melhoria das condições de vida de seus concidadãos menos afortunados.

Do seu casamento com Antonieta Trévia Soares, teve cinco filhos: Ginna (companheira leão), Gilson, Gilvan, Gláucia e Gretchen. Seu primeiro emprego foi aos 12 anos como balconista auxiliar da firma F. Ricardo (Casa Iracema), ainda menor, abriu sua primeira loja comercial.

Sempre foi líder de destaque dentro do comércio camocinense, sendo Presidente da Associação Comercial e fundador do Clube de Dirigentes Lojistas de Camocim, sendo seu presidente e participando de várias diretorias desta entidade. Foi secretário da Associação dos Retalhistas, recebendo em 1987 a comenda “Canoa de Honra” daquele ano.

Entre outras atividades, foi presidente do Conselho Comunitário de Camocim, do Comercial Clube, Presidente e secretário da Liga Desportiva Camocinense. Na Maçonaria, da qual foi participante ativo, sua passagem como presidente da Loja Maçônica Deus e Camocim nº 1 ficou marcada pela entrega de uma placa de bronze por sua participação atuante durante trinta anos na entidade.

Zequinha Ximenes foi fundador e presidente em várias oportunidades do LIONS CLUBE de Camocim, diretor e presidente de divisão B-2 no AL 78/79, encabeçando várias campanhas em prol da comunidade, como o Festival do Chope e um Bingo de um Carro, cujas rendas foram revertidas para a construção da Escola CL Monsenhor Inácio Nogueira Magalhães, e outras promoções em prol da Igreja Matriz de Camocim, sendo, portanto, um referencial do leonismo na região.

Em 1991, quis o destino que Zequinha Ximenes nos deixasse. Várias homenagens póstumas lhe foram prestadas, dentre elas o bloco de salas de aula e o Pavilhão deste clube em seu nome, assim como as salas na CDL e Maçonaria. Ainda em 1998, o Leo Clube de Camocim levou seu nome. Já em 2001, foi instituído o Troféu José Ximenes Soares, entregue a personalidades como o Presidente da Federação das Câmaras de Dirigentes Lojistas do Ceará, Sr. Gervásio Braga, e ao Superintendente do SEBRAE-CE, Sr. Francisco Régis Dias Cavalcante.

Por tudo isso e muito mais é que o LIONS CLUBE de Camocim, por ocasião do afastamento de 12 anos de “Zequinha Ximenes” do nosso convívio, é que homenageamos o Destaque do Comércio 2002 em seu nome.

Prof. Carlos Augusto.
Diretor Vogal.

CATEGORIA- FUNCIONALISMO PÚBLICO
TROFÉU FRANCISCO DE ASSIS CARNEIRO. “SEU ACHICO”

Biografia

FRANCISCO DE ASSIS CARNEIRO, conhecido carinhosamente por “ Seu Achico”, exerceu com muita dedicação a função de Secretário da Junta do Serviço Militar por 28 anos, neste município de Camocim.

Extremamente dedicado ao trabalho e possuidor de entusiasmo contagiante no trato de assuntos pertinentes à sua função, tornou-se muito admirado por todos que tiveram a alegria de conhecê-lo.

Pai de família exemplar, deixou-nos um modelo de vida por seu caráter, bondade, sensibilidade, o amor que transbordava de seus mais simples gestos e ações.

Nasceu em 11 de maio de 1926.

Partiu ao encontro do Senhor em 25 de outubro de 1998.

Deixou-nos uma imensa saudade, mas, sobretudo, a alegria pela certeza em Deus que ele está na Glória Eterna junto do Pai.

Sua Família.

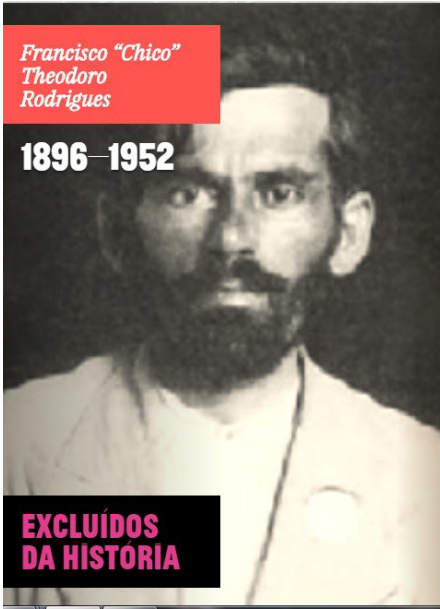
A CIDADE VERMELHA E “CHICO THEODORO” FORAM PARAR NA OLIMPÍADA NACIONAL DE HISTÓRIA DO BRASIL 2019

Entre surpreso e feliz, recebi um e-mail de alunos cearenses que participaram da ONHB (Olimpíada Nacional em História do Brasil) 2019, onde fazem referência à minha dissertação de mestrado, que os ajudou a elaborar um verbete e a passarem de fase. Transcrevo:

Bom dia, professor!! Espero que você esteja bem. Meu nome é Cecília, e ano passado, eu e dois amigos estávamos participando da ONHB (Olimpíada Nacional em História do Brasil, organizada pela UNICAMP) e o tema da fase 5 era “Excluídos da História”, em que deveríamos elaborar um verbete de livro didático sobre um personagem da história de nosso estado que considerávamos importante, mas que não era abordado em sala de aula. Depois de ter pesquisado em um livro, decidimos fazer sobre Francisco Theodoro Rodrigues, e queria dizer que sua dissertação de mestrado (que encontramos na internet) nos ajudou bastante na realização da tarefa!! Felizmente, graças a essa tarefa, passamos para a fase final em Campinas, que foi também ano passado, e foi uma experiência incrível!! Então queria aqui registrar o agradecimento da minha equipe pela ajuda e também parabenizar pelo grande trabalho em sua dissertação. Aqui está o link da tarefa: <https://www.olimpiadadehistoria.com.br/.../verbetes/664>. Muito obrigada novamente!!

Cecília (e todos da equipe Divina Comédia Humana).
Que bom que o nosso trabalho atravessou fronteiras.

Figura 24 - Trabalho apresentado por estudantes de Camocim na ONHB 2019.



Francisco “Chico” Theodoro Rodrigues

1896—1952

EXCLUÍDOS DA HISTÓRIA

O jornalista dos trabalhadores

Um brasileiro, filho do Nordeste, que viveu pelos direitos de seu povo.

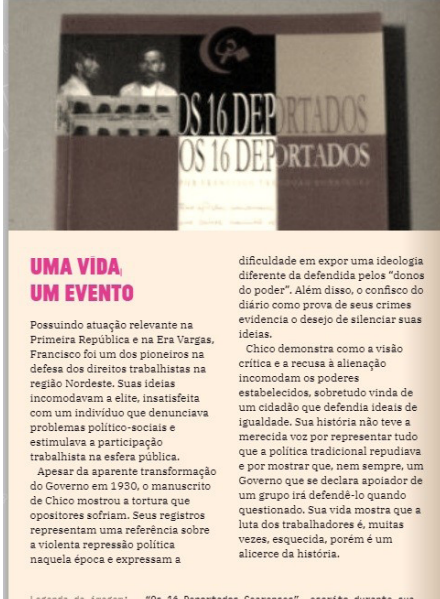
Em uma família camponesa de Granja-CE, nasceu, em 1896, Francisco Theodoro Rodrigues. Apesar da origem humilde, foi estudar no Rio de Janeiro aos 20 anos, tornando-se jornalista e professor. Na cidade, entrou em contato com ideias de justiça social, levando ao Ceará uma visão crítica das condições impostas aos trabalhadores.

Mudou-se para Camocim em 1927, onde fundou uma escola e criou “O Operário”, jornal que defendia a causa dos operários e contribuía para conscientizá-los de sua exploração, além de denunciar a política local, tornando-o uma ameaça aos oligárquicos, tensão que aumenta ainda mais ao fundar o PCB mais tarde.

Em 1931, foi preso com mais 15 ativistas e deportado ao Rio de Janeiro por preparar a Passeata da Fome, denunciando questões sociais – sobretudo a miséria. A tortura sofrida nos 100 dias preso foi relatada em seu manuscrito “Os 16 Deportados Cearenses”, confiado ao ser preso de novo mais tarde e arquivado até ser encontrado em 2000.

Chico continuou lutando pelos direitos dos nordestinos até sua morte, em 1952, por tuberculose. Embora tenha sido excluído da história por seus ideais, foi um dos responsáveis por estabelecer a resistência política no Nordeste.

Página oposta: Francisco Theodoro, símbolo da resistência operária cearense//Foto: <https://bst.ly/2KSAk4d>



UMA VIDA, UM EVENTO

Possuindo atuação relevante na Primeira República e na Era Vargas, Francisco foi um dos pioneiros na defesa dos direitos trabalhistas na região Nordeste. Suas ideias incomodavam a elite, insatisfeita com um indivíduo que denunciava problemas político-sociais e estimulava a participação trabalhista na esfera pública.

Apesar da aparente transformação do Governo em 1930, o manuscrito de Chico mostrou a tortura que opositores sofriam. Seus registros representam uma referência sobre a violenta repressão política naquela época e expressam a

difficuldade em expor uma ideologia diferente da defendida pelos “donos do poder”. Além disso, o confisco do diário como prova de seus crimes evidencia o desejo de silenciar suas ideias.

Chico demonstra como a visão crítica e a recusa à alienação incomodam os poderes estabelecidos, sobretudo vinda de um cidadão que defendia ideais de igualdade. Sua história não teve a merecida voz por representar tudo que a política tradicional repudiava e por mostrar que, nem sempre, um Governo que se declara apoiador de um grupo irá defendê-lo quando questionado. Sua vida mostra que a luta dos trabalhadores é, muitas vezes, esquecida, porém é um alicerce da história.

Legenda da imagem: “Os 16 Deportados Cearenses”, escrito durante sua

Pergunta

Como a história de Francisco altera a imagem criada sobre o trabalhador nordestino?

Resposta

Ao organizar o maior polo de militância do Ceará nos anos 30, a luta de Francisco denota a narrativa preconcebida do operário nordestino como pobre, refém dos coronéis e vulnerável a qualquer forma de manipulação política, visão persistente até a contemporaneidade. Sua resistência mostra que, na realidade, houve embates e muita luta por parte dos nordestinos contra o sistema da época.

- 1916** Francisco vai estudar no Rio de Janeiro e se torna jornalista e professor
- 1927** Em Camocim-CE, Francisco Theodoro cria o jornal “O Operário”
- 1928** O PCB é fundado em Camocim por Francisco
- 1931** Francisco é preso e deportado com outros 15 militantes para o Rio de Janeiro
- 1932** Francisco é preso de novo, e seu diário “Os 16 Deportados Cearenses” é arquivado
- 1945** Francisco volta de vez para Camocim, para a instalação do Comitê Municipal



Projeto criado pela equipe “Divina Comédia Humana”, de Fortaleza, CE

Membros: Cecília Marques, Beatriz Marques e Gabriel Araujo, com orientação

O CHÁ DE BURRO: NOSSO PATRIMÔNIO IMATERIAL⁷⁹

Figura 25 - Cartaz de propaganda do Chá de Burro



Fonte: Internet.

Justificativa

O conceito de patrimônio, sem dúvida, atualmente agrega outros valores culturais ausentes dos primeiros documentos que discutiram a questão quando o desejo de salvaguardar e preservar se fizeram presentes nas ações governamentais. Não somente os governos, mas “agentes sociais distintos, profissionais das mais variadas áreas do conhecimento e admiradores dos múltiplos 'tesouros da humanidade’⁸⁰ passaram a ter em mente a defesa dos mais variados patrimônios em suas materialidades e imaterialidades. Essa última condição, o imaterial - foi o ganho diante das primeiras ações políticas de preservação que privilegiavam o chamado patrimônio de “pedra e cal”, de feições nitidamente monumentais com raízes numa matriz cultural eurocêntrica, que denotava

79 Projeto apresentado à Disciplina de Prática IV - Prática de História e Novas Tecnologias no Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA (julho de 2014).

80 Pelegrini, 2009, p. 14.

ligações com as identidades culturais dominantes.⁸¹ Como nos diz a autora ao se referir ao caso da Praça XV, no Rio de Janeiro:

Tal situação veio reforçar a ideia de que as políticas de patrimônio são intrinsecamente conservadoras e elitistas, uma vez que os critérios adotados para o tombamento terminam por privilegiar bens que referem os grupos sociais de tradição europeia, que, no Brasil, são aqueles identificados com as classes dominantes.⁸²

A crítica ao eurocentrismo, como vimos, tem ampliado essas noções de patrimônio que passaram a ser expressas tanto nas cartas patrimoniais organizadas pela UNESCO como nas cartas constitucionais dos países. Ao nosso ver, o atrelamento do conceito de patrimônio ao de desenvolvimento, não somente econômico como social, carrega em si tanto as objetividades e subjetividades próprias de qualquer conceito. Esse conjunto de fatores configura a complexidade do termo, “pois está sempre na confluência de inúmeros fatores materiais, humanos, culturais, históricos, etc., o que torna impossível conhecê-los em sua totalidade”.⁸³

Nesse sentido, propor uma intervenção de educação patrimonial e, ainda por cima, para um patrimônio imaterial, um bem intangível, em nosso caso, uma comida típica, conhecida em Camocim-CE como “Chá de Burro”, toda essa complexidade vem à tona. Não apenas nossa relação pessoal enquanto morador dessa cidade do litoral cearense, quanto consumidor dessa iguaria, ou observador de como esse bem vem se constituindo como um aspecto identificador do lugar, mas também como estudante do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), que nos permite o contato com as discussões em torno da questão do patrimônio. De alguma forma, esse contato serviu para aguçar nossa consciência de salvaguarda.⁸⁴

A esta altura, é interessante realizar um exercício de memória no sentido de contextualizar a escolha deste bem imaterial que, de alguma forma, revela a complexidade do tema. As lembranças estão irremediavelmente marcadas na mente, por isso preferimos descrevê-las em primeira pessoa:

A chegada do domingo para ir ao mercado com meu pai, além do prazer de desfilar com o velho pelas várias bancas do mercado público municipal, era sempre uma oportunidade de “merendar” algo

81 Fonseca, 2009.

82 Ibidem, p. 64.

83 Varine, 2013, p. 23.

84 Varine, 2013, p. 23.

fora do trivial do que se servia em casa. No meu horizonte de guloseimas, duas se divisavam de acordo com a escolha do meu pai: um copo (americano dos grandes) de refresco de maracujá (que à época se dizia “peroba”) ou uma tigela de “Chá de Burro” com cuscuz de milho ou arroz. Confesso que meu apetite de meninote não fazia ainda diferença. Depois de crescido, a ponto de já ir ao mercado sozinho e fazer as compras do dia, a inclinação pelo chá de burro foi se consolidando. O “quarto” (era assim que se chamava os pontos comerciais) onde se vendia os refrescos não existe mais, contudo, o chá de burro ainda resiste como iguaria feita à base de milho, arroz, leite e canela, uma derivação do mugunzá que caiu no gosto do camocinense a ponto de rivalizar em termos de identidade com o peixe Coró, outrora muito abundante em nosso Rio Coreaú (que os mais velhos chamavam Rio da Cruz).

O chá de burro, portanto, para muitos é a comida inicial do dia. Seja para os feirantes que iniciam mais uma jornada, seja para os que “viram” a noite em farras e outras folias, ou mesmo para quem já quer começar o dia bem alimentado. Como dissemos anteriormente, o chá de burro virou marca registrada da culinária camocinense a ponto de ser uma referência cultural de quem mora em Camocim ou de quem parte para outros lugares. Por outro lado, para quem chega de fora, logo lhe é apresentado como parte de nosso cabedal culinário e passa a fazer parte do universo de lembranças destes visitantes. Basta dar uma breve olhada nas redes sociais para se constatar isso. Pessoas distantes perguntando pelo Chá de Burro, cronistas locais fazendo-lhe loas, citado nos diários de viagens de turistas ocasionais, inclusive até um blog local leva seu nome. Diante destas observações, de há muito vimos pensando em sugerir o tombamento do Chá de Burro como bem imaterial do patrimônio cultural de Camocim.

Não se sabe precisar quando o chá de burro passou a fazer parte da culinária camocinense. No Maranhão, também tem este nome, mas segundo os que já provaram da iguaria por lá, são unânimes em dizer que igual ao nosso não tem comparação. Isto é, o Chá de Burro de Camocim é único, característica, aliás, preponderante para um processo de tombamento. Tal qual como existe hoje, foi introduzido pelo Seu Manduca e passado de pai para filho, estando já na segunda geração, desde a década de 1960.

Com o tempo, o Chá de Burro se incorporou como uma iguaria que além de ser vendida como bebida matinal, acrescido da opção de se misturar com o cuscuz de milho ou arroz no Mercado Público, passou também a ser vendido à tardinha nas ruas da cidade. Vendedores certos com seus latões de zinco percorrem em bicicletas vendendo a iguaria para compradores certos, que já criaram o hábito de esperar nas calçadas a passagem deles. Vale salientar que outras pessoas tentaram imitar o cha-

mado “Chá de Burro do Seu Manduca”, mas não obtiveram êxito, criando-se até uma espécie de “lenda” de que a família guarda o segredo a sete chaves.

Lenda ou não, portanto, há décadas que a família do Seu Manduca vem mantendo a tradição do bom e velho Chá de Burro. Quase que como um ritual, a partir das 4h da manhã, pessoas se acotovelam diante do ponto, esperando uma vaga no banco e no balcão para beber seu chá. Outros não esperam e adquirem a bebida em vasilhas que trazem ou mesmo em sacos plásticos para tomar em casa. Quase sempre, por volta das 7h termina a venda e alguém volta sem beber o Chá de Burro. Diariamente são colocados cerca de 100 litros e 200 talhadas de cuscuz (quantidades aproximadas), só aumentadas em certas ocasiões, como as festas de fim de ano e Carnaval.

Depois de morar em Fortaleza, um dos filhos do Seu Manduca, o Evandro do Chá de Burro, volta a Camocim para refazer a vida e vê na venda da comida um recomeço, já que seu pai estava ficando velho e seus irmãos pareciam não querer continuar com a venda da iguaria no Mercado Público. Em conversa informal com Seu Evandro, ele mesmo confessa que dos irmãos era o que menos se envolvia com a produção e comercialização do chá durante o tempo em que esteve na casa do pai. Portanto, no início da década de 1990, Seu Evandro assumiu a tarefa de proporcionar todos os dias pela manhã a primeira “refeição” de muitas pessoas, às vezes a única.

Para as pessoas que trabalham no mercado desde as quatro da manhã, fazendo carretos ou organizando suas barracas, o chá de burro é uma comida (ou bebida) que repõe as energias já consumidas nas primeiras horas do dia. Por outro lado, para muitos camocinenses, a iguaria já faz parte do café da manhã e, como já dissemos, uma boa receita para curar ressaca. Comer ou beber o “Chá de Burro” na azáfama da feira, acreditamos estar aí a tão requerida imaterialidade, graus de autonomia misturados a outros componentes que podem viabilizar o “acesso contínuo (e relativo) a essa manifestação cultural”.⁸⁵

Por todas essas referências e pela tradição de um costume que cada vez mais se enraíza como um traço identitário, cremos que o tombamento do modo de fazer do “Chá de Burro” e suas maneiras de consumo pela população camocinense poderia ser interessante para capitalizar a cultura camocinense e chamar a atenção para outras manifestações em processo de extinção e da recuperação de outras que já foram extintas, mas que ainda são guardadas nos desvãos da memória.

Por outro lado, o tombamento de um patrimônio imaterial dessa natureza carrega para o bem a visibilidade e a importância merecidas, além de colocar o município entre aqueles que preservam a história e a memória de seu povo. Desta forma, a proposição se insere naquilo que o conceito de patrimônio vem se robustecendo, no-

85 Fonseca, *Op. Cit.*, p. 68.

tadamente no que se refere à preservação dos “conhecimentos tradicionais, práticas terapêuticas, **culinárias** e lúdicas, técnicas de produção e de reciclagem [...]”.⁸⁶

Os efeitos de um tombamento de um bem imaterial dessa relevância seria muito interessante para a construção da identidade cultural da cidade, mesmo porque ainda não existem bens patrimoniais tombados nesta categoria. Como nos diz Fonseca, os efeitos de valor de um patrimônio cultural:

d) contribui para que a inserção em novos sistemas, como o mercado de bens culturais e do turismo, de bens produzidos em contextos culturais tradicionais possa ocorrer sem o comprometimento de sua continuidade histórica contribuindo, ainda, para que essa inserção aconteça sem o comprometimento dos valores que distinguem estes bens e lhe dão sentido particular.⁸⁷

Vale salientar que a cidade de Camocim é carente destes bens simbólicos que estejam relacionadas com a atividade turística que não seja apenas aquelas correlatas com a vastidão das praias e ecossistemas naturais próprias desse bioma. Pensemos então numa proposta de projeto de tombamento.

Objetivos

Geral

- Elaborar um projeto de intervenção em educação patrimonial no sentido de sugerir ao IPHAN o tombamento do “Chá de Burro” como patrimônio imaterial de Camocim-CE.

Específicos

- Desenvolver ações de educação patrimonial junto às escolas e comunidade, esclarecendo as noções de patrimônio e sua importância para a cultura local.
- Mostrar a importância para a comunidade (produtores e consumidores) do tombamento do Chá de Burro como patrimônio imaterial e elemento da identidade cultural local.

Metodologia

Inicialmente, devemos formatar melhor a proposta de intervenção em Educação Patrimonial, realizando uma ampla pesquisa nos materiais didáticos do IPHAN que

⁸⁶ Fonseca, *Op. Cit.*, p. 74 (grifo nosso).

⁸⁷ Ibidem.

tratam da temática, como textos, panfletos e cartilhas. Posteriormente, é necessário realizar uma pesquisa de campo mais aprofundada do que a que foi feita para a elaboração desse projeto, entrevistando formalmente produtores do Chá de Burro, como o Sr. Evandro Manduca e outros, acompanhar o processo de produção, entrevistar consumidores etc.

Por se tratar de uma ação de intervenção em Educação Patrimonial, achamos por bem atuarmos em duas frentes: escola e comunidade, sensibilizando professores para inclusão da temática do patrimônio em suas aulas, incentivando a realização de aulas de campo, pesquisa etc. Aliado a isso, levar o projeto para ser discutido em entidades de classe, ONGs, Secretarias Municipais (Cultura, Turismo, Desenvolvimento Sustentável, Educação), Câmara de Vereadores, dentre outros.

De posse de um inventário completo do bem imaterial, sensibilizar o Poder Público para solicitar o registro do tombamento do Chá de Burro como patrimônio imaterial de Camocim.

Material e Métodos

Há uma diversidade de nomes e formas de se fazer o Chá de Burro, variando de região e criatividade das pessoas, ou mesmo da disponibilidade dos ingredientes. Numa matéria na internet, podemos verificar essa variedade:

Ora, ora, não, não é uma erva medicinal, e tão pouco um chá emagrecedor, essa é nossa famosa canjica!!! Aqui canjica, em Minas canjicão e no Nordeste Munguzá/Chá de Burro, realmente não sei da onde saiu esse tal de Chá de Burro, [...] a comida faz parte da culinária nordestina, principalmente no Pernambuco, lá é canjica TODO ano, esse negócio de canjica só em festa junina tá por fora [apoiado!]. Ela também é uma comida ritual para a cultura jeje-nago onde é denominada ebô e é ingerida em homenagem a Oxalá [dentro das religiões afro-brasileiras]. [...] É isso ae, até que foi um post instrutivo, vou deixar aqui a receitinha da canjica com amendoim [óbvio] e uma fotinha pra dar vontade de comer.



Canjica ou Mugunzá

- 1/2 kg de milho para canjica
- 2 l de água
- 1 lata de leite condensado
- 2 xícaras de leite comum
- 10 cravos da Índia
- 3 pauzinhos de canela
- 250 g de amendoim torrado e moído grosseiramente
- Canela em pó para polvilhar.

Modo de preparo:

Deixe a canjica de molho na água de um dia para o outro. Coloque na panela de pressão e cozinhe por 30 minutos ou até que esteja macia. Coloque em outra panela se necessário maior acrescente o leite, o leite de coco, o cravo e a canela. Deixe ferver por 10 minutos, mexendo sempre. Acrescente o leite condensado mexendo para não grudar por mais 10 minutos. Desligue estando bem cremosa e não seca. Acrescente o amendoim passe para uma travessa e polvilhe a canela em pó. Sirva morna ou fria.

Dois internautas comentam o post, enfatizando as maneiras diferentes de se comer ou beber o “Chá de Burro”:

Fernando VerasHYPERLINK “#c94060723399677036” 20 de agosto de 2010 05:54

O Chá de Burro é muito popular aqui em Camocim CE. É servido com cuscuz de arroz ou de milho e vendido nas ruas. Uma delícia.

lidyHYPERLINK “#c4874951768807597006” 31 de março de 2012 12:25

No Maranhão também se conhece este prato por chá de burro. Quando falo isso aqui em São Paulo todos dão risadas e perguntam o que é isso...uma delícia.

O Chá de Burro de Camocim leva a maioria dos ingredientes citados acima, contudo, o milho não é o do ponto de canjica, não se usa leite condensado, nem amendoim. Talvez o diferencial da iguaria camocinense seja o coco, produto típico da culinária do litoral, usado tanto no chá, quanto no preparo do cuscuz de milho ou de arroz. A canela é servida em pó, de acordo com o gosto do freguês. Os detalhes do modo de preparo, contudo, não foram bem esclarecidos e talvez resida aí a receita que a família Manduca guarde com grande segredo.

Numa manhã de domingo, como nas lembranças acima descritas, fomos conferir o “ritual” de se consumir o Chá de Burro e aproveitar para fazermos algumas fotos de consumidores da iguaria.

Figura 26 - Consumidores de Chá de Burro (Camocim-CE, 2013)



Fonte: acervo do autor.

Figura 27 - Populares consumindo Chá de Burro no Mercado Público de Camocim-CE (2013)



Fonte: acervo do autor.

Figura 28 - Chá de Burro sendo vendido no ponto do Seu Evandro, no Mercado Público (Camocim-CE, 2013)



Fonte: acervo do autor.

Anexos

Matéria publicada no Blog Camocim Online

QUARTA-FEIRA, 19 DE MARÇO DE 2014
SOBRE CAMOCIM...E O CHÁ DE BURRO



Escrevi este texto num domingo qualquer... É que as memórias domingueiras irremediavelmente me transportam para este dia dedicado a ir ao Mercado Público em priscas eras com meu pai. Além do prazer de desfilar com o “velho” pelas várias bancas, aquela sempre era uma oportunidade de “merendar” algo fora do trivial do que era servido em casa. No meu horizonte de guloseimas, duas se divisavam de acordo com a escolha do meu pai: um copo (americano dos grandes) de refresco de maracujá (que à época se dizia “peroba”) ou uma tigela de “Chá de Burro” com cuscuz de milho ou arroz. Confesso que pro meu apetite de meninote não fazia ainda diferença. Depois de crescido, a ponto de já ir ao mercado sozinho e fazer as compras do dia, a inclinação pelo chá de burro foi se consolidando.

O “quarto” (era assim que se chamava os pontos comerciais) onde se vendia os refrescos não existe mais, contudo, o chá de burro ainda resiste como iguaria feita à base de milho, arroz, leite e canela, uma derivação do mugunzá que caiu no gosto do camocinense a ponto de rivalizar em termos de identidade com o peixe Coró, outrora muito abundante em nosso Rio Coreau (que os mais velhos chamavam Rio da Cruz). O chá de burro, por-

tanto, para muitos é a comida inicial do dia. Seja para os feirantes que iniciam mais uma jornada, seja para os que “viram” a noite em farras e outras folias, ou mesmo para quem já quer começar o dia bem alimentado. Como disse anteriormente, o chá de burro virou marca registrada da culinária camocinense a ponto de ser uma referência cultural de quem mora em Camocim ou de quem parte para outros lugares.

Por outro lado, para quem chega de fora, logo lhe é apresentado como parte de nosso cabedal culinário e passa a fazer parte do universo de lembranças destes visitantes. Basta dar uma breve olhada nas redes sociais para se constatar isso. Pessoas distantes perguntando pelo chá de burro, cronistas locais fazendo-lhe loas, citado nos diários de viagens de turistas ocasionais, inclusive até um blog local leva seu nome. Diante destas observações sugiro que se possa abrir um processo de tombamento junto ao IPHAN, do Chá de Burro como bem imaterial do patrimônio cultural de Camocim.

Carlos Augusto Pereira dos Santos

Historiador

7 COMENTÁRIOS:

Adriana Belchior disse...

Tadeu, depois descobre a origem do nome chá de burro. O texto é ótimo. De início pensei até que fosse seu. Parabéns para o autor.

Abraço Fraterno,

Adriana Belchior

19 DE MARÇO DE 2014 11:08

Adriana Belchior disse...

O texto é ótimo. Pensei de início que fosse seu, Tadeu. Parabéns para o autor. Ahhh, Tadeu, procura a origem do nome Chá de Burro. Fiquei curiosa.

Abraço Fraterno,

Adriana Belchior

19 DE MARÇO DE 2014 11:10

Marcos disse...

QUEM FOR AO MERCADO E NÃO TOMAR UM BELA TIGELA DE CHÁ DE BURRO, NÃO FEZ NADA EM CAMOCIM.

SHOW DE BOLA O CHÁ!!!!

19 DE MARÇO DE 2014 14:11

Programa Última Trombeta disse...

O mungunzá tem origem africana. O chá de burro é o mungunzá em formato light, de consistência em forma de caldo, com alguns ingredientes especiais. Porém, o chá de burro não é uma exclusividade de Camocim, pois na década de 50 já era vendido na feira de Parnaíba, na mesma receita e sabor do “nosso”, pronto para ser servido de preferência bem quente. Já dizia meu velho e saudoso pai, Francisco João Fontenele (conhecido com “Chico das Pímulas”), “in memoriam”.

José Wilson

19 DE MARÇO DE 2014 15:36

PR\$TÍFLER.NET disse...

Parabens...aonde chego falo do cha de burro...q tambem vendem pelas tardes de camocim em bicicletas...delicioso.

19 DE MARÇO DE 2014 18:43

Serrote disse...

É, eu quando vou a Camocim, tenho que saborear o tradicional, chá de barro, dá criação do saudoso Manduca, que seu filho mantém a tradição, e nao existe em lugar men hum, por onde já passei pelo esse Nordeste.

20 DE MARÇO DE 2014 07:38

O dissonante. disse...

O texto deveria ter feito referência ao seu Manduca, que foi quem manteve o chá de burro no mercado público por anos, tornando-o, assim, tradição cultural de Camocim, que hoje é vendido pelos seus parentes. Lembro, também, do chá de pega-pinto que era vendido em uma das esquinas do mercado. Alguém lembra?

21 DE MARÇO DE 2014 05:38

Postar um comentário

Chá de Burro sendo nome de Blog na Internet

Chá de Burro

Humor, textos interessantes, vídeos, cartoons. Para maiores de 18 anos, alfabetizados e sem preconceito.

quinta-feira, 16 de maio de 2013

Primeiro encontro



ART BY: M.C. Carper WRITTEN BY: Tony DiGerolamo

Copyright 2013 Christian Beranek & Anthony M. DiGerolamo

Chá de Burro na poesia. Blog Recanto das Letras.

CAMOCIM - CEARÁ

I

Gostaria de falar
Sobre nossa Camocim
Que todos dizem ser bela
Começa logo por mim
Não sei se vou conseguir
Falar bem até o fim

II

O forte de Camocim
É a hospitalidade
Recebe os visitantes
Sem distinção de idade
Porque todos são bem vindos
Em nossa bela cidade

III

Que falar do Lago Seco
De água limpa e calma
Fundo de areia branca
Do meu pé limpa a palma
Quando tomo banho lá
Lavo até minha alma

IV

E aquele pôr do sol
Tornando belo momento
Sumindo por trás das árvores
Aos poucos no firmamento
Escuto longe um pássaro
Cantando triste lamento

V

A praia das Barreiras
Outra grande atração
Todos para lá convergem
De biquini e calção
Mande preparar moqueca
De arraia ou cação

VI

Lá na Ilha do Amor
De paisagem tão bela
Sempre vou com a esposa
Pois não me separo dela
E lá de cima da duna
Mostro tudo para ela

VII

Não pretendo esquecer
Nossa bela Estação
Desprezada pelo trem
Do tempo sofre ação
Desde que foi preterida
Pelo chefe da Nação

VIII

Outra coisa que eu gosto
É do nosso chá de burro
Bem cedinho no mercado
Só não toma quem é turro
Quando ta se acabando
É disputado no murro

IX

Vamos homenagear
A mulher camocinense
Bonita, bela, formosa,
Um destaque cearense
Se duvidar ela ganha
Até da brasiliense

X

Não esqueci Maceió
Uma praia muito linda
Para quem não a conhece
Aproveite sua vinda
Peça para ver as dunas
Que existem lá ainda

XI

Outros lugares bonitos
Camocim tem pra mostrar
Tatajuba, Boqueirão
Almas e Bitupitá
Para conhecer os mesmos
Só precisa perguntar

XII

Lá na praia do Fortim
Onde ficam as canoas
Formando um colorido
Com suas velas e proas
Uma visão tão bonita
Cujas fotos ficam boas

XIII

Se você está sozinho
E prefere meditar
No finalzinho da tarde

Não há um melhor lugar
Olhando lá das Barreiras
O rio chegando ao mar

XIV

Estando acompanhado
Uma dica vou lhe dar
Procure num bar da praia
Uma gelada tomar

E fique observando
As canoas lá no mar

XV

Não poderia esquecer
Do nosso fresco pescado
Que de manhazinha cedo
Encontramos no mercado
São tantas variedades
Que compramos um bocadinho

XVI

No que tange a política
A cidade se divide
Fundo mole, cara preta
Pra mesa não os convida
São capazes de brigar
Por isso nunca duvida

XVII

Um cabloco engraçado
Pergunta ao Valdivino
Onde tá o teu prefeito
Chamado Chico Vaulino
Que chegou à prefeitura
Mandado pelo Divino

XVIII

Nessa coisa de política
Deixo quem quiser falar
Preferência partidária
É algo particular
Meu pai que sempre votava
Em Murilo Aguiar

XIX

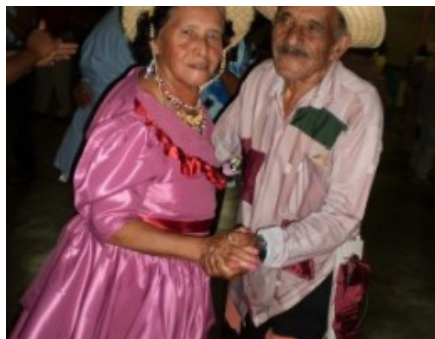
Vou ficando por aqui
Pois o verso acabou
Agradecendo a todos
Que atenção dispensou
Deixo aqui meu abraço
Até pra quem não gostou

Fsouza

Enviado por Fsouza em 02/05/2009
Código do texto: T1572467

O Chá de Burro de Camocim atravessando fronteiras e sendo servido na cidade de Pontes e Lacerda-MT

Festa Junina Feliz Idade 2010



Festa Junina 2010 Projeto Feliz Idade

Foto: Nayla Cristina

O Projeto Feliz Idade promove Festa Junina com mais de 150 Idosos e muita alegria

A Festa Junina do Projeto Feliz Idade realizada no último dia 27 de junho no Centro Social Maria de Melo contou com a presença de mais de 150 idosos e mais familiares. Filhos, netos e amigos prestigiaram o evento e fizeram uma grande festa de confraternização. Durante o evento, foi realizada uma bingo com prêmios produzidos e doados por participantes do Feliz Idade. Uma sanduicheira estava entre os prêmios, além de uma boneca de pano, capas de almofada e outros trabalhos artesanais, também foram sorteados outros prêmios entre os participantes.

Os dançarinos fizeram a alegria de todos bailando pelo salão sem se cansarem. Aos presentes foi servido um prato tradicional original do Nordeste, **o Chá de Burro da cidade de Camocim no Ceará, a 400 quilômetros de Fortaleza**. A coordenadora do Feliz Idade, Márcia Sespere diz ter muito prazer em realizar esse trabalho tão especial. O Projeto Feliz Idade é mantido pela Prefeitura Municipal de Pontes e Lacerda através da Secretaria de Assistência Social e Trabalho, o Projeto mantém 150 Idosos inscritos fora aqueles que sempre visitam o programa como parceiros e amigos.

DO LIVRO PARA O TEATRO: AS MEMÓRIAS “ENTRE O PORTO E A ESTAÇÃO”

GRUPO



Apresenta:

Memórias

Uma Peça Teatral com embasamento histórico no livro **Entre o Porto a Estação** – *Cotidiano e Cultura dos Trabalhadores Urbanos de Camocim - CE 1920 e 1970*, obra de Carlos Augusto Pereira dos Santos. Incluindo contos de outros conterrâneos. A mesma foi construída e adaptada por Gabi Ferreira, Helanne Monteiro, Ivan Brito, Janiele Ferreira, Jú Moraes, Margho Moraes, Rikelmy Lima, Yvinna Sousa e Lucas Lima.

Perfil dos Personagens:

Amigos falecidos:

- D. Fransquinha

Francisca Maria Pereira Salitre. Nascida em 27 de fevereiro de 1925 – falecida em 08 de março de 2008.

- Seu Zé

José Aparecido Silva do Nascimento. Nascido em 18 de julho de 1919 – falecido em 11 de novembro de 2000.

- D. Soledade

Maria Soledade Castro Bezerra de Souza. Nascida em 25 de dezembro de 1928 –

falecida em 07 de janeiro de 1999.

- Seu Tião

Raimundo Sebastião Santana de Paula. Nascido em 07 de agosto de 1911 – falecido em 29 de outubro de 2004.

- D. Socorro

Maria do Socorro Rodrigues das Chagas. Nascida em 02 de abril de 1907 – falecida em 07 de abril de 2003.

- D. Benedita

Benedita Augusta Rocha Ferreira. Nascida em 04 de junho de – falecida em 12 de setembro de 2016.

- Seu João Honório

João Honório Carvalho Arruda Couto. Nascido em 18 de julho de 1919 – falecido em 11 de novembro de 2000.

Amigos vivos:

- D. Monalisa (Margho)

Monalisa Neves Alcântara Ferreira. Nascida em 24 de fevereiro de 1930.

- D. Maria Luiza (Gabi)

Maria Luiza Queiroz Dutra. Nascida em 07 de julho de 1937.

- D. Dora (Ju)

Dorotéia do Carmo Ambrósio Lima. Nascida em 28 de fevereiro de 1929.

- D. Margarida (Janiele)

Margarida Maria dos Santos Juvêncio. Nascida em 13 de março de 1925.

- D. Dercy (Yvinna)

Francisca Dercyana Alves dos Santos. Nascida em 02 de maio de 1927.

- Seu Chico (Ivan)

Francisco dos Santos da Conceição. Nascido em 19 de agosto de 1925.

- Seu Augustinho (Rikelmy)

José Augusto Maciel Almeida. Nascido em 14 de novembro de 1929.

MEMÓRIA ICONOGRÁFICA DE ÉPOCA

Figura 29 - Bailarinas do Carnaval de Camocim (1925)



Fonte: O Malho (RJ).

Figura 30 - Bloco do Treco (Camocim-CE, 1967)



Fonte: Arquivo Aroldo Viana.

Figura 31 - Camocim Foot Ball Club (1913)



Em Camocim: «Camocim Foot-Ball Club», o segundo time, antes de fazer um bello goal

Fonte: O Malho (RJ).

Figura 32 - Vista panorâmica do cais do Porto de Camocim (Anos 1950)



Fonte: Arquivo particular da Sra. Elda Aguiar.

Figura 33 - Rebelião da Ferrovia (Camocim, 1950)



Fonte: Blog Camocim Pote de Histórias.

Há vários anos, na cidade de Camocim-CE, na década de 1940, surgiu um grupo de amigos que se conheceram na Estação Ferroviária, exatamente naquelas esperas e partidas de “horários”, onde o lugar parecia uma catedral em festa.

Com o passar do tempo, alguns foram buscar melhorias em cidades distantes, outros ficaram e construíram também suas vidas e famílias, já uma parte deles, se foi desta vida, ficando apenas as lembranças boas e os laços de afeto. Por incrível que pareça, essa aliança se fortaleceu, perdurando até os dias atuais.

Em determinados anos escolhidos por eles, são realizados encontros desses jovens de outrora, aqui mesmo na cidade de Camocim, precisamente no mês de setembro, para celebrar não só o aniversário do município, como também a linda amizade de tanto tempo.

{A estória inicia com o encontro desses amigos na Pracinha do Amor, que é sempre regado de alegria e muita conversa sobre um passado de que nunca foi esquecido}.

1. **D. Monalisa:** Nossa, quanto tempo! Como vocês estão?
2. **D. Maria Luiza:** Muito velhos {risos irônicos}
3. **D. Monalisa:** Sempre brincalhona né Maria? Hahaha
4. **D. Dora:** Meus queridos é um prazer tá aqui de novo com vocês.
5. **D. Margarida:** Alguém vem me limpar!
6. **D. Dercy:** Pera Margarida, pera mulher!
7. **Seu Chico:** Minhas 'réa' namoradeira, mais lindas do que nunca, um pouco descidas.
8. **D. Dercy:** Descida vai ser minha mão na sua cara! Estamos na melhor idade.
9. **Seu Augustinho:** Alguma coisa mudou ou é impressão minha?
10. **D. Monalisa:** Claro que mudou Augustinho! Tiraram o Cabaré lá daquela esquina.
11. **D. Dercy:** Lá daquela esquina!
12. **Seu Augustinho:** Nem nessa, nem naquela esquina, ficava na zona do baixo meretrício, precisamente no beco do Macedo. Eu lembro das meretrizes indo e voltando, indo e voltando... Aiai {suspiro}
13. **Seu Chico:** Bons tempos, não era meu velho amigo? {Augustinho responde apenas com gesto}
14. **D. Maria Luiza:** Tava demorando pra chegar nas indecências... Esses velhos.
15. **D. Dora:** O Augustinho não toma jeito. Os cabelos estão brancos e pensa ainda que é novín. Se endireita homem!
16. **D. Dercy:** Mas é verdade, tinha sempre essa movimentação lá no bichin... No... Gafanhoto... Como é, mulher? Formiguinha!
17. **D. Margarida:** É Joaninha, mulher. Conhecido como Cabaré da Joaninha.
18. **D. Dercy:** Oooh tempo bom!
19. **D. Monalisa:** Mudando de assunto, tava pensando aqui minha gente... Lembrando de quando eu passava lá na Rua do Egito à noite, cês lembram onde era né? {alguns dizem que sim e outros que não, respondendo com gestos} Ali meu povo, perto da Estação. {respondem também com gestos} As pessoas se sentavam nas calçadas pra aproveitar a brisa do mar e prosear um pouco. Nessa rua moravam os trabalhadores das Oficinas, gente do povo e pequenos comerciantes. Uma rua tranquila e ao mesmo tempo efervescente. Passava lá toda vez que ia olhar o Porto... E falando no Porto, uma vez passando pelo lugar, eu vi um soldado recém chegado chamado Santana. Cês lembram dele? {tosses}

20. **D. Maria Luiza:** Ah é, lembro sim, lembro bem. Mal chegou na cidade e já queria mostrar serviço. Não estava acostumado com a fuzarca daqui.
21. **D. Monalisa:** Ah... Foi ele que matou o rapaz chamado Cícero, não é?
22. **D. Dora:** Justamente, o mesmo!
23. **D. Dercy:** Cícero? Que Cícero? O Cícero da Doquinha?
24. **D. Margarida:** Não, mulher. O canário! O Cícero Canário!
25. **Seu Chico:** Eu me lembro desse tempo, todo mundo parou no Terra e Mar. O soldado homicida foi preso em flagrante pelo crime.
26. **D. Maria Luiza:** Nos reunimos aqui para falar do Terra e Mar mesmo? Foi isso? Assim eu já volto, vou pra casa!
27. **D. Margarida:** Vaaai não mulher Luiza!
28. **Seu Augustinho:** Vá não Luiza! A D. Monalisa falou sobre o Porto, e me veio aqui recordações: vocês lembram aqueles navios que viam lá do exterior pro Porto daqui?
29. **D. Dercy:** Lembro muito bem daqueles marinheiros, chega dá uma quentura aqui embaixo.
30. **D. Margarida:** Parece que foi ontem, do tempo que eu tinha dente.
31. **Seu Chico:** Deixem de ser salientes suas réa!
32. **D. Dercy:** Eu vou te pegar Chico, vem cá, vem... {tenta ir atrás de Seu Chico}
33. **D. Margarida:** Escapou de levar uma mordida.
34. **D. Monalisa:** Se acalme minha gente! Vocês já pararam pra pensar o quanto aqueles trabalhadores sofriam? O negócio era ruim com os patrões de antigamente. {roncos e peidos}
35. **D. Dora:** O negócio era ruim pra uns e muito bom pra outros.
36. **D. Maria Luiza:** Chegava mercadoria de todo lugar. Os ricos lucravam com os produtos, enquanto o povo mais humilde passava necessidades.
37. **Seu Chico:** Se acorde meu amigo! Oh homi pra dormir... {Augustinho acorda assustado} Mas também temos que levar em consideração que esse Porto trouxe vários empregos para cidade.
38. **Seu Augustino:** Mas nada se compara com a Estrada de Ferro, ela sim movimentava a economia daqui.
39. **D. Dercy:** Verdade... Lembro como se fosse agorinha dos algodão. Mas era muito algodão... Era tanto algodão, que haja contonete! {gargalhadas}
40. **Seu Augustinho:** O quê que tem minha mobilete?
41. **D. Dercy:** Tá vendo? É pra isso que serve contonete!
42. **D. Margarida:** Eu tenho um, sempre ando prevenida.
43. **D. Dercy:** Esse algodão é de mil novecentos e eu mocinha.
44. **D. Margarida:** Do tempo que eu me limpava sozinha. {gargalhadas}

45. **Seu Chico:** Parem de frescura, diacho de contonete! Com o avanço, a Ferrovia passou a se submeter o Porto, movimentando o comércio da região. A gente aqui falando de assunto sério e vocês aí se divertindo com as prosa.
46. **Seu Augustinho:** Num é meu amigo, deixe elas. E é verdade viu, me lembro quando chegava de viagem, avistava as mulheres com seus tabuleiros vendendo tapioca, beiju, cocada, da preta e da branca, cuscuz de arroz, peixe e até farinha.
47. **Seu Chico:** Isso! Comi muita cocada. Era um culumim réi, não saía lá da Ferrovia, era tão bom o movimento.
48. **D. Dercy:** Me lembro que mainha vendia cortina de fuxico pra sustentar eu e meus onze irmãos e o gigolô do meu pai... Que Deus o tenha!
49. **D. Margarida:** Que Deus o tenha! Que Deus o tenha! Que Deus o tenha!
50. **D. Dercy:** Tá bom, Margarida. É Ave Maria que é três vezes, num é que Deus o tenha não!
51. **D. Maria Luiza:** Pena que a Indústria sobralense não se capacitou da tecnologia, recorde que reduziu a capacidade de sua produção e ficou cada vez mais dependente do povo de fora.
52. **D. Monalisa:** É, e naquela época Fortaleza já tinha deixado de ser o símbolo burocrático e começou a se desenvolver devido à nova estrutura.
53. **D. Maria Luiza:** Naquela altura, tanto o Porto de Aracati como o daqui de Camocim enfraqueceram seus movimentos. Não eram mais páreos pro Porto do Mucuripe, que a cada dia que passava ficava mais moderno, permitindo uma maior concentração de trabalho.
54. **D. Dora:** É verdade, com essas mudanças Fortaleza se encheu de gente, mais muita gente, mais muita gente, mais muita gente mesmo! Se tornou uma das maiores potências da economia do Estado e da Região.
55. **D. Margarida:** Menino era tanta gente, que parecia a fila do banco no dia do aposento. {risos}
56. **Seu Augustinho:** Meu jumento?
57. **D. Dercy:** O jumento? {risos escandalosos} Augustinho num escuta mais não minha gente.
58. **D. Margarida:** Alguém vem me limpar?
59. **Todos:** De novo?
60. **D. Margarida:** Alarme falso.
61. **Todos:** Ah!
62. **Seu Augustinho:** Margarida o que o povo vai pensar de nós. Se acoche, mulher!
63. **D. Dercy:** Logo que eu tava de paquera com aquele brotinho ali você me passa essas vergonhas.

64. **D. Dora:** Oh minha gente, parem com isso! Agora que eu tava gostando do assunto vocês ficam aí falando boboça. Tava tão bom lembrar meu Camocim de antigamente.
65. **D. Maria Luiza:** A cidade era bastante movimentada, tinham vários cinemas, lembro agora do *Recreio* e *Smart* ficavam nas imediações do Porto e da Estação, na Rua Engenheiro Privat, davam um requinte a mais ao lugar.
66. **D. Monalisa:** Também nesta mesma rua tinha o *Cine João Veras* que resistiu até o final dos anos 1980.
67. **D. Dora:** Lembro de um belo salão e piano de cauda que acompanhava as sessões de cinema-mudo, não lembro qual era o *Cine*, mas nunca esqueci esse piano.
68. **Seu Augustinho:** Os filmes eram anunciados nas tabuletas espalhadas pela cidade. Sinto falta.
69. **Seu Chico:** E como era bom.
70. **D. Maria Luiza:** É, oh saudade...
71. **D. Monalisa:** Oh saudade dos tempos de outrora.
72. **Seu Chico:** Oh saudade quando nós brincava no mei dos trilho.
73. **Seu Augustinho:** Oh saudade do cheiro do carvão saindo da caldeira do trem.
74. **D. Dora:** Oh saudade de quando a gente se reunia no terreiro lá de casa pra brincar no pé de siriguela.
75. **D. Margarida:** Oh saudade de quando eu era mocinha, bonita e namorava José Fino, o coroinha.
76. **D. Dercy:** Oh saudade... E vocês lembram quando tudo isso acabou? Quando a Maria Fumaça foi embora com suas trinta e três badaladas. Ao seu redor, o povo chorava e se lamentava. Adeus trenzinho que eu amava. Adeus... {Todos param no tempo com olhares longes e com sentimentos de tristeza}
77. **Seu Chico:** Mas enfim, bora falar de coisas boas! Cêis lembram como o carnaval daqui era? No tempo de um carnaval nas ruas e nos Clube, uma festa sadia. A gente vestia as fantasia e acalorava o momento.
78. **D. Monalisa:** O carnaval é um dos festejos que eu mais gosto, depois do meu aniversário é claro! Ainda tenho aquela máscara que eu usei no meu último bloco. Brinquei tanto no carnaval de rua. Oooh coisa boa!
79. **D. Maria Luiza:** Adorava os bailes que tinham aqui, frequentava todos. *Camocim Club*, *Comercial Clube*... Ah! Também o *Balneário Sport Club*. Cada ano fazia uma fantasia mais bonita que a outra.
80. **Seu Augustinho:** É verdade, a cidade era cheia de mulheres bonitas; não que hoje não tenha, tem, mas nada se compara a nossa época. Vinha gente de tudo que era canto... Ainda ouço os sons das machinhas. {som de marchinhas}
81. **D. Dora:** Recordo daquelas festas que tinha aqui na cidade.

82. **D. Dercy:** Me alembro quando era novinha. O carnaval era bom demais com confetes e serpentinas. Também tinha muitos moços bonitos que vinham de fora viu Augustinho! Era cada sotaque diferente.
83. **D. Maria Luiza:** Além disso, o lugar mais bem frequentado era o *Sport Club* com suas cortinas de veludos. Fui várias vezes aquele lugar; servia para todas as solenidades e festas na época. (início do século XX)
84. **D. Margarida:** Até ele pegar fogo!
85. **D. Maria Luiza:** Verdade, ô tristeza aquele incêndio. Ainda hoje podemos ver suas ruínas no centro da cidade que demonstram sua imponência arquitetônica. Como em muitas cidades, os Clubes Sociais já não possuem mais o mesmo *glamour* de antes.
86. **Seu Chico:** Recordei das procissões de São Pedro de quando eu partia pelo mar. Ainda vou até hoje, mas saio por terra mesmo, não tenho mais aquela juventude.
87. **D. Margarida:** Eu não perdia uma festa do Padroeiro, mas enquanto todos rezavam, eu saía pra ruazinha do lado com José Fino, que Deus me perdoe.
88. **D. Dercy:** Que Deus te perdoe!
89. **D. Margarida:** E que te perdoe também, lembra das tertúlias? Que tu se mandava, e nem satisfação pra tua mãe dava?
90. **Seu Augustinho:** Ai, as tertúlias, como era bom! As meninas colocavam a radiola pra tocar com as músicas românticas, era cada cheiro no cangote, ai, ai. Mas eu gostava mesmo era das de discoteca, eu me requiebrava todo.
91. **D. Dora:** Eu não perdia uma, foi em uma dessa que encontrei meu amor, meu réi, que Deus o tenha, a gente amava as músicas românticas pra ficar bem juntinho.
92. **D. Maria Luiza:** Eu fico aqui observando essas mudanças, as nossas lembranças de antigamente. Como é bom nos reunimos pra manter nossas memórias.
93. **D. Monalisa:** Pois bem, já conversamos demais, bora animar esse encontro!
94. **D. Dercy:** Solta o som maestro! {danças e músicas das antigas. Seu Augustinho dançando com D. Dora sente-se mal}
95. **D. Dora:** Valha-me Deus, seu Augustinho tá tendo um passatempo!
96. **D. Monalisa:** É passamento mulher!
97. **D. Dercy:** Nem botei meu vestido preto pra lavar.
98. **D. Margarida:** Acode! {gritando} {todos se reúnem ao seu redor com aflição}
99. **Seu Chico:** Espere que tenho um remédio pra ele... {vem com um litro de pinga mão e coloca para ele cheirar. Rapidamente Seu Augustinho retorna}
100. **Seu Augustinho:** Oooooopa, voltei!
101. **D. Maria Luiza:** É Melhor irmos parando por aqui se não vamos acabar morrendo de verdade. {risos}

102. **D. Dercy:** Ah, tá faltando o retrato. Reúne todo mundo. {Aos poucos e lentamente posicionam-se os amigos para a foto}
103. **Seu Chico:** Cadê a máquina?
104. **D. Margarida:** Tá aqui, eu acho que ainda tem filme. {Todos na pose para a foto. Após a foto saem um pouco da posição}
105. **D. Dora:** E viva a boa e velha amizade!
106. **Todos:** Viva! {todos saem se confraternizando ficando apenas Augustinho dormindo... Quando todos estão saindo ele acorda}
107. **Seu Augustinho:** Ai, ai, eu já falei das meretrizes? Epa, cadê todo mundo? {avista os amigos saindo} Me esperem, bando de velhos ingratos!

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, R. Batista. **História do Ceará**. Vol. 1, 3ª edição. Fortaleza, 1990.
- ARAGÃO, R. Batista. **Pedra Verde**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1977.
- CAMPOS, Eduardo. **Fortaleza Provincial**. Fortaleza, 1988a.
- CAMPOS, Eduardo. **Crônica do Ceará agrário**: fundamentos do exercício agrônomo; ensaio. Fortaleza, Stylus, 1988b.
- CARVALHO, Heitor Ferreira de. As posturas e o espaço urbano comercial: ocupação e transgressão na São Luís Oitocentista. **Caderno Pós Ciências Sociais**, v.1 n.1 mar./jul., São Luís/MA, 2004.
- CORBIN, Alan. **O território do vazio**. A praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CORDEIRO, Ana Lúcia. “Crenças em conflito”. **Nossa História**. Ano 3, n. 34, agosto de 2006.
- CORDEIRO, José. **Os Índios no Siará**. Massacre e resistência. Fortaleza, ed., 1989.
- COSTA, Lustosa da. **Sobral do meu tempo**. Brasília: Senado Federal, 1982. Coleção Lima Barreto.
- ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**: uma História dos Costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. v. 1.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.
- FOOT HARDMAN, Francisco. **Nem pátria, nem patrão!**: memória operária, cultura e literatura no Brasil. Terceira edição revista e ampliada. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.
- FREIRE, Manoel. A retórica do oprimido: sobre a idéia de literatura militante em Lima Barreto. **Travessias**. Pesquisa em Educação, Cultura, Linguagem e Arte, n. 2, 1982. Disponível em: www.unioeste.br/travessias. Acesso em: 21 maio 2018.
- GEBARA, Ademir. **O mercado de trabalho livre no Brasil (1871-1888)**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

- KROMMEN, Rita. **Mathias Beck e a Cia. das Índias Ocidentais**. O domínio holandês no Ceará Colonial. Fortaleza: UFC/Casa José de Alencar, 1997. Coleção Alagadiço Novo – 106.
- MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã – Feuerbach**. Ed. Hucitec, SP, 1986.
- MATTOSO, Kátia M. de Queirós. **Bahia – Século XIX: uma Província no Império**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- MONTEIRO, Tóbis Melo. **Camocim Centenário 1879-1979**. 1ªed, Fortaleza. CE: Imprensa Oficial do Ceará, 1984.
- NOGUEIRA, J. **Fortaleza Velha. Crônicas**. 2º ed. Fortaleza: Edições UFC/PMF, 1980 (Col. José de Alencar).
- OLIVEIRA, André Frota de. O Povoamento do Ceará e as Sesmarias. *In: Organização Arquivo Público do Estado do Ceará. Datas e Sesmarias do Ceará e índices das datas de sesmarias*: digitalização dos volumes editados nos anos de 1920 a 1928. Fortaleza: Expressão Gráfica/Wave Media, 2006.
- PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio cultural**: consciência e preservação. São Paulo: Brasiliense, 2009.
- PEREIRA, Felipe Francisco. **Roteiro da Costa Norte do Brasil**. Desde Maceió até o Pará. Pernambuco. Typographia do Jornal do Recife, 1877.
- POMPEU SOBRINHO, Thomaz. **Sesmarias cearenses**: Distribuição geográfica. Fortaleza, Departamento de Imprensa Oficial, 1962.
- POMPEU SOBRINHO, Thomaz. Povoamento do Nordeste Brasileiro. **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza, tomo LI, 1937.
- SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. **A Casa do Povo**. História do Legislativo Camocinense. Sobral, CE: Sobral Gráfica, 2008.
- SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. “Notas sobre o Colégio Estadual Padre Anchieta”. *In: O Literário*, Ano II, Edição 12, junho de 2000. Camocim-CE.
- SILVA, Fernando Teixeira da. **Operários sem patrões**. Os trabalhadores da cidade de Santos no entreguerras. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.
- SILVA, Marcos José Diniz. **No compasso do progresso**. A maçonaria e os trabalhadores cearenses. Coleção Mundos do Trabalho. Fortaleza-CE, 2007.
- VAINFAS, Ronaldo. **Traição**. Um jesuíta a serviço do Brasil holandês processado pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- VARINE, Huges de. **As raízes do futuro**: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

Editora
**SER
TAO
CULT**
10 anos

Este livro foi composto em fonte Apple Garamond, impresso no formato 15 x 22 cm
em Pólen natural 80 g g/m², com 112 páginas e em e-book formato pdf.
Abril de 2024.



ISBN 978-655421126-0



9

786554

211260

Editora

SERTÃO CULT